

fundamentos

GUERRA

GUERRA

engagem

GUERRA

GUERRA

GUERRA

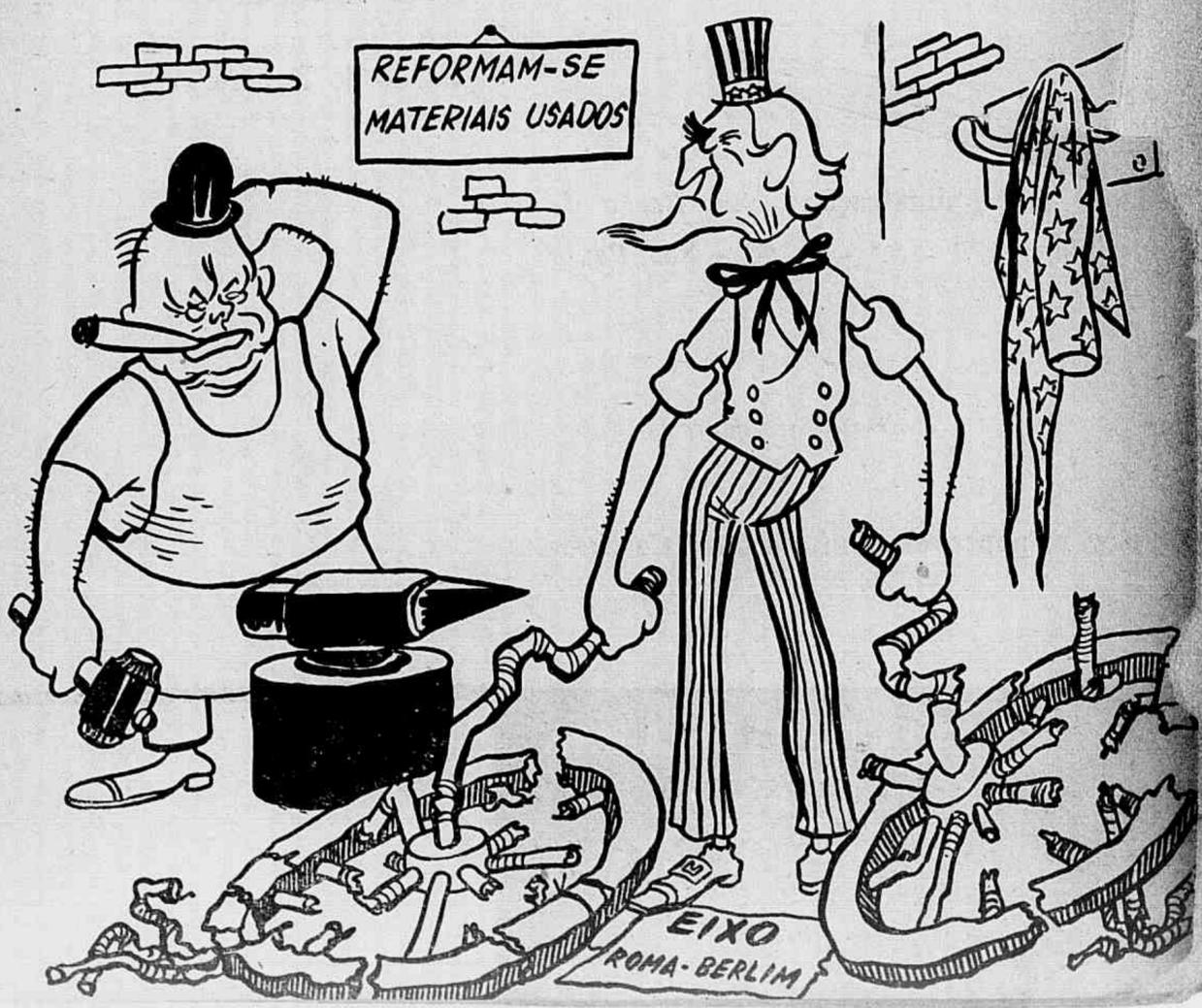
GUERRA

GUERRA

MACIA LANQUE

m a serviço da guerra e da opressão

de Escritores Brasileiros



REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO

fundamentos

Ano II * N.º 13 * Março 1950

Comissão de Redação: Afonso Schmidt,
Artur Neves, Caio Prado Junior, J. E.
Fernandes e Rui Barbosa Cardoso.



Conselho de Redação: Annibal M. Machado,
Aparicio Torelli, Artur Ramos (+), Astro-
gildo Pereira, Candido Portinari, Clovis
Graciano, Edison Carneiro, Galeão Coutinho,
Graciliano Ramos, J. Vilanova Artigas, Mario
Schenberg, Moacir Werneck de Castro, Oscar
Niemeier e Samuel Barnsley Pessoa.



Fundamentos não se responsabiliza pelos
conceitos emitidos em trabalhos assinados.
Não devolve originais.



Redação e Administração: Rua Barão de
Tapetininga 275 - 9.º - S. 96 - São Paulo



Diretor responsável: Rui Barbosa Cardoso.

O Perigo de Guerra e a Visita de Kennan	3
A Diplomacia Ianque	4
<i>O Lançamento do Plano Cohen Continental na Bolívia</i>	4
<i>Onu — Tribuna da Paz</i>	5
<i>Eduardo Prado, os Americanos e o Soberano Nacional</i>	6
<i>Monteiro Lobato — herói da luta anti-imperialista</i>	9
III Congresso de Escritores Brasileiros	11
Uma Literatura de Decadência	12
Cosmopolitismo e Internacionalismo ..	15
Fetis Siablikov (conto soviético)	16
"Seleções" Breviário da Cultura norte-Americana	20
Poema de Homem Sem Terra	21
O Sabóó — A terra do lixo	22
A Correlação Mundial de Forças e a luta contra a Guerra	24
Adeus Zelia	26
Zelia Magalhães	27
Júlio Fucik, O Soldado da Liberdade ..	29
Mãos	31
A Autocrítica dos Comunistas e as Traças dos Socialistas	32
Apro — fundamentos	33
Cinema	34
Ciência em Fôco	35
Notas e Notícias	38
Mundo Universitário	41
Forum dos Leitores	42
Livros e Revistas	43
Resenha Política	46

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO

O perigo de guerra e a visita de Kennan

O recrudescimento dos preparativos militares de agressão e desencadeando de uma nova guerra, as ameaças abertas à paz feitas pelos corculos dirigentes da Inglaterra e dos Estados Unidos, nas ultimas semanas, constituem sinal evidente de que aumentou a agressividade do campo imperialista. Isto significa que o perigo de guerra não só continua a existir mas que aumentou. Seria um erro profundo pensar que o perigo de guerra diminuiu pela fato da correlação mundial de forças haver se modificado a favor de campo da paz e do socialismo. É necessário combater qualquer tendecia desse tipo nas fileiras dos partidários da paz, pois a experiência histórica mostra que quanto mais é desesperada a causa da reação imperialista tanto maior é o seu furor, e maiores são os perigos dela se lancar em aventuras de carater militar.

Diante dessa situação a tarefa principal dos povos, das forças progresistas e das organizações democraticas consiste em lutar pela paz.

É necessário levar à falencia os planos de agressão imperialista. Os povos devem para isso aumentar a sua vigilancia e as fileiras organizadas dos partidarios da paz necessitam ser reforçadas afimde que todas as forças da paz sejam lancadas à luta ativa.

A existencia de perigo de guerra pode ser comprovada não só pela analise da situação internacional, mas tambem pela observação de como se desenrolam os acontecimentos em nosso pais. Não ha um só ato das classes dirigentes de nossa terra, e em especial do governo, que não tenha como objetivo a subordinação total do pais aos planos agressivos dos imperialismo americano. As leis de exceção, os "planos cohen", os tratados secretos realizados com os Estado Unidos para a entrega dos nossos minérios, o controle das forças armadas brasileiras por técnicos e oficiais americanos, a repressão violenta ao movimento dos partidarios da paz, o assassinato de dirigentes operarios, são frutos dessa politica guerreira e de traição nacional. Alem disso, acentuaram-se recentemente o controle da vida do pais pelos militares fascistas, varias fabricas comecam a funcionar para fins militares, novas conferencias sôbre temas guereiros são feitas por oficiais do exercito e o combate ao comunismo e ao movimento democratico em geral já é cinicamente apresentado como uma medida de guerra necessária, pois segundo os teóricos do imperialismo é necessário, para assegurar a retaguarda; liquidar os patriotas que se opoñham à entrega do pais aos banqueiros americanos ou que não concordam com a guerra de Wall Street contra a União Sovietica e as democracias populares, contra a liberdade e independencia do país. Uma coisa é certa para todos os brasileiros: os preparativos guerreiros significam para o nosso pais o avassalamento da sua soberania. A medida que avancam os planos de agressão do imperialismo novas concessões são exigidas. O governo tanto o federal como o estadual, as classes dominantes e seus partidos sem exceção, concordam inteiramente com a entrega do pais ao imperialismo, concordam enfim que o nosso povo seja envolvido na guerra contra a URSS. O controle total do pais pelos imperialistas americanos tem significado maiores sacrificios para o novo, mais fome, repressão policial contra os trabalhadores e os patriotas. Esta a "ordem e democracia" reinante em nossa terra, esta a situação que os imperialistas consideram como "condições politicas favoraveis" ao investimento de capitais.

É para consolidar esta ordem, a ordem de Dutra, Ademar, e cerceadores da liberdade, ordem que consiste em metralhar operarios patriotas que lutam por aumento de salario ou em defesa do petroleo, e em dar emprestimos de 70 milhões de dolares à Light, que consiste em acelerar a preparação guerreira; é para consolidar tal estado de coisas que os americanos pretendem realizar a reunião de embaixadores (espiões) no Rio, nos primeiros dias de marco. Esta reunião será diriida por dois tenebrosos provocadores guerra, o espião Kennan e o sub-secretario de Estado, Miller.

Bastaria êste fato para mostrar quanto é grave o perigo de guerra. Se a isto ajuntamos a provocação da

Bolívia e o novo plano cohen vemos quanto o nosso pais é importante para os planos guerreiros de Trumam. Os imperialistas sabem que para desencadear a guerra precisam garantir a retaguarda, precisam prèviamente "ter subjogado "seus" operarios, "suas" colonias." A reunião do Rio, chefiada pelos espiões Kennan e Miller, é portanto uma reunião de guerra. É da maior importancia, na luta pela paz e a independencia nacional, impedir esta reunião, o que só e possível se levantar-mos em todo o pais as massas num amplo e vigoroso movimento de protesto. A nossa responsabilidade é grande. Temos de repetir o que fizeram nossos irmãos franceses em Nice. Agiram concretamente diante de uma medida de guerra: mobilisaram-se e puseram no mar os engenhos de guerra que se destinavam a assassinar os patriotas da Indochina que lutam pela independência nacional e em defesa da paz. Ante a ameaça de Kennan e Miller não podemos ficar apenas nos protestos verbais: o nosso povo deve ser mobilizado para demonstrações de massa que exprimam a repulsa dos brasileiros aos provocadores de guerra ianques e ao governo de traição nacional de Dutra. É indispensavel evitar o desembarque de Kennan e Miller. É indispensavel criar em nosso pais um clima irrespiravel para os conquistadores americanos.

A situação que vivemos é portanto da maior gravidade. Vemos que há o perigo de guerra e que para nós, brasileiros, a preparação guerreira é feita paralelamente com a avassalamento da independencia nacional, que a nossa luta pela paz funde-se com a luta de libertação nacional. É claro que os planos de imperialismo não são levados avante em nossa terra sem encontrar resistencia. Não! Se há uma minoria de traidores, se as classes dominantes e os homens do governo abrem as portas do pais aos vorazes imperialistas americanos e contam com a guerra para evitar a crise e aumentar seus lucros; não é esta a posição da maioria de nosso povo. Aí estão as grandes lutas da classe operárias, que atingida pela politica guerreira em suas condições de vida e liberdade, reage e realiza grandes grèves, como o recente movimento dos ferroviários da Central. Aí estão as lutas dos patriotas em defesa do petroleo e das riquezas nacionais. Aí estão os movimentos estudantis todos eles de cunho patriotico. Aí está a grande campanha nacional contra a lei de segurança e em defesa das liberdades publicas. Aí estão, finalmente, estando a vontade de paz do nosso povo, as demonstrações realizadas em nosso país por ocasião dos Congressos de Paris e do Mexico e durante a Jornada da Paz, que custaram o sangue e a vida de valorosos combatentes.

Mas essa resistencia precisa ser ampliada e reforçada. Há grandes massas de nosso povo que necessitam ser despertadas — é tarefa de todos patriotas mostrar a essas massas que há um perigo de guerra, que este perigo ameaça a todos, que a guerra significa a escravidão, o avassalamento da independência nacional e sofrimentos inimaginaveis para o nosso povo. Estamos atrasados em relação às medidas de guerra. Temos de reconhecer as debilidades da luta em defesa da paz para reforça-la urgentemente, enfrentando e derrotando cada uma das medidas guerreiras do governo. E' por isso que temos de lutar para impedir a reunião dos embaixadores (espiões) americanos no Rio. Esta luta é importante porque nos leva para o terreno concreto do reforçamento do movimento dos partidários da paz, abrindo um amplo campo para fundir a luta pela paz com a luta pela libertação nacional.

O povo brasileiro tem sôbre seus ombros grandes responsabilidades na defesa da paz e na luta contra os fautores de guerra. A nossa vigilancia, e em primeiro lugar a dos trabalhadores, deve redobrar e se traduzir em ações de nossa massa em defesa da paz.

Temos ante nós uma perspectiva de sucessos: podemos, ao lado dos partidarios da paz de todo o mundo, impedir o desencadeamento de uma nova guerra pelos imperialistas, salvar a humanidade de uma nova e criminosa destruição, e abrir o caminho para vitória final do socialismo.

A DIPLOMACIA IANQUE

Máquina de espionagem e opressão a serviço da guerra

Vem sendo largamente anunciada pela imprensa de todo o continente a realização, a 1.º de março, no Rio de Janeiro, de uma conferência dos embaixadores ianques de todos os países da América do Sul. A realização desse conclave, em que vão reunir-se os agentes do Departamento de Estado norte-americano, não é um fato isolado na estratégia da diplomacia do governo de Truman. Trata-se de uma reunião com as mesmas características das que foram recentemente realizadas em Ankara, Londres, Havana, e Bangcoc e nas quais os representantes mais categorizados do Serviço de Informação do Departamento de Estado coordenam os seus movimentos e atividades no sentido de enquadrar no seu plano guerreiro os recursos de outros países, principalmente daqueles cujos governos já se encontram a serviço do imperialismo norte-americano. Pretendem os diplomatas ianques, com a convocação de conferências desse tipo, aprofundar a subjugação de povos e garantir a obtenção de bases militares, matérias primas estratégicas e recursos em homens, que tornem possível a aventura de uma 3.ª guerra mundial contra a União Soviética e as Democracias Populares.

A urgência com que essas conferências estão sendo convocadas e o cinismo com que nelas são discutidos problemas de ordem puramente interna dos países que os norte-americanos pretendem envolver em suas diabólicas maquinações dão bem a medida do desespero em que se encontram os monopolistas que controlam a política do Departamento de Estado. Esse desespero resulta do agravamento da crise capitalista, que hoje se manifesta com mais intensidade na estrutura econômico-social dos Estados Unidos, país que, neste após-guerra, se tornou de fato o centro mundial da exploração capitalista.

OS IMPERIALISTAS IANQUES SÓ VÊEM UMA SAÍDA — A GUERRA

Nestes últimos meses tornaram-se mais evidentes os propósitos guerreiros dos imperialistas norte-ame-

ricanos. Toda a imprensa controlada pelas forças a serviço da guerra vem-se dedicando com redobrado vigor à preparação de um clima psicológico favorável à deflagração do conflito e para isso tem procurado apresentar a guerra como um fato inevitável. A argumentação em que se baseia a propaganda guerreira dos norte-americanos e de seus sócios menores acentua a pretensa

impossibilidade da coexistência pacífica dos países de regime capitalista e a U.R.S.S. e outros países que marcham para o socialismo. Tentam os forjadores de uma nova guerra apresentar a União Soviética como uma potência agressora e procuram caracterizar os movimentos da libertação nacional dos povos oprimidos como avanços do "imperialismo soviético". Com isso

O LANÇAMENTO DO "PLANO COHEN" CONTINENTAL NA BOLÍVIA

Desmascarado pela vigilância da imprensa popular e das organizações patrióticas de todo o país, que se mobilizaram em poucas horas para enfrentar e barrar os seus sinistros desígnios, o novo "Plano Cohen" de provocação guerreira do imperialismo norte-americano contra o nosso povo e suas liberdades, foi transplantado para a Bolívia, onde os agentes do Departamento de Estado dispuseram facilmente de seus serviços da reação local, para produzir em escala continental a provocação de guerra e o banho de repressão que não puderam ainda concretizar totalmente no Brasil.

Não contando os provocadores imperialistas com a elevação do nível político do nosso povo, subestimando a capacidade de vigilância da verdadeira imprensa democrática brasileira e, ao mesmo tempo, confiando demais em que a palavra dos desmoralizados homens de governo ainda tivesse aqui algum crédito e que os jornais vendidos aos trustes e aos agentes de guerra merecessem algum crédito, alimentaram a esperança de ver o Brasil mergulhado em novo clima de redobrado terror sanguinário, em muito maior escala do que este terror policial sustentado pelo governo Dutra e seus êmulos estaduais, clima esse, dentro do qual pretendiam os magnatas ianques apossar-se, com maior facilidade de nossas matérias primas, jazidas de petróleo e bases militares e navais.

Derrotando o povo a primeira fórmula do plano sinistro, passaram os provocadores imperialistas a responder ao desmascaramento inicial com uma redobrada ação, abrangendo patriotas de quatro países sul-americanos, incriminando-os de preparação de golpe iminente para a derrubada do governo boliviano e com extensões pelos países vizinhos. Procuraram envolver os nomes de Agildo Barata, José Maria Crispim, João Amazonas e outros queridos líderes do povo e dos trabalhadores brasileiros, com a esperança vã de afastar a confiança popular, de seus mais leais representantes.

Mas a provocação, em escala continental acabou desmascarada por si mesma, porque os próprios agentes dos imperialistas e sua imprensa venal, procurando fazer corrida sensacionalista, caíram nas mais ridículas contradições, desmentindo de um dia para o outro as suas deslavadas mentiras, forjadas para causar sensação.

Nessa competição de mentiras e provocações, ficaram envolvidos até mesmo altos titulares do Itamarati e do ministério da justiça, embarcando na maliciosa imaginação de conhecidos boateiros da imprensa "sadia" e de alguns obscuros cônsules de terceira classe, que aproveitaram a confusão para dar o ar de sua existência em Cochabamba, São Paulo e Rio.

Manchetes se gastaram nos jornais alugados e dramáticas chamadas se fizeram no noticiário radiofônico de momento a momento, para veicular ao noticiário sensacionalista, os detalhes da prisão dos líderes populares brasileiros no território boliviano, os preparativos para sua transferência para o Brasil, o pedido de extradição, os pormenores das diligências da polícia de La Paz para localizar e prender os líderes e fazer abortar a revolta que diziam estar para eclodir.

Os próprios forjadores do sensacional noticiário, tiveram que dar, com diferença de centímetros de colunas, o desmentido do chefe de polícia boliviano de que não houvera a prisão de nenhum dos líderes populares brasileiros, no território do país vizinho, contribuindo assim, a contragosto, para o mais pronto desmascaramento do "Plano Cohen" continental, de que os exploradores americanos pretendiam valer-se com o objetivo de alimentar as forças do anticomunismo, da preparação guerreira e da usurpação de nossas fontes de riquezas e da nossa soberania.

O povo é o grande vitorioso nessa tarefa de desmascaramento do "Plano Cohen" continental, depois de barrar o seu desenvolvimento em escala nacional pela segunda vez. Essa vitória é um incentivo para que se redobre a vigilância contra as manobras dos imperialistas e de seus agentes locais e itinerantes, como Kennan, Miller e outros.

julgam poder ludibriar as massas e lançar o ódio contra o país que é, e sempre foi, o mais intransigente defensor de uma política de paz e de concórdia entre os povos.

Mas essa campanha ideológica do imperialismo não consegue esconder a realidade dos fatos e dia a dia os povos oprimidos, que sentem dentro de suas fronteiras os malefícios da dominação estrangeira, tomam consciência, através de duras experiências, do caráter agressivo do imperialismo ianque e não têm mais dúvidas em caracterizar as forças que pretendem lançar o mundo numa nova hecatombe. Para os povos que lutam pela sua libertação, o único inimigo é o imperialismo norte-americano que: diretamente ou através de governos fantoches, sempre procura cercear as liberdades públicas e sufocar qualquer manifestação de resistência popular para mais facilmente exercer sua dominação econômica e política.

A UNIÃO SOVIÉTICA — BALUARTE DA PAZ

Se fizermos um confronto entre a orientação geral da política do imperialismo norte-americano e, a da política da União Soviética com relação às lutas de libertação nacional em que se encontram empenhados todos os povos oprimidos, veremos que elas são diametralmente opostas. Enquanto os Estados Unidos e seus satélites procuram sufocar pela violência as lutas de libertação dos povos da Indonésia, Grécia, Birmânia, Vietnam e outros, vemos a União Soviética colocar-se decididamente ao lado de todos os povos que procuram defender a sua soberania e marchar no caminho da democracia e do progresso.

Essa diferença de atitude entre a União Soviética e os Estados Unidos frente ao problema da paz e da guerra tem sua explicação mais profunda na própria estrutura econômica e política de cada um desses países. Enquanto o socialismo necessita da paz como condição fun-

damental para o seu pleno desenvolvimento, o capitalismo, na sua fase superior, isto é, na etapa imperialista, é levado a provocar a guerra como única tentativa de corrigir o desequilíbrio inerente ao seu próprio processo de produção. "O imperialismo", — como dizia Lenin — "é a época do capitalismo financeiro e dos monopólios que levam a toda parte a tendência à dominação e não a tendência à liberdade. Reação em toda a linha, seja qual for o regime político: exacerbação extrema das contradições nesta esfera também, tal o resultado dessa tendência. Intensifica-se particularmente a opressão nacional e a tendência às anexações, isto é, à violação da independência nacional (pois a anexação não é senão a violação do direito das nacionalidades à auto-determinação)" (*) A guerra é, pois, um fenômeno social inseparável do capitalismo, principalmente na sua última fase, na fase de decomposição, que é a do imperialismo.

Vitor Michaut, no seu trabalho "Lenin, Stalin e a Paz" (*), mostramos, por outro lado, que "é a própria natureza do Estado Soviético, Estado de operários e camponeses, interessados em primeiro lugar na defesa da paz, que tem determinado os atos internos e externos da U. R. S. S., desde trinta e um anos. Nada mais de classes exploradoras, por consequência, não mais a sórdida corrida aos lucros, as sórdidas lutas para se apoderar dos territórios e das matérias primas dos outros países. Sem capitalistas, não há portanto nenhuma necessidade de exportar capitais para o exterior, com o fim de tirar da exploração do trabalho de outrem escandalosos lucros. A União Soviética, para viver e prosperar, conta antes de tudo com o trabalho e a energia de seus povos, com a superioridade do regime socialista, mais capaz do que qualquer outro de assegurar a valorização de todas as riquezas naturais. O que ela não possui, adquire por meio de intercâmbio econômico normal. Tendo abolido em suas fronteiras a opressão nacional, o racismo e toda forma de dominação de um povo sobre outro, a União Soviética baseia suas relações

O N U — TRIBUNA DA PAZ

A Organização das Nações Unidas assume cada vez mais o papel relevante de tribuna de defesa da paz e de desmascaramento das manobras guerreiras da diplomacia do dólar. A entidade mundial que resultou das felizes conclusões da conferência de Ialta, durante estes cinco anos de sua existência, vai permitindo o cumprimento de um programa para a causa do progresso pacífico dos povos, embora as provocações imperialistas sempre mais frequentes procurem fazer frustrar o ideal de unidade e paz que norteou a sua criação.

Contando com uma minoria de votos que defende a harmonia entre as nações e verbera o aprofundamento intencional, por parte do departamento de estado, das divergências criadas pela ambição de domínio do imperialismo norte-americano, mas estando reforçada pelo democrático princípio que torna obrigatória a unanimidade nas suas resoluções mais importantes afetas ao Conselho de Segurança, a ONU se revelou um organismo de marcante importância na luta que se trava contra as forças do atraso e da dominação imperialista.

Ressaltada por essa sua específica missão, a Organização das Nações Unidas passou a merecer a estima de todos os verdadeiros democratas do mundo inteiro, que hoje se vão organizando para a defesa de sua existência e de sua atividade e para reforçamento de seu prestígio. A Sociedade dos Amigos da ONU é uma dessas entidades que se constituiu entre o povo brasileiro e que se destina a prestar esse relevante serviço de apoio à organização mundial. É um trabalho necessário porque ele constitui o corolário da própria campanha de defesa da paz. Da sua tribuna, Molotov, Vichinski, Gromiko e muitos outros legítimos representantes do campo da paz e do progresso, têm fustigado a ação guerreira da política americana a serviço dos trustes e monopólios, e ao mesmo tempo têm apontado o verdadeiro caminho para se encontrar a concórdia e a cooperação entre os povos.

"Com esse fim, disse Molotov, a União Soviética submeteu, desde 1946, ao exame da Organização das Nações Unidas a conhecida proposta de redução geral dos armamentos e de interdição da arma atômica. A despeito da oposição dos elementos de agressão, esta proposta foi aceita, no essencial pela ONU. No ano de 1948, a União Soviética levou à Assembléia Geral sua proposta sobre as medidas a tomar contra a propaganda e os instigadores de nova guerra. Após toda a sorte de reservas e de restrições ao projeto, a Organização das Nações Unidas adotou a decisão correspondente. A resolução da Assembléia Geral foi, porém, enxaguada em tantas águas e purificada com tanto cuidado que não se encontra nela uma só palavra a respeito dos instigadores de nova guerra. Contudo, essa resolução, tal como está, tem uma significação positiva aos olhos de todos os partidários honestos da segurança internacional, porque nela se condena toda forma de propaganda que tenha por fim ou seja capaz de criar ou aproximar uma ameaça da paz ou um ato de agressão."

O Brasil deve se orgulhar de ter contribuído para o prestígio da ONU, o que conseguiu por meio da colaboração dada pelo nosso arquiteto Oscar Niemeyer na elaboração do projeto de construção da sede da organização mundial.

(*) i. Lenin — "O imperialismo, fase superior do capitalismo", pag. 155 — Editorial Vitoria — Rio.

(*) Vitor Michaut — "Lenin, Stalin e a Paz" — Problemas n.º 18 — pag. 45

exteriores na cooperação e na fraternidade entre os povos, no respeito à independência e à soberania de cada país.”

PROGRESSO EM TODOS OS SETORES DA VIDA SOVIÉTICA

Uma análise comparativa do desenvolvimento dos Estados Unidos e da União Soviética, no período decorrido desde a vitória sobre o nazismo, demonstra com fatos que na pátria do socialismo a paz contribuiu para o progresso em todos os setores de atividade de seus povos, ao passo que nos Estados Unidos, os problemas econômicos e sociais gerados pelo capitalismo, se agravaram consideravelmente.

Nos quatro anos decorridos do término da 2.^a Grande Guerra, a União Soviética conseguiu não só alcançar como superar o nível de pré-guerra da sua economia. Assim é que, o plano quinquenal a ser realizado até o fim de 1950 e que previa um aumento de 48% na produção industrial sobre o nível de 1940, em outubro de 49 já havia ultrapassado em mais de 50% a mé-

dia mensal de 1940. Em 3 anos e 9 meses do plano quinquenal de após-guerra foram construídas e póstas em funcionamento mais de 4.800 empresas industriais do Estado, sem contar as empresas cooperativas e outras pequenas empresas. O aperfeiçoamento das técnicas de produção permitiu a redução do gasto de matérias primas, materiais, combustível e energia elétrica por unidade produzida, o que fez baixar de 7,2% o custo da produção industrial. Na agricultura as colheitas também ultrapassaram os níveis de 1940, e, no ano de 1949, as fazendas coletivas receberam 150.000 tratores de todos os tipos, 29.000 segadoras-trilhadoras, além de mais de 1.600.000 máquinas agrícolas para diversos fins. A soma desse maquinário representa o quádruplo dos fornecimentos feitos antes da guerra.

Também o padrão de vida dos povos soviéticos aumentou consideravelmente. Como resultado da redução de preço dos artigos de primeira necessidade a população ganhou em 1948 cerca de 86 bilhões de rublos. No ano seguinte uma nova redução de preços, efetuada

em março, proporcionou ao povo soviético uma economia de mais 71 bilhões de rublos. Nesse mesmo período de 4 anos de após-guerra o governo construiu e reformou na cidades e vilas operárias 61 milhões de metros quadrados de habitações. Nas zonas rurais foram construídas 2 milhões de casas residenciais, a fim de enfrentar o problema ocasionado pela tremenda devastação da guerra. No campo da cultura e da arte, os povos soviéticos também conseguiram grandes vitórias nesse período de paz. No terreno científico, alcançaram os russos o pleno domínio da energia atômica que já começaram a empregar para fins pacíficos, e rasgaram novas e amplas perspectivas à genética, colocando essa ciência a serviço da agricultura e da pecuária socialista.

AGRAVA-SE A CRISE NORTE-AMERICANA

Vemos, por outro lado, que nos Estados Unidos a produção industrial vem caindo sistematicamente desde o outono de 1948. Em

Eduardo Prado, os americanos e a

Neste momento delicado de nossa evolução histórica, em que o mais despuadorado entreguismo impregna, prática e teoricamente as atividades de nosso governo, encontrando expressões humilhantes em declarações oficiais como a entrevista do Sr. Raul Fernandes indicando a inevitabilidade de nossa gravitação «na órbita do colosso» americano, e, a miserável carta do Sr. Correia e Castro — verdadeiros símbolos de subserviência — neste momento, dizíamos, é oportuno evocar a posição tomada por homens públicos do passado em relação ao problema, sempre fundamental, de nossa soberania como nação.

No que diz respeito à questão básica de nossa independência política e econômica, ameaçada direta e imediatamente pelo imperialismo americano — que chega à impudência de convocar uma reunião de seus agentes em nosso território, em nossa capital federal, para concertar medidas ostensivamente espoliadoras de nossa soberania e da independência das repúblicas irmãs do continente — nada mais oportuno do que rememorar a justa e patriótica posição sustentada, há quase 60 anos, por Eduardo Prado, consubstanciada em seu famoso livro «A ilusão americana».

Eduardo Prado foi um dos homens mais prestigiosos de seu tempo, não só por seus dotes de escritor e homem público, como por sua fama de homem culto e viajado, amigo pessoal de personalidades internacionais, e legítimo representante do que havia de melhor em matéria de aristocracia feudal no Brasil. Seu pensamento revestia várias contradições inevitáveis dada a sua condição de classe. Hostilizava a República no Brasil embora não fôsse um monarquista ortodoxo, tanto que criticava acerbamente as monarquias continentais européias. Era um conservador, mas com a capacidade e o equilíbrio para observar e constatar os fatos sociais do seu tempo, chegando às vezes a fazer análises penetrantes do desenvolvimento da história, como quando admite, falando do movimento operário: «Do outro lado vemos o representante das velhas tradições do Santo Império Romano e o Papa, procurando

estender a mão aos operários, que afinal são a força, são o número, são a justiça e serão o poder de amanhã.» De outro lado, aceitava e adotava mesmo, opiniões falsas, como a admissão — hoje tão apregoada pelos agentes do imperialismo americano — da superioridade racial anglo-saxônica. Mas não é este o momento de discriminar na obra de Eduardo Prado as contradições a que o levavam a sua formação e a sua condição de classe. Importa muito mais examinar aqui, a sua patriótica posição diante da farsa de que os americanos só têm interesse em nos ajudar, bem como aos outros povos sul-americanos.

Eduardo Prado contribuiu com firmeza para o desmascaramento da atuação diplomática e econômica dos Estados Unidos no sentido de aproveitar a fraqueza das repúblicas sul-americanas para os seus interesses expansionistas. Refutou com dignidade os traidores nacionais que naquela época, como hoje, faziam o jogo do usurpador estrangeiro. A propósito da imprensa vendida da época, dizia: «Quer-se apresentar o governo americano aos brasileiros como o grande amigo das nações deste continente, como o seu protetor nato, e, no furor disso demonstrar há jornais brasileiros de tão atrofiado patriotismo que chegam a colocar o Brasil como que debaixo do protetorado americano, fazendo do Rio de Janeiro o vassalo e de Washington o suzerano. E' contra esta falsa idéia, contra este esquecimento do pundonor nacional, que queremos reagir, lembrando aos nossos compatriotas o que tem sido a política americana.» Quanta atualidade não têm hoje estas palavras!

O livro «A ilusão americana» vale como um libelo irresponsável por ser profusamente documentado, desfazendo de maneira a não deixar dúvidas, a balela de que os Estados Unidos, desde a doutrina de Monroe, em 1823, até o fim do século (o livro foi escrito em 1893) tivessem tido um gesto diplomático sequer, favorável aos interesses dos povos latino-americanos. Então, como agora, o governo americano tentava mascarar com cínica desfaçatez a sua política de rapinagem nos países latino-americanos, rotulando-a de doutrina de Mon-

julho de 1949 essa produção representava apenas 65% do nível mais alto atingido nos anos de guerra e era 18% inferior ao nível de outubro de 48. De outubro de ... 1948 a julho de 49 a produção de aço diminuiu de 28%, a construção de máquinas em geral caiu 21% e a produção têxtil reduziu-se de 27%. O descenso da produção industrial norte-americana desse período é mais acentuado do que o ocorrido no primeiro ano da grande crise de 1929-33. O número de desempregados totais nos Estados Unidos duplicou-se no ano de 1948 e juntamente com os semi-desempregados ascende a mais de 14 milhões. Diz Jorge Malenkov membro do Governo Soviético, em discurso pronunciado a 6 de novembro de 49, na Sessão Solene do Soviete de Moscou (*): "A particularidade da atual crise norte-americana consiste, seja dito dito de passagem, em que amá-

(*) Jorge Malenkov — "O 32.º aniversário da Grande Revolução Socialista de outubro" — Problemas n.º 22, pag. 23

durece numa situação em que os monopólios norte-americanos puseram a seu serviço quase toda a economia do mundo capitalista. Valendo-se do chamado Plano Marshall, colocam artificialmente a produção que não encontra saída no interior do país, e, mediante o chamado programa de armamento dos Estados estrangeiros, sobrecarregam artificialmente vários ramos da indústria. E qual o resultado? Os círculos governamentais norte-americanos não livraram, longe disso, a economia dos Estados Unidos da América da crise que se avizinha. Em compensação, fizeram tudo quanto deles dependia para os países marshallizados pagassem essa crise. E é preciso levar em consideração, a propósito, que a economia dos países capitalistas da Europa se encontra, também, já em decadência. Ao passo que o volume da produção da indústria da União Soviética aumentou de 9 vezes nos últimos 20 anos, a produção industrial da Europa capitalista, em seu conjunto, permaneceu nesses 20 anos, no mesmo nível".... "Em tal situação nada ha

de estranho em que o campo do imperialismo seja presa do alarma e que os mais desenfreados desse campo se enfureçam, fiquem raiosos, e intensifiquem sua política de sapa contra os países que não desejam pôr-se de joelhos ante os multimilionários norte-americanos."

A DIPLOMACIA IANQUE A SERVIÇO DA GUERRA

Com o fito de levar à prática o seu plano de agressão guerreira contra a União Soviética, os grupos monopolistas de Wall Street, que dominam o governo americano, utilizam como instrumento de provocações, espionagem e intrigas internacionais toda a engranagem diplomática do Departamento de Estado. Nestes últimos anos a diplomacia norte-americana tem-se orientado exclusivamente no sentido de apressar o desencadeamento de uma nova guerra que venha saciar o apetite de seus patrões. Para isso, não vacilam os diplomatas hoje dirigidos por Acheson em se transformar em ativos agentes de

soberania nacional

roe, como agora fala em Pacto do Rio de Janeiro e em defesa continental. Então como agora seus diplomatas acobertavam a atividade de aventureiros e espões.

Eduardo Prado cita exemplos frisantes. Em 1817 os revolucionários pernambucanos que lutavam pela independência do Brasil enviaram um emissário aos Estados Unidos para pedir auxílio aos americanos.

Diz Eduardo Prado: «Em 1817, um emissário pernambucano foi aos Estados Unidos pedir auxílio; foi ludibriado, e o governo de Washington apressou-se em dar conta de tudo ao ministro português Corrêa da Serra.» Durante a guerra do Paraguai a diplomacia americana esteve ao lado de López, contra o Brasil. Dois de seus ministros, Washburn e MacMahon eram intimamente ligados a López e sua amante Elisa Lynch, e fizeram intrigas as mais soezes sobre o Brasil. O general MacMahon escrevia para jornais americanos sobre o Brasil durante a guerra do Paraguai, contrariando as normas diplomáticas e dizendo entre outras coisas, «que o povo brasileiro era fraco e efeminado; que o seu exército (a cuja cobardia o diplomata americano constantemente alude) era composto de escravos e galés; que a «honra nacional» como nós a entendemos na zona tórrida é coisa bem diversa da honra americana, etc, etc.»

Eduardo Prado coloca-os em seus devidos lugares quando comenta: «Washburn e MacMahon, abusando de suas imunidades, eram espias e auxiliares de López, traindo o exército aliado.» E assim por diante o livro é um impiedoso desmascaramento do expansionismo americano no fim do século passado, não só no Brasil como em toda a América. É um documento histórico que deve merecer a leitura de todos os patriotas de hoje, a quem não podem ser indiferentes estas palavras de advertência, escritas em 1893 por aquele brasileiro digno: «Não! Toda a tentativa para, em troca de qualquer serviço, colocar a pátria livre e autônoma em qualquer espécie de sujeição para com o estrangeiro, é um ato de inépcia e é um crime.»



uma política de subjugação de povos, utilizando-se de todos os meios e recursos a seu alcance. Nos países economicamente submetidos ao domínio americano, lançam eles mão, não só de funcionários das próprias embaixadas e de elementos de organizações comerciais, industriais e "culturais" a eles ligadas, como da própria *clique* governamental a seu serviço, procurando sempre formar um aparelho capaz de por em prática, nos mínimos detalhes, todas as diretrizes e instruções vindas de Washington, e fornecer todas as informações úteis aos objetivos da política de dominação ianque.

Annabelle Bucar, americana de nascimento que durante muitos anos pertenceu ao serviço diplomático dos Estados Unidos, escreveu um livro já famoso — A VERDADE SOBRE OS DIPLOMATAS AMERICANOS (*) em cuja introdução faz importantes revelações sobre o verdadeiro caráter de toda a diplomacia ianque: — "Em Washington como em Moscou eu vi de perto os nossos diplomatas responsáveis pela política exterior dos Estados Unidos fazerem tudo o que deles dependia para provocar uma catástrofe mundial. Toda a sua atividade foi sempre e continua a ser dirigida contra a União Soviética que, como bem cheguei a compreender, punha e põe em xeque seus atos de sabotagem contra a paz, contra a aspiração dos povos por uma vida melhor e mais feliz. Esses diplomatas bem sabem dessa verdade — que a União Soviética se opõe a que os milionários norte-americanos conquistem a dominação mundial; por isso julgam eles necessário antes de mais nada lançar o descrédito contra a União Soviética, atribuindo-lhe desígnios agressivos e procurando ao mesmo tempo justificar a preparação de uma guerra contra esse país. Durante a minha permanência no Departamento de Estado e na Embaixada dos Estados Unidos em Moscou, pude constatar que os esforços dos dirigentes dessas instituições visam precisamente esse fim".

A verdade é que em todos os países em que o imperialismo norte-americano atua, as suas embaixadas e legações se transformam em

meros biombos legais atrás dos quais funcionam os agentes do seu "serviço de informações" e o pessoal do serviço diplomático ianque é sempre escolhido de maneira a satisfazer as exigências do trabalho de espionagem.

O "PROJETO X" — PLANO DE ESPIONAGEM E PROVOCAÇÃO DOS NORTE-AMERICANOS

Em 1948, a imprensa soviética teve oportunidade de denunciar o "Projeto X" dos norte-americanos para a Europa Oriental. Trata-se de um grande plano de espionagem de autoria de John Foster Dulles, membr o proeminente da política norte-americana. Esse plano deveria ser um importante complemento ao plano Marshall e visava desenvolver por todos os meios a espionagem, sabotagem e o terrorismo nos países da Europa Oriental. Em meados de junho de 1948, segundo aquela denúncia, realizou-se em em Francfort—sobre—o—Meno uma conferência de espíões norte-americanos destacados nos países da Europa Oriental. Os generais hitleristas Guderian e Halder assistiram a algumas sessões dessa conferência onde foram estudadas as causas dos fracassos do serviço de espionagem norte-americano e ressaltados os novos métodos de trabalho de sapa a serem aplicados nas Democracias Populares.

Na referida conferência foi ouvido, entre outros, o informe do General Chamberlain, chefe do G-2 (serviço de informação do Estado-Maior Central dos Estados Unidos). Pode-se ajuizar do informe de Chamberlain pela simples enumeração dos assuntos nele abordados: a) organização militar; b) organização da espionagem política; c) recrutamento de novos agentes e utilização dos antigos agentes hitleristas; d) envio de um número maior de agentes para as Democracias Populares; e) criação de novas organizações clandestinas nesses países; f) coordenação da atividade anticomunista; g) desenvolvimento da sabotagem e do terrorismo, particularmente da organização de assassinatos de homens de Estado, de dirigentes e líderes dos Partidos Comunistas. Destaca-se ainda nesse plano que, para dirigir as atividades dos sabotadores e terroristas, foi criada, anexa ao organismo de espionagem norte-americana, uma secção espe-

cial — a secção "J" dirigida pelo General Donovan. Nesse famigerado plano é dada particular atenção à penetração de espíões nos meios governamentais, nos altos postos das forças armadas e na direção dos partidos políticos de esquerda. O processo contra Rajk e outros elementos da contra-revolução nas Democracias Populares veio demonstrar até que ponto se desenvolveram os planos de espionagem do imperialismo.

Tôda essa política de provocações guerreiras dirigida pela diplomacia norte-americana — política em que a intriga e a espionagem desempenham papel tão relevante — vai sendo consubstanciada em pactos como o do Atlântico Norte e o do Rio e Janeiro e em conferências como as de Ankara, Londres e Havana. Esses pactos e as sucessivas conferências de embaixadores visam pôr em prática uma política de blocos totalmente contrária ao espírito da O.N.U. e através de compromissos formais, fazer com que os países submetidos ao domínio do dólar, sejam arrastados à guerra contra a União Soviética.

A CONFERÊNCIA DOS EMBAI-XADORES — CONSPIRAÇÃO CONTRA A INDEPENDÊNCIA DOS POVOS LATINO-AMERICANOS

A Conferência dos Embaixadores Norte-Americanos nos países da América do Sul, a realizar-se na primeira quinzena de março, no Rio de Janeiro, é mais um elo da longa cadeia de manobras guerreiras do imperialismo ianque. Desta vez o seu objetivo fundamental é a coordenação e enquadramento de todos os recursos econômicos e militares dos países sul-americanos no seu plano geral de mobilização para a guerra. Para que ninguém tenha dúvidas sobre os funestos desígnios dos agentes de Wall Street que pretendem se reunir na capital do nosso país é oportuno transcrever tópicos de um telegrama da agência norte-americana United Press, publicado em "O Estado de São Paulo", de 31 de janeiro do corrente ano, sob o título — O PAPEL DA AMÉRICA LATINA NA DEFESA DO HEMISFÉRIO — e no qual já vêm delineados os encargos que a diplomacia ianque tenciona impôr aos nossos povos: — "WASHINGTON, 30 (U. P.) — Um relatório preliminar confidencial elaborado

(*) Annabelle Bucar — La vérité sur les diplomates américains — Suplemento da revista "Temps Nouveaux", n.º 11, 9-3-49.

MONTEIRO LOBATO

heroi da luta anti-imperialista



No momento em que o imperialismo ianque procura através da realização da monstruosa Conferência dos Embaixadores, transformar o nosso país em base militar e a nossa juventude em sangue para canhão da sua aventura guerreira contra a União Soviética e as Democracias Populares, devemos nos recordar do magnífico exemplo do saudoso Monteiro Lobato. O grande escritor brasileiro foi sempre um campeão da luta contra os monopolistas de Wall Street e um denodado defensor da soberania da nossa pátria. Sua corajosa campanha em defesa do petróleo nacional, que vem descrita no livro "O Escândalo do Petróleo" serviu para por a nu as manobras do truste da Standard Oil e de seus agentes em nossa pátria. Através dos escritos de Monteiro Lobato e de sua participação prática na campanha do petróleo, o povo brasileiro teve oportunidade de compreender até que ponto o imperialismo ianque, no caso representado pelo grupo da Standard, dominava e domina o nosso aparelho estatal. Mas não foi só na campanha do petróleo que Lobato teve uma ação decidida e de verdadeiro patriota. No livro "Ferro", ele esboçou as linhas da defesa da nossa siderurgia e de nossas riquezas minerais e, nos artigos que compõem o volume "Problema Vital", o grande escritor patriótico pintou com cores sombrias mas verdadeiras o quadro de depauperamento e miséria das nossas populações rurais, vítimas diretas do atraso econômico provocado pela dominação imperialista de nossa pátria. Mas foi no seu famoso folheto "ZÉ BRASIL" que Monteiro Lobato teve oportunidade de indicar o verdadeiro caminho para a solução dos problemas brasileiros. Nesse singelo livrinho, que hoje se converteu num verdadeiro guia de ação prática para toda a imensa massa de brasileiros radicados ao campo, Lobato diz com coragem e clareza que a luta do nosso povo deve ser, antes de tudo, contra o latifúndio e o imperialismo.

Nas suas campanhas democráticas e patrióticas Lobato era destemido e audaz, como devem ser todos os verdadeiros filhos do povo e todos os intelectuais que põem a sua inteligência a serviço dos altos interesses da nacionalidade. Já velho e doente, enfrentou ele a prisão que lhe foi imposta pelos vassalos do imperialismo em nossa terra. Mas nem assim recuou da luta e, se hoje estivesse vivo, ouviríamos a sua voz protestando bem alto contra a realização dessa conferência, na qual embaixadores espiões objetivam escravizar definitivamente o nosso povo e transformar a nossa pátria numa colônia do governo de Washington e numa peça da máquina com que os imperialistas ianques pretendem se lançar em nova aventura guerreira.

O exemplo de Lobato deve ser seguido por todos os brasileiros patriotas que, nesta hora, sentem como um verdadeiro insulto aos seus brios a presença em nossa pátria de provocadores de guerra e espiões, como George Kennan, num grave atentado aos nossos foros de nação livre e soberana. A nossa soberania está ameaçada. Urge defendê-la com o mesmo vigor e a mesma coragem com que o grande Monteiro Lobato sempre a defendeu.

para servir de base para as decisões dos vários departamentos da administração de Washington, propõe que às nações da América Latina seja confiada a responsabilidade de fornecer matérias primas estratégicas, bases militares e potencial humano suficientemente adestrado para a defesa do continente".

Não é por acaso que os agentes da guerra escolheram a cidade do Rio de Janeiro como local para a realização de seu sinistro conclave. O nosso país é uma das peças mais importantes e necessárias para a máquina de guerra que o imperialismo norte-americano vem montando para o seu assalto à União Soviética. Pretende ele apoderar-se definitivamente de nossas riquezas minerais, estabelecer bases militares em nosso território e utilizar a juventude brasileira como carne para canhão. Para isso conta o imperialismo com a submissão e a conivência de um governo que lhe tem feito concessões de toda ordem e que, na sua política interna vem reprimindo com violência inaudita todos os movimentos patrióticos que se opõem à dominação estrangeira.

OS OBJETIVOS DO IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO EM NOSSA PATRIA

Em excelente trabalho publicado na revista "Problemas" (x), Luiz Carlos Prestes indicou com clareza os principais objetivos visados pelo imperialismo norte-americano em nossa pátria e que são os seguintes: "1) Obter o domínio total das fontes de matérias primas, como sejam os minérios, especialmente aqueles necessários para a guerra ou estratégicos (petróleo, areias monasíticas, mangnês, etc.); 2) liquidar a produção de todos aqueles produtos que possam concorrer com a produção norte-americana ou que os monopólios já dominam com maior vantagem noutros pontos do globo; 3) alcançar o controle de toda a produção do país a fim de subordiná-la, como apêndice da economia norte-americana; 4) subordinar o comércio externo do país aos interesses dos grandes monopólios; 5)

(x) Luiz Carlos Prestes — "Forjar a mais ampla frente nacional em defesa da paz, da liberdade e contra o imperialismo" — "Problemas" n.º 19 — junho — julho de 1949.

assumir posição de intermediário privilegiado no comércio do Brasil com os demais países, como já acontece em grande parte com o comércio do café; dominar no terreno dos transportes, pelo controle das empresas de navegação aérea e marítima; 7) assegurar a interferência direta nos negócios políticos do país, tanto da política externa como interna, colocando seus "técnicos" de confiança nas posições-chaves de todos os ministérios; 8) controle das forças armadas, por meio de instrutores, interferindo na preparação de quadros, obrigando o uso de armamentos de exclusiva fabricação norte-americana, etc. As forças armadas brasileiras são, assim, praticamente submetidas ao comando dos generais ianques que as preparam abertamente para a guerra imperialista".

Os fatos demonstram que, nestes últimos anos, o imperialismo norte-americano, através de sua diplomacia de guerra e dominação e com a vergonhosa ajuda de seus agentes instalados em nosso governo, não tem poupado esforços para alcançar esses objetivos denunciados por Luiz Carlos Prestes.

Já em outubro de 1945 viamos o embaixador Berle interferir diretamente na nossa vida política, tomando parte ativa na preparação de um golpe reacionário, fato que na ocasião só foi denunciado pelos comunistas e que somente agora, cinco anos mais tarde, é confirmado pelos políticos da classe dominante e pela sua "imprensa sadia". Durante a guerra contra o nazismo, sob o pretexto de necessitar maior ajuda do Brasil no esforço de guerra, os monopolistas norte-americanos procuraram consolidar suas posições em nosso país, através de diversos acordos e tratados comerciais totalmente lesivos à nossa economia. Nessa época conseguiram eles firmar com o nosso governo os célebres acordos de Washington, pelos quais o Brasil se comprometia a entregar aos imperialistas, por preços irrisórios, toda a nossa produção estratégica e o controle de nossas principais fontes de matéria prima. Foram esses acordos que abriram caminho para outros do mesmo tipo, como os de Amapá e do Vale do Rio Docê, pelos quais os americanos passam a controlar a produção das jazidas de manganês dessas regiões. O truste da Standard Oil também se aproveitou dos *slogans* mais em voga naquela ocasião — "maior ajuda no esforço de guerra" e "necessidade de defesa do continente" — para tentar se apossar definitivamente das nossas jazidas de petróleo, através de uma astuciosa manobra que visava modificar em seu benefício toda a legislação brasileira referente à defesa das riquezas do sub-solo. Os seus agentes Herbert Hoover Jr., Arthur A. Curtice e Schoppel, conforme denúncia feita na Câmara pelo Deputado Arthur Bernardes, chegaram a redigir vários artigos para o projeto de nossa Constituição e foram os autores principais do famigerado "Estatuto do Petróleo" — projeto ainda em discussão em nosso Parlamento e que, uma vez aprovado, permitiria a entrega do petróleo brasileiro aos monopólios ianques.

Mas foi indiscutivelmente nos anos de após guerra que a penetração do imperialismo norte-americano em nossa pátria atingiu maior profundidade, tanto no terreno político como no econômico. O jornalista Osvaldo Peralva, num bem fundamentado estudo publicado na

revista "Problemas" (x), descreve, com abundância de dados, como vem se processando a penetração do imperialismo norte-americano nos diversos órgãos do governo brasileiro e nos mostra até que ponto o Departamento de Estado norte-americano passou a controlar a nossa vida política e a nossa estrutura econômica. Depois de alinhar fatos sobre fatos e de denunciar todas as manobras dos imperialistas ianques e todas as traições de seus agentes nacionais, Osvaldo Peralva afirma: "Temos assim, através de uma análise do aparelho estatal brasileiro, uma visão de conjunto da situação a que vem sendo reduzida nossa terra, com os punhos cada vez mais apertados pelas algemas da dominação ianque. A dominação norte-americana, portanto, passou a ser feita de dentro do próprio aparelho do Estado, através dos ministérios militares, da Polícia, dos ministérios do Trabalho, da Educação, da Agricultura, da Fazenda. Vê-se claramente que foi traçado um plano completo de Colonização de nossa pátria".

As conferências do Rio de Janeiro e de Bogotá, nas quais os nossos diplomatas nada mais fizeram do que se curvar diante das exigências do "colosso norte-americano"; a vinda da Missão Abbink para levantamento e controle dos nossos recursos econômicos; a visita de altas patentes das forças armadas norte-americanas e a formação de comissões militares mistas Brasil-Estados Unidos; o tratado da Hileia Amazônica pelo qual, a pretexto de facilitar a "investigação científica" por parte dos "técnicos" da U.N.E.S.C.O. o governo brasileiro entrega o controle dos recursos econômicos da bacia amazônica aos monopólios anglo-americanos; o anteprojecto de lei sobre os investimentos estrangeiros, inspirado pela Missão Abbink e elaborado pelo integralista San Tiago Dantas; o projecto de Lei de Segurança e o desmoralizado Plano Cohen de repressão e provocação contra todos os patriotas e democratas que se erguem contra a denominação ianque; a presença de agentes do F.B.I. na polícia brasileira e, finalmente, o monstruoso "Tratado de Comércio, Amizade e Navegação", que o De-

(x) Osvaldo Peralva — "O Imperialismo ianque domina o aparelho estatal brasileiro" — "Problemas" 13 — agosto-setembro de 1948.

partamento de Estado pretende impôr ao nosso governo para assegurar definitivamente o domínio dos trustes norte-americanos constituem algumas das etapas que assinalam o desenvolvimento do plano de colonização que o imperialismo ianque vem executando em nossa pátria.

E' nesse quadro da política expansionista, agressiva e guerreira do imperialismo ianque em nossa terra que devemos colocar a projetada Conferência dos Embaixadores Norte-Americanos, que o Departamento de Estado pretende realizar no Rio de Janeiro. Essa conferência vem marcar o ponto masi alto do desenvolvimento de um plano que visa a escravização total de nosso povo e a redução do Brasil a uma simples colônia inteiramente submetida à vontade dos banqueiros de Wall Street.

MR. KENNAN — ESPIÃO E PROVOCADOR INTERNACIONAL

Para se aquilatar do caráter dessa reunião de embaixadores ianques anunciada em nossa terra, é bastante conhecer-se alguns traços de uma das figuras centrais do conclave — o conhecido espião e provocador internacional, George Kennan, do qual Annabelle Bucar, no seu já citado livro, faz uma longa e sombria descrição: — "Este homem, de quem se diz no Departamento de Estado que "sabe mais sobre a Rússia do que qualquer outro americano" estudou a língua russa no Instituto da Europa Oriental, famosa escola de espiões alemães destinados a serem enviados à Rússia. É útil conhecer-se esse aspecto característico da biografia de um homem cuja carreira atesta que os seus conhecimentos sobre a Rússia foram obtidos, não em Moscou, mas em Berlim"... "Mesmo depois de sua chegada a Moscou, em 1934, Kennan continuou a obter sua "inspiração", e conseguir suas "informações" sobre a União Soviética, não nos trabalhos da edificação socialista que em torno dele se realizavam. Sabia-se claramente no Departamento de Estado que durante sua estada na Embaixada Americana de Moscou seus melhores amigos foram os diplomatas e militares da Embaixada Alemã. Eram estas, precisamente, as pessoas que o informavam sobre a Rússia. Kennan via o país com os olhos dos hitleristas"... "De 1928

III Congresso de Escritores Brasileiros

Com a articulação das 13 seções que compõem a Associação Brasileira de Escritores (12 estaduais e 1 no Distrito Federal) realizar-se-á na cidade do Salvador, na primeira quinzena do mês de abril do ano corrente, o III Congresso Brasileiro de Escritores. O fato é da maior importância não sómente para a cultura brasileira mas, também, para a vida política da nação, num momento em que todas as liberdades públicas se acham ameaçadas pela descarada preparação guerreira na qual se procura envolver o nosso próprio país. É da maior importância neste momento um pronunciamento corajoso dos intelectuais brasileiros, os quais se encontram á frente da luta pela paz, pela defesa da soberania nacional e da democracia em nossa terra.

MANIFESTAM-SE OS ESCRITORES DE SÃO PAULO

FERNANDO GÓES:

"A realização do III Congresso Brasileiro de Escritores impõe-se mais do que nunca, porque estamos no limiar de graves acontecimentos que fatalmente trarão consequências funestas para a vida da

inteligência nacional. Projetos em andamento na Câmara dos Deputados, tais como o da Lei de Segurança e o de arrolamento da Imprensa entre outros, provam que não navegamos em um mar de rosas. Como em 1945, quando da realização do primeiro Congresso dos nossos escritores, urge que os homens de letras defendam, com dignidade e desassombro, a liberdade de pensar e escrever, sem a qual todas as outras liberdades soçobram."

JAMIL ALMANSUR HADDAD:

"Uma reunião de escritores neste momento é necessária sobretudo para a luta em prol da liberdade do escritor exercer com dignidade o seu ofício".

HERCULANO TORRES CRUZ:

"Considero o III Congresso Brasileiro de Escritores uma necessidade, nesta hora conturbada que atravessamos, de completo cerceamento das liberdades, principalmente de imprensa e de reunião, assegurada aos cidadãos pela nossa Carta Magna. Será uma excelente oportunidade para que os homens de pensamento de nossa Pátria verberem os atentados que vêm sendo

impunemente cometidos e ao mesmo tempo estudem uma saída desta aflitiva situação."

JOSÉ EDUARDO FERNANDES:

"Nunca um Congresso de Escritores foi tão oportuno e mesmo tão necessário. A Associação Brasileira de Escritores prestará um grande serviço à Nação promovendo o III Congresso ainda este ano."

OSMAR PIMENTEL:

"Excelente a ideia da convocação do III Congresso Brasileiro de Escritores para defesa dos interesses do escritor nacional. Dou-lhe meu apoio."

HELENA SILVEIRA:

"O que eu acho mais interessante numa reunião de escritores neste momento é a possibilidade de se fazer uma revisão completa na atividade social do escritor, garantindo o seu direito de livre expressão."

APARICIO TORELY (Barão de Itararé):

"Os escritores no Brasil têm graves e urgentes problemas a resolver. . . . A reunião de todos num III Congresso de Escritores será o meio mais prático para discutir e solucionar essas questões."

(cont. na pág. 14)

a 1933, excetuados os dois anos durante os quais Kennan se dedicou ao estudo do russo na Alemanha, permaneceu ele nos Estados Balticos que foram, até a instalação da Embaixada ianque em Moscou, o centro da espionagem americana contra a U.R.S.S. Kennan, que tinha um pendor natural para a espionagem, se acomodou sem nenhuma dificuldade nesse gênero de atividade. Qualquer que fôsse o fato real referente ao desenvolvimento da União Soviética, êle preferia e prefere uma informação falsa e forjada, característica, aliás da espionagem americana". . . . "Kennan — já em Moscou — encontrou um apóio decidido no embaixador Harriman, o qual aguardara com impaciência a morte de Roosevelt para abandonar a política dêsse presidente. Sei com exatidão que Kennan dirigia metódica e diáriamente um telegrama após outro à nova direção do Departamento de Estado, nos quais procurava demonstrar o seguinte: 1.º) a amizade americano-soviética é um erro, pois os Estados Unidos e a União Soviética jamais poderão viver em paz, a despeito da feliz aliança feita durante a guerra; 2.º) o Governo Soviético aspira ao "domínio mundial", à "bolchevização imediata da Europa" e, em última análise, a uma "agressão contra os Estados Unidos"; 3.º) os Estados Unidos devem "opôr-se" à

União Soviética em tôdas as questões, independentemente da importância que elas tenham, sem entrar, em qualquer caso, em acôrdo com o Governo Soviético, pois "todo acôrdo com a Rússia é irrealizável"; 4.º) Os acordos assinados em Teheran, em Yalta e mais tarde em Potsdam (malgrado seus esforços verdadeiramente inauditos, Kennan não pudera evitá-los), tinham sido "erros graves"; os Estados Unidos deveriam libertar-se dos compromissos assumidos em virtude de tais acordos" ". . . . Em Washington, os elementos anti-soviéticos agressivos, que representavam os meios financeiros e militares dos Estados Unidos, encontraram em Kennan o seu ideal. Depois da morte de Roosevelt, o contrôle sôbre o governo dos Estados Unidos ficou nas mãos dêsses elementos (guindados a seus postos por maquinações desonestas e não por eleições legais)". . . . "De um dia para outro, de maneira absolutamente inesperada, Kennan foi declarado o principal teórico da política exterior dos Estados Unidos. Sua posição foi oficialmente consagrada em 1947, quando o Secretário de Estado, Marshall, nomeou-o Chefe do Conselho de Planificação da Política". . . . "Considerando a guerra como um fato inevitável, Kennan declara que quanto mais depressa ela eclodir, tanto melhor. A política de "desentendimento" ou isso

que se chama de "guerra-fria", foi estabelecida por Kennan como um meio de provocar a guerra armada, em tôda a sua plenitude". . . . "Germanófilo impenitente, Kennan insiste na questão do armamento da Alemanha, que êle considera como o centro do ataque norte-americano contra a U.R.S.S."

* * *

São diplomatas dêsse naipe que numa flagrante violação à soberania do nosso país, pretendem vir ao Rio de Janeiro para tramar contra o destino do nosso povo e de todos os povos irmãos da América do Sul. A simples realização dessa conferência deve ser considerada como um criminoso atentado contra a paz e a segurança da humanidade que ainda não pôde cicatrizar as feridas da última guerra.

* * *

O povo brasileiro, que sempre defendeu os princípios da convivência pacífica entre os povos e que na sua Carta Magna inscreveu o repúdio às guerras de conquista, repele a afronta que essa reunião de de embaixadores-espiões representa para os nossos foros de nação soberana e de modo algum compactuará com a conspirata tramada contra os países irmãos do Continente.

UMA LITERATURA DE

por MOACIR WERNECK DE CASTRO

Lamentando o desaparecimento de uma revista inglesa de literatura — a reacionária "Horizon", de Cyril Connolly — Dona Lúcia Miguel Pereira escreve sobre "a contradição essencial de toda a literatura de nossos dias, que cada vez mais precisa do público e cada vez menos o leva em consideração como leitor." O pessimismo dos diretores da revista se deve "à descrença no futuro do Ocidente e à guerra fria", explica-nos a escritora. E fala a propósito numa "talvez inconsciente reação dos intelectuais e artistas ante a democratização da cultura", o que levaria a literatura a dirigir-se cada vez mais a uns poucos e raros, tornar-se cada vez mais eremética e de difícil abordagem. Este pessimismo de supostos eleitos que se confessam descrentes dos "valores" da civilização dos trusts e monopólios é bastante expressivo, porém ilusório na sua aparência. Dir-se-ia que um grupo de intelectuais da classe dominante não se integra com suficiente ardor na missão de influir sobre as idéias em função da ordem capitalista, e, por extensão, da guerra. Mas que é que traduz, na verdade, essa sublime renúncia? Uma condenação aos que preparam a guerra como única solução para o "Ocidente"? Nada disso: apenas uma reação contra a democratização da cultura! Quer dizer, precisamente uma capitulação ante as forças guerreiras, que são as do obscurantismo e da anticultura. Capitulação melancólica, sombria, desprovida até mesmo dos elementos de drama que se poderiam supor contidos num dilacerante divórcio entre o artista e a vida social.

É estranho. No curso da história da humanidade nunca faltou audiência aos maiores gênios. Dante, Camões, Shakespeares, Cervante, Molière, Balzac, Tolstoi, escreviam para os seus contemporâneos. Caberia à atualidade "ocidental" este surpreendente privilégio de literatos com mais que duvidoso talento proclamando-se a si mesmos inacessíveis, superiores ao seu tempo. "Somos geniais, ninguém no entende, portanto calemos", é aonde conduz a grotesca presunção. Não se pode imaginar maior ridículo, que só mesmo uma casta carróida pela esnobismo de decadência, pelo medo de parecer menos inteligente, pela alergia às virtudes do povo e da classe revolucionária, poderia produzir.

Mas, embora um sintoma revelador, a atitude do grupo de "Horizon" não representa mais que um gesto isolado. No conjunto, a literatura dominante no mundo ocidental busca ativamente os seus objetivos de classe, com hipocrisia tanto maior quanto mais altos são os seus protestos contra a literatura partidária do mundo socialista que se firma triunfalmente.

Existe uma literatura, essa sim dirigida, e dirigida pelas forças mais tenebrosas da sociedade capitalista,

que se empenha na desmoralização do homem. É uma literatura que dia a dia mais se apresenta como oficial e patrocinada pela classe decadente, como reflexo e ao mesmo tempo fator de decadência. É a literatura "negra", a literatura dos coveiros. Tão evidente e clamoroso se torna o fenômeno que já escritores burgueses são obrigados a constatá-lo. No "Figaro Littéraire", François Mauriac lançou há pouco um inquérito sobre a abjeção literária contemporânea, escrevendo: "Atingimos literariamente os limites do objeto... Não estaremos sendo vítimas de um equívoco, de uma confusão explorada pelos diretores de consciência modernos, que obedecem a um plano preconcebido?" Mas o próprio Mauriac, como observou Jean Kanapa, em artigo no número 8 de "Nouvelle Critique", restringiu deliberadamente o objetivo do inquérito, limitando-o ao "erotismo", às "forças, instintivas", à "demência" na literatura. Quando na verdade se trata de algo muito mais amplo e profundo; não de um desvio, de uma excrecência burguesa ocasional, mas de um ataque planejado e maciço contra as nascentes vivas de um novo humanismo que inspira a luta de libertação contra o mundo capitalista e decadente. Ataque de que o mesmo Mauriac participa não só como escritor, mas até como feroz editoria-
lizador da reação francesa.

O traço característico dessa literatura é o gosto pela podridão, a ênfase nas qualidades negativas do homem que a sociedade burguesa levou ao auge. E seus autores, como os seus personagens, são cada vez mais preferentemente os tarados, os pederastas, os renegados do movimento revolucionário, os aventureiros de toda sorte, os profissionais do imoralismo. Como se a burguesia, ao chegar o momento fatal, se estorçasse em por à mostra tudo o que acumulou de heriondo na sua consciência de classe, durante os decênios em que projetou no mundo a sombra de sua ignomínia.. Os grandes bandidos, ao morrer, se revelam sórdios. Assim morre a cultura burguesa, entre fezes e vômitos e suores fétidos de pavor.

Um sugestivo exemplo do endosso, do apoio oficial dado pelo imperialismo a essa literatura de decadência é uma antologia que vem de ser publicada nos Estados Unidos e cujo "compte rendu" aparece em revistas norte-americanas. Tratar-se de uma publicação de "New Directions," editora de requintes do tipo "Horizon", que apresenta uma súpula da mais elegantes podridão ocidental européia para o paladar dos comedores de "hamburgers" e mascadores de chiclet intelectuais da América do Norte.

O organizador da antologia é James Laughlin, herdeiro de uma das maiores fortunas americanas, a dos Laughlin da indústria do aço de Pittsburgh. O jovem James, não sabendo o que fazer do dinheiro arrancado à exploração dos trabalhadores metalúrgicos, dedicou-se a estudar e em seguida a divulgar a literatura de "vanguarda" da burguesia em decomposição, a literatura que exatamente exprime os interesses de sua classe.

Comenta o "Time" com cínica ironia: "Depois da onda de romances de temas homossexuais no pós-guerra... a maioria dos leitores nos Estados Unidos pouco necessitam do radar de "New Directions" para captar a tendência; mas, com entusiasmo de calouro (o autor antologia) capta-a numa meia dúzia de contos e fragmento de prosa invertidos." (Note-se o uso deliberado do adjetivo.)

A peça de resistência do livro é uma novela de Jean Genêt, a última postema literária que supurou nos "bas fonds" parisienses. É um poeta que o esnobismo procura apresentar como um Rimbaud redivivo, pobre Rimbaud! As reportagens do granfinismo literário proclamam-lhe abertamente os vícios e títulos de "lumpen", ladrão e invertido. Jean Genêt, conta-se entre exclamações de êxtase, já foi sentenciado por crime de roubo. E os ricos que hoje o convidam aos salões dividem-se entre o sentimento de admiração pelo estranho personagem da moda e o receio de que ele carregue no bolso, por hábito, um talher de prata ou o relógio de estimação.

A literatura de Jean Genêt é naturalmente a que convém a um milionário americano do aço nos dias de hoje. São os produtos culturais que o Plano Marshall fomenta na Europa Ocidental, para contrabalançar aquilo que um órgão reacionário parisiense chamou a "onda de virtude" vinda de Moscou.

Há muito mais, porém, em matéria dessas aberrações que se diriam inventadas pelo inimigo da civilização cristã e ocidental. Exemplo impressionante é o do novo astro surgido no firmamento literário cosmopolista no imperialismo, com o fabuloso nome de guerra de Truman Capote. Pude penetrar no seu livro "Our rooms, our voices" o bastante para perceber que a história é sobre um sobrinho denegerado que se entregar a um tio idem, depois de desfrutar os favores sexuais de uma anã! Mas para que não haja nenhuma suspeita de parcialidade, vamos dar a palavra ao cronista de uma secção literária, que assim apresenta objetivamente o incrível Capote.

DECADENCIA

“O escritor de sucesso mais rápido nos Estados Unidos — o país das coisas rápidas — conquistou 62.000 leitores em pouco tempo, talvez devido ao pseudônimo presidencial. Admirador de Proust, Flaubert e Faulkner, Truman

Capote — que tem 25 anos, mede um metro e 54 de altura e pesa 48 kilos — teve um sucesso também imediato na França onde 17.000 exemplares do seu livro, publicado sob o título de “Domaines Hantés”, foram vendidos em poucas semanas. Antes de escolher seu pseudônimo, Capote hesitou entre várias presidentes. Desejou ser, sucessivamente, Washington Capote, Lincoln Capote e Roosevelt Capote. Depois, achando que não há tempo como o presente, resolveu adotar o nome do atual presidente dos Estados Unidos, A Casa Branca deve ter ficado escandalizada, porque os assuntos que o escritor aborda em seu livro são ligeiramente impróprios. Jean-Paul Sartre classificou o jovem escritor americano como “existencialista feérico”.

Assuntos impróprios, como diz pudicamente o noticiário, são, por exemplo, além dos que citei, o estupro de uma negra, onde o feérico Truman Capote se compraz voluptuosamente. Episódio de “sexualidade aberrante”, na expressão de um crítico admirador que se assina Antonio d’Elia, e que pergunta o que Truman Capote consegue com isso, acrescentando:

“(Consegue) que nos revoltamos contra a miséria do moral do campesino, contra a crueldade daquele impotente que chega a ponta do charuto ao “belly button” da negra? Longe disso! Presos àquela página em “staccato”, convulsionante, em que a negra, com poderoso “slang” entremeado de expressionismo histérico faz rodizio entre o seu monólogo e a palavra do escritor, gozamos de puro prazer hedonístico.” (Grifo nosso.)

Esta última beleza saiu no “Estado de São Paulo”, onde o sr. Sérgio Milliet também goza de puro hedonismo e quando este artigo fôr publicado já deverá estar em páreo com o Sr. Otto Maria Carpeaux na divulgação da novidade literária.

O puro hedonismo de Truman Capote conduz, era de esperar, a uma justificativa do racismo nos Estados Unidos, mais acentuadamente ainda que em Faulkner. “O que se pode fazer contra a incineração de negros, se não aplicar medidas policiais e administrativas?” chega êle a perguntar com repulso

cinismo. Para o artista Capote a miséria, a exploração dos algodoeiros e plantações de fumo, os linchamentos só têm interesse hedonístico.

A Truman Capote na literatura corresponde Truman Harry na política. Não nos estendemos nessa analogia tão literalmente óbvia quanto exata no conteúdo. Mas esqueçamos de informar que Truman Capote aparece nas fotografias com gravata borboleta, o ar lânguido e uma franginha “à Claudette Colbert”.

A tais maravilhas da mais recente ficção burguesa se equipara, no plano das “idéias gerais”, a literatura dos trãnsfugas da revolução. Com aquê-le instinto que fêz a fortuna de “Seleções”, os americanos também compendiaram numa antologia a “experiência” de seis homens que bordejaram um dia o movimento comunista e hoje capitalizam êsse bordêjo. São êles Artur Koestler, Inácio Silone, Richard Wright, André Gide, Stephen Spender e Louis Fisher, que explicam os respectivos temperamentos em relação ao comunismo.

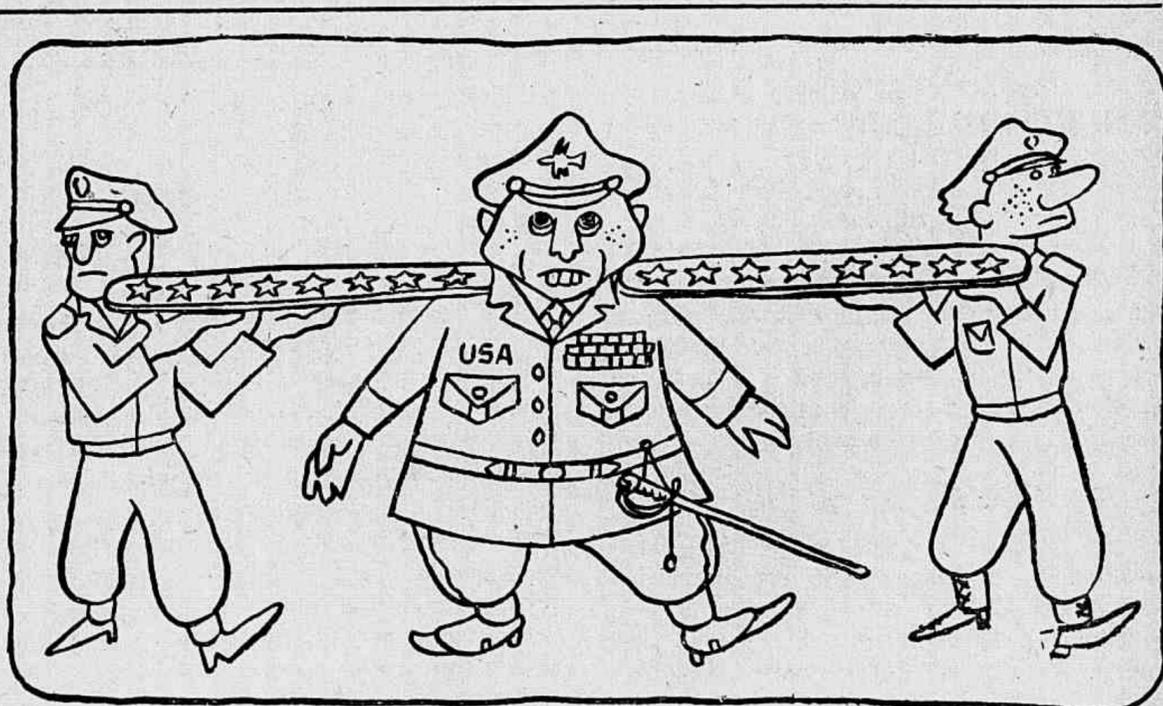
Dêsses, dois são notôriamente homossexuais: Gide e Spender. O primeiro sustenta que “não se faz boa literatura com bons sentimentos.” Nessa perspectiva foi à União Soviética e voltou decepcionado: os bons sentimentos lavram assustadoramente no país do comunismo e com êles se faz a literatura de Gorki de Ostrowski, de Fadeev, de Chokolow, de Ehrenburg. Gide levava também a preocupação de zelar pela sorte dos seus companheiros de tara sexual, e quando viu que na URSS o seu caro vicio era tratado como doença, ao invés de receber estímulo a título de fonte da boa literatura, pôs-se inquieto e quis colocar o problema com Stalim, como está dito no “Retour de l’URSS”. Não o conseguiu. Mas ficamos sabendo que Gide, na União Soviética pretendia

levantar uma bandeira — a bandeira da “libertação” dos pederastas. E como as frases nunca saem por acaso, compreendemos por que êsse velho tarado, depois de se roçar pelo comunismo, viria a rastejar diante de Pétain e dos alemães, num abjeto espetáculo de servilismo intelectual, escrevendo: “Reconciliar-se com o inimigo de ontem não é corvadia, mas prudência, aceitação do inevitável... Viva a opressão do pensamento!” Isto, naturalmente, não figura na antologia.

O negro americano Richard Wright não escapa também aos efeitos devastadores da nova “ética” em função do anticomunismo, e chega a desenvolver a tese da suprema revelação da personalidade humana pelo homicídio. Na busca de uma saída, cheio de terror diante da brutal realidade americana, um dos seus principais heróis negros só vê êsse caminho e encontra uma morte absurda. É a vertigem do aniquilamento num escritor cuja traição o leva afinal à perda de si mesmo, como das raízes populares, de classe e de côr, que lhe davam fôrça e originalidade.

Outro renegado que traz o seu depoimento, para edificação dos salões aristocráticos, é o italiano Silone. Esse veterano vira-casaca, logo após a publicação de antologia dos trãnsfugas recebeu uma arrasadora resposta de Togliatti. Na sua magistral “Contribuição à psicologia de um renegado”, o líder comunista italiano expõe as mazelas morais de Silone, as suas baixas ambições, as intrigas e mentiras, o duplo jôgo, mostrando que por tudo isso êle não saiu, mas foi expulso do Partido Comunista.

Com deleites de masoquista, e no evidente intuito de valorizar-se, Silone procura fazer crer que o Partido disse coisas infamantes sôbre a sua conduta. Togliatti reporta-se ao documento de expulsão, onde está registrada a seguinte confissão de Silone: Ele declarou ser um anormal político, que o seu caso é um caso clínico, etc.” E conclui Togliatti esmagadamente:



— OS NOVOS GOERINGS.

"Deixo às pessoas "anormais" o julgamento. Nós falávamos naquela época de um caso de "degenerescência política." Agora se pretende apresentar a conduta de Silone como revelação de não sei que valores da moderna metafísica de costumes que nós, militantes comunistas, teríamos ignorado, conspurcado, destruído. Assim quer a moda. Mas nós somos homens simples, Nossa moralidade não conhece aquelas complicações metafísicas através das quais um tratante se torna herói do pensamento contemplativo e da vontade pura... Ao intrigante chamamos intrigante. Ao mentiroso, mentiroso. Um e outro não têm lugar em nossas fileiras. Eis tudo!"

Quanto a Koestler (estamos aqui abordando certos aspectos morais da literatura e dos literatos que o imperialismo joga no primeiro plano mundial), depois do sucesso de salão obtido com os seus romances em estilo Kravchenco, caiu numa espécie de misticismo que é o complemento natural de sua "experiência". Koestler acha que a realidade é o homem, e a humanidade uma abstração; que "a caridade não é uma virtude pequeno-burguesa, mas a força gravitacional que mantém a humanidade em sua órbita." E no domínio estético? Veja-se como o misticismo, já batendo às portas do céu, se prende às torrentes subterrâneas onde rugem os esgotos morais da burguesia. Esse mesmo homem, que acaba de ter a revelação da Caridade, proclama que o escritor só poderá ser verdadeiro realista no dia em que conseguir invocar sem desagrado a menstruação das mulheres.

Francamente, a esta altura é preciso pedir desculpas ao leitor pelos assuntos repugnantes que vieram à baila neste artigo. Mas é que a enxurrada da imundície burguesa respinga em cima de nós, e contra ela não existe defesa se a uma firme consciência dos objetivos de uma ética revolucionária, limpa, saudável. — não se acrescentar uma rude tare-

fa higiênica de combate e desmascaramento.

Fica para outra oportunidade o exame da influência que a literatura da derrocada da burguesia está exercendo no Brasil. Mas não resisto a mencionar um curioso episódio da estréia de "Huis Clos", do Sartre, em São Paulo, onde a Igreja e a Política aparecem confraternizando publicamente com o existencialismo. Diz a notícia, publicada nos jornais do Rio, que os responsáveis pela companhia teatral fizeram uma representação especial, a que compareceram os representantes da Secretaria de Seguranças, do Serviços de Diversões Públicas e o Censor Oficial. E conclui:

"Ao finalizar, as autoridades não pouparam seus aplausos à peça. Os atores Sergio Cardoso e Cacilda Becker, católicos, comunicaram aos presentes que haviam obtido permissão das autoridades eclesiásticas para tomar parte no espetáculo, muito embora o autor da peça esteja no index da Santa Sé."

O "Estado de S. Paulo", órgão oficial das classes dominantes, fez grande propaganda da peça, inclusive publicando fotografia da cena em que uma lésbica avança inequivocamente sobre a personagem que outrora se chamava "ingênuo."

Na verdade, a abjeção está oficializada.

Essa é a cultura do imperialismo, o produto intelectual de exportação da burguesia em colapso. Seleções", historietas em quadrinhos, filmes idiotas para o embrutecimento das massas. Cosmopolitismo, pessimismo, degradação, perversão, culto da forma em si, "reação contra a democratização da cultura", fuga ao real, morbidez, sadismo e loucura, para as camadas mais instruídas, para os intelectuais, principalmente os jovens, aos quais se tenta afastar do caminho revolucionário. Estamos numa etapa final da ofensiva imperialista no terreno da cultura, em que arte de decadência serve diretamente aos disgnios de guerra e de expansão mundial norte-americana.

O reconhecimento desta realidade monstruosa impõe um grave de-

ver aos intelectuais e artistas, na dupla defesa de seu povo e de sua arte. Não basta vagamente mostrar-se favorável a uma "participação" em termos de política geral, estabelecendo uma dissociação entre a atividade literária e artística — ficção, poesia ou crítica — e a atividade propriamente política, muitas vezes limitada à simples assinatura de manifesto. É necessário que a concepção revolucionária do mundo se reflita no desejo de transformá-lo pelos meios da arte, se exprima a cada passo do trabalho intelectual e artístico, selando-o com a sua marca profunda, graças à inspiração permanente de uma estética socialista. Em caso contrário, de nada valerá a adesão ao movimento revolucionário, porque o artista irá servir com a sua obra o inimigo, a quem pretende combater dando apenas o seu nome — e as suas melhores intenções — em apoio da classe revolucionária, o proletariado. Estará ajudando de fato ao mundo caduco, e não às forças históricas em ascensão, que se acrescentaram com a sua estética definida e a sua unidade moral indissolúvel. Essa estética é a que se baseia no realismo socialista, e constitui a arma poderosa para luta contra os elementos artísticos de dissolução da burguesia ocidental.

Permitir que se infiltrem na obra criada as concepções estéticas decadentes e corrompidas da sociedade burguesa em agonia é envenenar conscientemente as fontes de uma arte e de uma literatura dignas do tempo que estamos vivendo. Aos tarados a degradação, aos servos dos donos da vida o pessimismo, e formalismo estéril, a negação dos valores humanos que hoje cada vez mais se agigantam numa quarta parte do mundo. As intelectuais e artistas honestos a alta missão de varrer o monturo para abrir caminho à cultura da humanidade libertada e construir em harmonia com as grandes massas que estão forjando nos dias de hoje a maior epopéia da história. Esses intelectuais e artistas têm nas mãos o patrimônio da vida, da esperança, da paz. Cumpre entregá-lo, enriquecido, ao futuro.

III CONGRESSO DE ESCRITORES BRASILEIROS

(cont. da pág. 11)

AFONSO SCHMIDT:

"Considero esse congresso muito importante para todos nós escritores porque, reunidos os nossos representantes, poderemos nos conhecer melhor e discutir os problemas que mais nos interessam neste momento e que são muitos."

RUY BARBOSA CARDOSO:

"No momento em que o povo brasileiro luta contra o cerceamento crescente das liberdades públicas e se ergue contra a ocupação de sua terra pelas forças que querem uma nova guerra, um Congresso de Escritores será a oportunidade para um balanço das energias dos homens que,

pela palavra escrita, servem sua pátria ou contra ela trabalham.

ARTUR NEVES:

"O III Congresso Brasileiro de Escritores patrocinado pela A. B. D. E. e a ser realizado na Bahia, constitui, sem dúvida, um dos fatos mais importantes do cenário cultural e político do país. No momento em que o imperialismo norte-americano tenta arrastar o nosso país a uma aventura guerreira contra os povos da União Soviética e das Democracias Populares, e em que um governo ditatorial e arbitrário tenta esmagar as últimas liberdades públicas e prosseguir numa política "entreguista" e de vassalagem aos provocadores de Wall Street, torna-se necessária a reunião de todos os escritores brasileiros num amplo e democrático congresso, a fim de que estes

possam manifestar o seu repúdio à guerra e o seu amor à liberdade."

CAIO PRADO JUNIOR:

"Já ha muito se faz sentir a necessidade da reunião de mais um congresso dos escritores, dado que o último já data de alguns anos, antes portanto dos mais graves atentados às liberdades públicas, contra os quais os escritores não podem deixar de se manifestar coletivamente."

JOSÉ GERALDO VIEIRA:

"Nós de São Paulo damos muito aprêço a esse Congresso, esperando nos valer de seu êxito para uma manifestação de inteligência e brasilidade."

«Cosmopolitismo e Internacionalismo»

por A. LEONTIEV

Ver o cosmopolitismo burguês denunciado como uma arma envenenada da reação imperialista põe em furor os pretendentes norte-americanos à dominação mundial. As raivosas diatribes do "Voix de l'Amérique" (1) mostram que os golpes lançados contra a influência nefasta do cosmopolitismo atingem o objetivo. Mas parece que os dirigentes da propaganda norte-americana começam a se dar conta de que a defesa aberta do cosmopolitismo pelos seus verdadeiros inspiradores, pode apenas contribuir para demascará-lo ainda mais, mostrando a quem ele serve na realidade. Fêz-se, por isso, entrar em ação as reservas: a famosa "terceira força", os socialistas europeus de direita.

E' ao jornal "Arbeiter-Zeitung", de Viena, que pertence a iniciativa neste domínio. A 24 de março último, êste órgão do partido socialista austríaco tomava a defesa do cosmopolitismo num artigo que pretendia esclarecer a questão teóricamente, se assim se pode dizer. Propõe-se o artigo do jornal vienense a pôr entre as mãos dos propagandistas do cosmopolitismo uma arma ideológica. Na verdade, esta arma se mostra das mais lamentáveis e um bocado enferrujada, mas não se encontraria melhor em todo o arsenal da "terceira força" e de seus padrões americanos.

Não é por acaso que o órgão dos epígonos (2) do austro-marxismo assume, hoje em dia, o papel de advogado do cosmopolitismo. Há quarenta anos, a palavra "austro-marxismo" já servia para designar uma maneira refinada de enganar a classe operária. Os representantes desta variedade do oportunismo, formada sob a monarquia dos Habsburgos, bateram todos os recordes de hipocrisia, traindo os interesses do proletariado e se rebaixando diante da burguesia ao mesmo tempo que juravam inteira fidelidade ao marxismo e aos ideais do socialismo.

A súcia dirigente do partido socialista austríaco é constituída, na hora atual, por um punhado de homens que se venderam, de corpo e alma, ao imperialismo anglo norte-americano; coisa que Erwin Scharf, antigo membro do comitê diretor dêste partido, confirmou ultimamente em seu livro "Je ne peux pas me taire". (3) Os fatos levaram Scharf à conclusão de que "a linha política dos líderes de direita do partido socialista austríaco é elaborada no Departamento de Estado americano". Em troca de dólares e de libras que recebem, êstes políticos pseudo-socialistas entregam-se a mesquinhas e lastimáveis elocubrações que nada mais são do que uma tradução do pensamento americano. De quando

em quando, a velha cozinha do austro-marxismo prepara um prato mais apetitoso. Dêste gênero de pratos é o artigo em que o "Arbeiter-Zeitung" toma a defesa do cosmopolitismo.

"O que é um cosmopolita? — pergunta o jornal. E eis a resposta que dá a esta questão:

"No sentido literal da palavra, é um homem que pertence ao universo, ao mundo inteiro, isto é, um cidadão do mundo, cujas idéias, cujos sentimentos se dirigem a todos os povos da terra; em outros termos, é aquêle que aspira ao internacionalismo."

Depois de ter assim definido o cosmopolitismo, pergunta o autor do artigo, com o ar mais inocente do mundo:

"Haverá nisto um crime? Haverá nisto uma injúria?"

A impostura do jornal vienense, que desejaria fazer passar o cosmopolitismo por internacionalismo, pôr entre os dois um sinal de igualdade, salta aos olhos. Pois o cosmopolitismo, e o internacionalismo longe de serem uma só e mesma coisa, são duas noções diametralmente opostas.

O verdadeiro internacionalismo é a ideologia da classe operária. Jamais existiu nem existe outro internacionalismo. O internacionalismo proletário é fundamentalmente hostil ao nacionalismo e ao chauvinismo burguês, ideologia da desigualdade e da opressão nacionais e raciais. Além disso, porém, acha-se êle intimamente associado a um profundo amor pela pátria e a uma luta cheia de abnegação pela sua liberdade, contra os opressores reacionários do interior e os dominadores estrangeiros; ao apêgo às tradições progressistas de sua história, de sua cultura e de sua arte.

Os homens de mãos calosas, os trabalhadores manuais e intelectuais, os que criam todos os valores materiais e espirituais não podem deixar de amar sua terra natal, seu povo e sua cultura. Mesmo esmagados pelo poder de exploradores parasitas, têm êles a consciência, que nada lhes pode arrebatá-los, de serem os verdadeiros senhores da vida, de terem a seu favor o futuro. Na nossa época, em que a era do capitalismo chega a seu fim, esta consciência desperta no coração dos povos com uma nova força.

Na União Soviética, onde o antigo regime de exploração e de opressão foi destruído até em seus fundamentos e onde se eleva o majestoso edifício de uma vida livre, socialista, o amor pela pátria tornou-se uma poderosa alavanca do desenvolvimento social, a fonte de prodigiosas vitórias do socialismo, tanto em tempos de guerra como nas condi-

ções do trabalho pacífico. O patriotismo soviético engendra um heroísmo de massa até então sem exemplo. induz o homem soviético a praticar, no combate e no trabalho, feitos que provocam a admiração de toda a humanidade avançada.

"O que faz a força do patriotismo soviético, disse J. Stalin no relatório que consagrou ao 27º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, é que não assenta ele sobre preconceitos racistas ou nacionalistas, mas sobre a fidelidade e o profundo devotamento do povo à sua Pátria soviética, sobre a confraternização dos trabalhadores de todas as nações que habitam nosso país."

Como nos mostrou J. Stalin, o patriotismo soviético une harmoniosamente as tradições nacionais dos povos e os interesses vitais comuns a todos os trabalhadores de nosso país. A cultura soviética conserva ciosamente e multiplica a preciosa herança da cultura avançada do povo russo, que vem à testa de todas as nações da U. R. S. S. O patriotismo soviético, longe de desunir, agrupa todos os povos de nosso país numa grande família fraternal, unida pelos laços de uma inalterável amizade. Foi o nobre sentimento do patriotismo soviético que determinou os homens soviéticos a lutarem com abnegação para liquidar o secular atraso econômico de nosso país num prazo histórico dos mais breves, a fim de assegurar a independência de nossa Pátria. Era êste sentimento que armava o povo soviético durante a Grande Guerra nacional contra o invasor fascista alemão, nos anos em que o exército soviético não somente salvaguardou a liberdade e a independência de nossa Pátria, mas cumpriu, além disso, uma grande missão libertadora, arrancando os povos europeus à escravidão fascista e salvando da barbárie hitlerista a civilização da Europa. A poderosa força do patriotismo soviético, o legítimo orgulho inspirado pelas vitórias do socialismo no domínio político, econômico e cultural, incita o homem soviético a feitos sempre renovados no período atual, em que nossa Pátria se encaminha para a edificação do comunismo integral.

O triunfo do socialismo na U. R. S. S., o papel decisivo representado pelo nosso poderoso Estado socialista na última guerra mundial e a crescente influência que exerce nos negócios internacionais, tudo isto permitiu a um certo número de povos da Europa central e sudeste libertar-se do avassalamento e do jugo das súcias venais de grandes latifundiários e capitalistas. Graças ao apoio desinteressado da União Soviética, os países de democracia popular assentam os fundamentos

(1) "Voz da América" N. T.

(2) Palavra grega — seguidor, discípulo. N. T.

(3) "Não me posso calar" N. T.

do socialismo, consolidam sua independência política e econômica. Em todos estes países, o novo sentimento de que são enfim os donos de sua sorte cresce e amadurece entre os povos liberados; no curso da luta dirigida contra as influências deletérias da cultura burguesa, vemos reforçar-se o sentimento vivificante do patriotismo em que o amor pela pátria, pela sua liberdade e sua independência, se une a um profundo reconhecimento à União Soviética, baluarte da paz e da segurança internacional, força dirigente do campo anti-imperialista que vela pela soberania nacional dos povos.

Uma nobre aspiração de defender a independência nacional e a soberania de seu Estado contra as imundas tentativas dos pretendentes de além-mar à dominação mundial, cresce, igualmente, na consciência dos povos dos países "marshallizados" da Europa ocidental. Traindo os interesses nacionais, a burguesia covarde e abjecta, assim como seus lacaios socialistas de direita, suscitam um protesto e uma indignação sempre mais vigorosos no coração dos povos. Neste protesto, o desprezo bem compreensível pelas classes dirigentes falidas, é acompanhado da firme convicção de que o porvir pertence às massas laboriosas, de que não está longe o tempo em que os povos saberão varrer de sua

existência a mácula do parasitismo e da exploração e tomar entre as mãos os seus próprios destinos. A confiança que têm em sua força e em sua vitória futura inspira aos meios democráticos e avançados dos países da Europa ocidental a determinação de empreender a luta contra o servilismo da burguesia ante o imperialismo norte-americano, contra a influência dissolvente da ideologia americanizada das classes dominantes, da qual um dos elementos constitutivos é o cosmopolitismo, este pérfido subterfúgio das classes moribundas.

O internacionalismo proletário é a solidariedade internacional dos trabalhadores na grande luta libertadora que empreende para derrubar a dominação da burguesia, a fim de que triunfe o socialismo. Em nossa época, está o mundo dividido em dois campos: o campo antidemocrático do imperialismo, dirigido pelos Estados Unidos, e o campo anti-imperialista do socialismo, chefiado pela União Soviética e pelos países de democracia popular. O campo da reação imperialista traz aos povos a opressão, a vassalagem econômica e política, as crises econômicas, o desemprego em massa, novas guerras de extermínio. O campo do socialismo e da democracia, este dirige uma luta conseqüente e resoluta para uma paz duradoura e segurança

dos povos grandes e pequenos, para sua liberdade e sua independência, para a salvaguarda e o fortalecimento de sua soberania nacional. Sendo assim, professar o internacionalismo proletário é colaborar com o campo do socialismo e da democracia, é lutar contra o campo do imperialismo e da reação.

Tais são as verdades simples e evidentes para milhões de homens que o **Arbeiter-Zeitung** de Viena tenta alterar e desnaturar por um procedimento fraudulento.

Ao internacionalismo proletário se opõe o nacionalismo burguês cujo reverso é o cosmopolitismo que produz tanta confusão na hora atual. Escrevia Lenin:

"Nacionalismo burguês e internacionalismo proletário: duas palavras de ordem fundamentalmente hostis uma à outra, que correspondem aos dois grandes campos de classe de todo o mundo capitalista e traduzem duas políticas (ou melhor: duas concepções do mundo)..."

A concepção do mundo e a política da burguesia repousam sobre o nacionalismo e o chauvinismo, pois o poder da burguesia é inconcebível sem a desigualdade social e nacional,

FETIS SIABLIKOV

UM CONTO SOVIETICO

por VASIL ILENKOV

Eram doze e estavam presos, sob cadeado, num frio celeiro kolkoziano.

Chegava aos seus ouvidos o estalido da neve sob as pesadas botas da sentinela.

— Parece que está caindo uma forte nevada — disse Fétis, quebrando o silêncio que pesava sobre todos.

Permaneciam calados porque um só pensamento os torturava. Logo pela manhã lhes haviam perguntado:

— Quem de vocês é comunista?

Ninguém respondeu.

— Bom, pensem... — disse o oficial alemão e, com um gesto significativo, descansou a mão sobre o coldre da pistola.

Na aldeia ficaram retidos dois comunistas: Zobotkin, o presidente do kolkoz, e Vavilitch, o secretário do Partido. O primeiro havia sido assassinado pelos alemães, naquela manhã, em plena praça, na presença de todos os kolkozianos.

Zobotkin era um homem de constituição muito forte: podia levantar um cavalo. Punha-se debaixo da barriga do animal, contraia os músculos e o suspendia no ar sobre os seus ombros poderosos.

Na véspera, ajudando a erguer um caminhão que se atolara na lama, Zobotkin torcera um pé, o que o impediu de alcançar o bosque com os guerrilheiros.

Os alemães o esquartejaram, amarrando-o pelos pés e mãos a dois tanques em movimento. Zobotkin apenas teve tempo para exclamar:

— Adeus, irmãos!

Todos gravaram, para sempre, a expressão de seus olhos grandes, negros, profundos e tão implacáveis que Fétis pensou: este homem não perderá nem depois de morto.

E cada um dos presentes teve a impressão de que Zobotkin o olhava particularmente, tal como acontece, às vezes, quando

contemplamos um quadro, cuja figura parece nos seguir com seu olhar.

Fétis estava convencido de que Zobotkin olhava especialmente para ele, dizendo-lhe em tom de acusação: "Ah! Fétis, Fétis! Se tivesses pôsto a tábua sob as rodas do caminhão, em vez de estar coçando a cabeça, certamente eu não teria torcido o pé, não teria sido preso pelos alemães e não sofreria este horrível tormento..."

E, ao recordá-lo, Fétis murmurou:

— A tábua... Eu devia ter colocado logo a tábua...

Alguns dos seus onze camaradas olhavam-no com surpresa; Vavilitch mudou as muletas de lugar e ergueu a cabeça.

Ao perceber o olhar do secretário do Partido, Fétis pensou: "Este também tem motivos para odiar-me".

E, de fato, Vavilitch o olhava com desconfiança, as negras sobranceiras franzidas. Fétis baixou os olhos, pensando: "Este paraplético é um bruxo... Dá a impressão de ser apenas um feixe de ossos, mas quando crava os olhos numa pessoa, parece que a atravessa. Não há quem lhe resista."

Fazia dois anos que Vavilitch havia perdido o movimento das extremidades inferiores. Era na primavera. Levavam um carro com sementes do elevador; os caminhos estavam transformados em lodaçal; as águas se precipitavam nos declives. O gelo partiu-se, sob o peso do carro e os sacos cheios de sementes de um trigo especial caíram dentro da água. Vavilitch foi o primeiro a mergulhar nas águas geladas para salvar a preciosa carga. Os demais seguiram o seu exemplo. Somente Fétis permaneceu tranqüilamente junto à margem, indiferente ao que estava acontecendo.

Desde esse dia, Vavilitch passou a andar de muletas. Mas em seus olhos surgiu uma força irresistível que fazia com que Fétis não fosse capaz de encará-lo, dominado pela vergonha e pelo medo.

Vavilitch permanecia sentado, encolhido, mergulhado em seus pensamentos. Estava convencido de que os alemães o matariam e, por isso, agora, achava que o mais importante era fazer um balanço de tudo quanto praticara de bom em sua vida, como membro do Partido Comunista. Como se despediriam dele, em seu fóro íntimo, aqueles onze homens? Haveria, ali, alguém capaz de denunciá-lo aos alemães?

sem a opressão social e nacional. O nacionalismo e o chauvinismo servem de base e justificação ideológicas para a desigualdade e a opressão. O nacionalismo burguês é a negação dos legítimos direitos dos outros povos, é o desprezo por sua cultura, é a filosofia canibal do racismo. Atiça os ódios e os conflitos entre as nacionalidades. Longe de ter algo em comum com os verdadeiros interesses nacionais dos povos, o nacionalismo burguês constitui para estes interesses um perigo mortal. A história conhece mais de um caso em que o chauvinismo agressivo da burguesia conduziu os povos à beira do abismo e os aplainou à catástrofe. A história da dominação hitlerista na Alemanha é disto, o exemplo mais recente, mas está longe de ser o único.

A segunda guerra mundial e o pós-guerra mostraram que, em cada país, as massas laboriosas, conduzidas pelo operariado, são as únicas verdadeiramente patriotas. Na época atual do capitalismo monopolista, avançam sempre mais as classes exploradoras no caminho da traição dos interesses nacionais de seu país. Sua política antipopular inspira-se em interesses de classe estreitamente egoístas e cúpidos. Escrevia Lenin:

“... Acima dos interesses da pátria, do povo e de tudo o que se queira, o capital coloca a manutenção da aliança dos capitalistas de

todos os países contra os trabalhadores.”

Eis o que encontramos na base do cosmopolitismo burguês. O cosmopolitismo burguês e o nacionalismo burguês não são mais do que duas hipóteses de uma mesma divindade, que é o bezerro de ouro cuja religião ignora não somente as fronteiras nacionais, mas também os interesses nacionais. Corresponde a esta religião uma moral corrupta, uma moral rapaz, encarnada nestes preceitos burgueses: dinheiro não tem cheiro; a pátria está onde se está bem. O cosmopolitismo burguês tem suas raízes nas ligações internacionais do capital, força anônima que mantém os povos na escravidão e os oprime. O cosmopolitismo é, em nossos dias, a expressão da tendência das mais fortes potências do grupo capitalista ou de uma só potência para estabelecer sua hegemonia sobre o mundo, para estabelecer, pela força, sua dominação universal, tendência própria do imperialismo. Na nossa época, esta tendência é representada pelo imperialismo anglo-norte-americano. Por isso é que o cosmopolitismo surge, na hora atual, como o reverso da ideologia de superioridade racial cultivada pelos imperialistas anglo-saxões.

Existe um liame indissolúvel entre o chauvinismo e o cosmopolitismo; isto aparece especialmente na atividade dos socialistas de direita dos diferentes países, amigos e correligio-

nários políticos dos que escrevem no *Arbeiter-Zeitung* de Viena. Os pseudo-socialistas de direita, que se prosternam diante do imperialismo norte-americano, aplicam e defendem em outros lugares a mais feroz política de opressão com respeito aos países e aos povos estrangeiros.

Dirigindo-se aos povos da Europa ocidental, Bevin não lhes poupa conselhos para que renunciem à soberania nacional em favor de blocos agressivos que se cobrem com a bandeira da “unidade européia”. Mas é, por outro lado, o mais expedito defensor do imperialismo britânico, em cujo interesse reprime os movimentos de libertação nacional na Malásia, na Birmânia, na Índia, no Oriente-Próximo, nas colônias africanas. Com Churchill, Bevin organizou a criminosa intervenção contra o povo grego, cujo sangue se derrama, desde então, na luta que mantém contra os dominadores anglo-americanos e seus protegidos monarco-fascistas.

Léon Blum que, como verdadeiro cosmopolita, prega com zelo a traição aos interesses nacionais da França e se ajoelha servilmente diante do americanismo, sob tôdas as suas formas, faz a apologia da guerra colonial dirigida pelos colonizadores franceses contra o povo do Viet-Nam. Posição idêntica ocupa na Bélgica o socialista de direita Spaak, um dos sustentáculos da famosa “unidade européia”, e ao mes-

Vavilitch pôs-se a examinar mentalmente cada uma das pessoas que se encontravam ali no celeiro. Durante quinze anos tivera possibilidades de estudar bem todas elas e via, como num filme, o que cada qual escondia dentro da alma, tal como pedras no fundo de um lago cristalino.

O velho Danila, pequeno e fraco, tiritava de frio, friccionando os pés descalços: os alemães lhe haviam tirado as botas de feltro. O velho tinha as pernas finas, peludas, cheias de veias azuladas... Timocha, seu filho, estava na frente de combate, comandando uma bateria. Os alemães não arrancariam uma palavra deste homem que tinha um filho defendendo a Pátria!

Maxim Savélievitch, engenheiro agrônomo e chefe de uma brigada kolkosiana, preferiria morrer, suportaria todos os suplícios antes de denunciá-lo. Certa vez, quando Vavilitch sugeriu o seu ingresso no Partido, respondeu:

— Não me sinto digno dessa honra. Que espírito deve animar um comuista? Um espírito que retrate toda a grandeza humana. Assim, é melhor que eu siga cuidando das colheitas...

Ficou muito alegre ao saber que havia bolcheviques sem partido.

— Eu sou um deles — exclamou.

... Ao lado de Vavilitch estava Ivan Turlitchkin, um homem sem importância, mas como era compadre de Maxim Savélievitch, faria tudo quanto este fizesse e o seguiria até o pátibulo, se fôsse preciso.

Vavilitch esteve, assim, examinando, um por um, os dez homens e em nenhum deles pôde suspeitar um traço sequer da vilania que os alemães desejavam encontrar. Por último, restava Fétis Siablikov...

Este era um homem intratável, sempre descontente com tudo e com todos. Criticava injustamente os trabalhos realizados no Kolkos, resmungando entre dentes:

— Toca a exprimer os nossos bolsos...

Quando Vavilitch, arrastando as pernas, ia visitá-lo, Fétis saía, rosando, ao seu encontro?

— O quê? Já vens pedir contribuições para a construção de mais um avião? Ou quem sabe desejas agora uma nova

coleta para auxiliar os negros?... Vavilitch costumava empregar esta frase em seus discursos: “Assim vivemos nós... Vejamos, agora, como vivem os negros...” “E Fétis não perdia ocasião para responder-lhe: “Eles não nos devem invejar muito...” — e se encaminhava para a porta. Nessas ocasiões, Vavilitch ia procurá-lo em casa e lhe fazia uma longa exposição sobre o Estado Soviético e o dever dos cidadãos. Fétis acabava por subcrever o empréstimo ou dava uma contribuição para qualquer coisa. Sacava, com muito cuidado, a carteira recheada de notas, umedecia os dedos com saliva e punha-se a contar lentamente o dinheiro.

— Fétis, tu és duro como um nó de álamo... — dissera-lhe Vavilitch, perdendo a paciência.

Esses nós são tão fortes e resistentes, têm as fibras de tal forma entrelaçadas e unidas, que nem a serra nem o machado consegue afetá-los.

“Apesar dos anos decorridos, ainda não consegui polir esta pedra...” — pensou Vavilitch, com amargura, contemplando o rosto de Fétis.

Enquanto isso, Fétis, com o gorro de peles enterrado até as sobrancelhas, se aproximava de cada um dos companheiros de reclusão, sussurrando-lhes qualquer coisa nos ouvidos. Neste momento, ele cochichava junto ao rosto de Maxim Savélievitch e este meneava negativamente a cabeça, afastando-o com as mãos.

— Afasta-te! — disse gravemente — Deixa de lado as tolices que surgem na tua cabeça!...

Isso foi ouvido por todos. “Está procurando convencê-lo de que deve denunciar-me — pensou Vavilitch e, preparando-se para tudo, disse para si mesmo: “Bem, Vavilitch, trata agora de responder por tudo quanto fizeste na aldeia, durante estes quinze anos.”

Voltou a percorrer com os olhos todos os que se achavam no celeiro, e, de repente se lembrou como aquela gente era completamente diferente, antes de ele chegar ao povoado... Faziam quinze anos que Maxim Savélievitch havia dado uma paulada no velho Danila, porque este apanhará uma maçã que o vento derrubou no chão de sua chácara. No ano seguinte, o velho Danila degolou uma galinha pertencente a Maxim, que pulara no seu quintal.

mo tempo, um ardoroso defensor das campanhas de agressão empreendidas pelas potências coloniais na Indonésia, Indochina e outras regiões. Se este rasteja diante do imperialismo anglo-americano, Kurt Schumacher, líder dos socialistas alemães de direita, excita, por outro lado, as paixões desforristas e não fica atrás do próprio Goebbels na sua propaganda desenfreada do racismo e do chauvinismo.

Na segunda sessão da Assembléia geral da O. N. U., o chefe da delegação soviética, A. Vichinski, tomando a palavra no Comitê político, no dia 6 de outubro de 1947, desmascarou inteiramente a pérfida propaganda feita em favor da renúncia à soberania política dos Estados, propaganda a que se tinham entregado, na mesma sessão, Spaak, McNeil e outros representantes do bloco anglo-americano. Observando que Spaak tratava a idéia da soberania dos Estados como cobertura política, velha idéia fora de moda, velha idéia reacionária, A. Vichinski mostrou que Spaak não fazia mais que retomar as doutrinas dos juristas reacionários que, na época da Liga das Nações, preconizavam a criação de um "super-Estado". Ao mesmo tempo, pôs a nu os verdadeiros motivos desta propaganda:

"O desenvolvimento do capitalismo e, sobretudo, a passagem do capitalismo à sua fase suprema, o imperialismo, engendram a ten-

dência à dominação e às anexações. Isto, porém, provoca uma crescente resistência nos povos que despertam para a consciência nacional. Esta resistência pode facilmente exprimir-se por ações e outras medidas perigosas para o capital estrangeiro... Mas a soberania política dos outros Estados incomoda os países que aspiram a dominar economicamente, a estender sua esfera de influência econômica e política."

Daí o desejo de acabar com a soberania política, com a independência nacional dos povos. Pois a soberania política dos outros países é um obstáculo à realização dos planos de expansão.

"A soberania política dos Estados, declarou A. Vichinski, é a bandeira da independência e da luta de muitos e muitos países contra os ferozes apetites dos monopólios capitalistas."

São os interesses desses monopólios que inspiram a propaganda de Spaak, de McNeil, de Bevin, de Attlee, de Blum, de Schumacher e de outros socialistas de direita, que induzem a rejeitar "todos os atributos da soberania nacional."

Se os imperialistas anglo-americanos utilizam a pérfida ideologia do cosmopolitismo é porque ela

justifica todas as traições nacionais, todas as atividades antipopulares de espionagem e de divergência. Acobertado pelos propósitos hipócritas relativos a uma cultura e a uma ciência universalmente humanas, a um "governo mundial", aos Estados Unidos da Europa e mesmo do mundo inteiro, pregam e inculcam o servilismo ante a ciência venal do dólar e da cultura burguesa em decomposição, a fé no mito charlatanesco do famoso "modo de vida americano", a submissão a todas as chantagens da infame diplomacia de Wall Street.

O rebaixamento e o servilismo cosmopolitas diante de tudo o que vem do exterior têm suas raízes no desdém pelo seu próprio povo, na falta de confiança em suas forças, no medo de que ele desperte — todos sentimentos característicos das classes exploradoras, que estão muito longe do povo, que lhe são mesmo estranhas e que já tiveram sua época mas que continuam agarradas ao poder.

Nos países "marshallizados" da Europa ocidental, o cosmopolitismo é, de um certo modo, uma cortina de fumaça ao abrigo da qual as súcias dirigentes traficam, avulso ou por atacado, com o que subsiste da soberania nacional, concedendo aos agressores americanos bases militares e dedicando-se a cumprir-lhes as ordens no sentido de abafar a indústria nacional. Nos países de democracia popular, as forças da reação, que estão derrotadas mas não ainda

Alguns anos se passaram e aqueles mesmos homens construíram juntos a ponte abobadada e censuravam os que não davam água, em horas certas, ao cavalo do kolkoz. Hoje, todos formavam uma única família, tranqüila e unida. E Vavilitch ficou alegre ao pensar que tudo aquilo era obra sua, fruto do seu espírito; que havia plantado tudo isso na consciência deles, com o sacrifício de sua saúde. Havia cumprido com honra o seu dever de comunista! Apoiando-se nas muletas, Vavilitch aproximou-se de uma fresta da porta, a fim de lançar um último olhar para aquele mundo tão ardentemente amado.

Fétis, que estava sentado junto à porta, encolheu-se mais, procurando esconder-se na sombra. Daquele ponto, observava o secretário do Partido.

Seu rosto refletia o mesmo ar de surpresa de quando vira Vavilitch lançar-se nas águas geladas, enquanto ele permanecia à margem, sem compreender como pode um homem arriscar a vida entre blocos de gelo flutuante para salvar alguns sacos de trigo que, no final das contas, não pertenciam a ele...

Vavilitch olhava através da fresta e em seu rosto brilhava uma luz interior. Sorria, como sabe sorrir um pai contemplando o berço de um filho. E, quando Vavilitch se afastou, Fétis sentiu um ardente desejo de saber o que o secretário havia visto através daquela pequena fresta. Aplicou um olho na estreita abertura e ficou pasmado.

Sobre o telhado de sua casa coberta pela neve, erguiam-se os galhos de um álamo. Naquele instante, a copa do álamo, inclinada ao péso da neve, e a chaminé do telhado estavam iluminados por uma luz de rosa e ouro. Eram os derradeiros fulgores do poente. Fétis via diariamente este quadro: tudo estava imutável e imóvel, como sempre — tudo, entretanto, se apresentava, agora, envolto numa atmosfera nova e desconhecida. A neve do telhado cintilava em reverberações de mil cores.

Subitamente clareava e o telhado surgia envolto em chamas alaranjadas; outras vezes, escurecia, mergulhando a paisagem numa atmosfera lilás. As marcas deixadas pelos corvos pareciam mais negras, em contraste com o arminho do telhado, assemelhando-se aos bordados de uma toalha.

Os grandes galhos do álamo, inclinados, pendiam como cachos dourados, sugerindo a figura de um garboso cavaleiro embuçado numa branca capa de veludo. Nos dias de festa, a sua filha Tania aparecia, assim, nas ruas. E todos os rapazes da aldeia a cortejavam, suspirando e imaginando quem mereceria as preferências da filha de Fétis... Tania já não estava ali, na aldeia e, para ele, nada mais havia de bom no mundo: os alemães a levaram, ninguém sabia para onde...

Somente agora, espiando através daquela fresta, Fétis havia compreendido que possuía tudo quanto um homem precisava para ser feliz. E continuava olhando, olhando sem poder afastar-se da porta, ofegante como quem tivesse levantado um grande péso.

Bruscamente, sentiu que alguém tinha os olhos cravados em sua nuca. Voltou-se, rápido, e encontrou os olhos de Vavilitch, grandes, negros e severos, tal como os de Zobotkin no derradeiro instante de sua vida.

Mas, nos olhos de Vavilitch havia alguma coisa a mais, alguma coisa penetrante e fria que o fez estremecer e voltar, desconcertado, os olhos para a fresta.

Ali estava a rua por onde andara toda a vida, sem perceber a sua beleza.

À distância, resplandecia o gelo novo que cobria o açude. A sua superfície de espelho estava deserta: já não se ouvia o riso sonoro das crianças nem o alegre tinir dos patins sobre o gelo.

A escola se elevava sombria, convertida em prisão pelos alemães. Os soldados cortavam as árvores plantadas em torno do açude, como se não fôra bastante a lenha que tiravam do bosque... No alto da colina erguia-se o moinho de vento, com seus braços quebrados e impotentes; a luz clara e brilhante, que iluminava as casas e os currais, já não existia; emudeceu o alegre traqueteio da trilhadeira sobre a grama; longe, no campo, negrejava a segadora-trilhadora, como um barco aprisionado pelos gelos...

Fétis lembrou-se de quanto trabalho lhe tinha custado levantar e construir tudo aquilo, como resmungavam os descontos, e ele em primeiro lugar, não porque discordasse, mas, simples-

aniquiladas, esforçam-se em justificar, pelas palavras de ordem cosmopolitas — sua passagem aos métodos de espionagem e de sabotagem para lutar contra o poder popular — o fato de que se puseram à disposição dos serviços de informações americanos e ingleses.

Nas presentes condições, o cosmopolitismo burguês cumpre uma importantíssima tarefa para a reação internacional. É um meio de escamotear este fato decisivo de nossa época, de que existem no mundo dois sistemas, dois campos; o campo do socialismo e da democracia, de um lado, e o da reação imperialista, de outro. O cosmopolitismo é chamado a encobrir as contradições sociais, as contradições de classe entre estes dois campos; a destruir a fé na superioridade do socialismo sobre o capitalismo e, assim, desmoralizar os elementos menos estáveis. É por isso que o povo soviético desmascara e condena tão vigorosamente o ínfimo punhado de renegados, de cosmopolitas sem pátria, que tenta deter o desenvolvimento da cultura soviética.

Os mais eminentes democratas e humanistas russos, cujos nomes os homens soviéticos pronunciavam com um legítimo orgulho, eram todos ardentes patriotas e odiavam apaixonadamente o nacionalismo opressor e o cosmopolitismo, que é o seu reverso. Há mais de cem anos, escrevia o grande democrata revolucionário russo, Bielinski:

“Amar seu país é desejar ardentemente ali ver realizado o ideal da humanidade e para isso contribuir na medida de suas forças. Do contrário, o patriotismo será um sentimento puramente bizarro; será amar o que nos pertence unicamente porque nos pertence e odiar a tudo o que é estrangeiro unicamente porque é estrangeiro; isto será comprazer-mo-nos com nossa feiúra e deformidade.

É, em nossa época, um “sentimento puramente bizarro” desse gênero o americanismo que, na verdade, “se compraz com sua própria feiúra e deformidade.

Denunciava Bielinski, em termos cortantes e indignado, o cosmopolitismo.

“O cosmopolita, escrevia ele, é qualquer coisa de falso, de ambíguo, de estranho, e de incompreensível, um espectro pálido e nebuloso, um ser imoral, sem alma, indigno de levar o nome sagrado de homem.”

Não se pode aplicar melhor esta definição do que aos que, no campo dos partidários do imperialismo americano, se fazem, hoje em dia, os apóstolos do cosmopolitismo.

O *Arbeiter-Zeitung*, assumindo o papel de advogado do cosmopolitismo, afirma:

“Desde que a humanidade se esforça, num impulso espontâneo, para achar o bom caminho, isto é, desde a encanecida antiguidade duas forças poderosas se defrontaram sempre: o interesse do indivíduo, do grupo, da tribo voltada para si mesma, da nação, e o interesse da comunidade humana que está acima do indivíduo, da nação, do Estado.”

Tal é, se se pode dizer, a filosofia da história dos lacaios da reação americana que se consideram socialistas e mesmo — o papel tudo suporta! — marxistas.” Aqui, a impostura é por demais grosseira; salta aos olhos: a luta de classes, que é a força motriz da história, é posta de lado e substituída pela idéia charlatanesca e super-reacionária de uma luta entre o indivíduo e a nação, de um lado, e, do outro, uma força mística, a da comunidade humana que se situaria acima das nações.

O falsário do jornal vienense tenta apresentar toda a história da humanidade como uma luta entre estas duas forças. Na antiguidade, assegura, “o cosmopolitismo foi mais forte que o gládio, e o chuço das legiões.” Na Idade-Média, a Igreja, constituía, segundo afirma, um agente de progresso por ser um “elemento cosmopolita”. Durante o período das revoluções burguesas, o solo da Europa teria sido, a dar-lhe crédito, fecunda-

mente, por seu caráter arisco. Gostava de criticar e discutir, embora todos soubessem que ele não ficaria na rabeira dos demais. Como os outros, cavou o açude, plantou as árvores e construiu a ponte abobadada. E nunca sentiu, mais apêgo ao mundo, criado por ele mesmo como naqueles amargos momentos de cativo, olhando através da estreita fresta do celeiro. E uma amargura maior ainda sentiu ao ver nos olhos de Vavilitch os reflexos contundentes da suspeita...

“Em nossa aldeia são todos comunistas” — assim é que se devia responder aos alemães! Mas, quando Fétis disse isto a Maxim Savélievitch, este repeliu sumariamente a proposta: os alemães exterminariam a todos... Era necessário que se pensasse e se procedesse de tal modo que todos ficassem com vida, que não houvesse necessidade de entregar Vavilitch, que não se tivesse que renegar o comunismo e que se mantivesse bem alta a sua dignidade diante dos alemães. Quem sabe se não seria conveniente afirmar que não havia comunistas na aldeia?...

O velho Danila disse que, de qualquer maneira ele morreria em breve, e por isso, estava disposto a declarar-se comunista e suportar os sacrifícios destinados a Vavilitch. Mas isso também foi recusado, porque era ridículo apresentar como comunista o velho Danila que mal se mantinha de pé.

...Fétis, prêso à fresta, contemplava como ia morrendo aquêle dia de inverno, absorvendo a plenos pulmões a vida inacessível e, por isso mesmo, tão desejada. Naquêle momento, aceitava-a integralmente, com todas as suas sensaborias e todas as suas doçuras, com suas preocupações pelos assuntos do Estado e pelos negros que viviam tão longe; a vida, com seu infatigável trabalho no campo de todos e com suas ruidosas assembléias vespertinas, com as dores nas articulações e a alegre embriaguez das festas estivais. Tudo era tão bom naquele mundo perdido...

A neve continuava estalando debaixo das botas da sentinela alemã, enquanto Fétis permanecia sem poder afastar-se da fresta, pensando: “Ah! se eu tivesse olhado antes... Como sou estúpido!”

Depois aproximou-se de Vavilitch, e tocando-o com as mãos, não habituadas à ternura, disse-lhe:

— Com certeza estás com frio... Mas não é nada... Não te preocupes... Toma — e entregou-lhe as grossas luvas.

Ouviu-se o barulho do ferrólho. Um alemão abriu a porta e começou a gritar, fazendo gestos para que todos saíssem. Colocaram-nos em fila diante da escola. E todos olharam para a parte nova do edifício, reconhecendo cada um deles, a viga que o seu machado havia cortado.

Um oficial desceu pela escadaria ao terraço. Era um homem de idade madura, com frios olhos cinzentos e um sorriso desdenhoso na comissura dos lábios.

— Comunistas, um passo à frente! — disse, acendendo o cigarro.

Os doze homens continuavam em seus lugares, imóveis, calados.

Fétis, depois de procurar com os olhos o álamo de sua casa, cravou o olhar no nó escuro do tronco, que, de longe, parecia um ninho de corvos.

“Sou um nó!... E que tem isso? O nó do álamo é mais forte do que a madeira do carvalho...” — pensou Fétis, rapidamente, movendo os lábios. Naquêle momento precioso ouviu, de novo, a ordem impaciente:

— Comunistas, um passo à frente!...

Fétis deu um passo à frente, e cravando o olhar nos olhos frios e cinzentos do alemão, respondeu em voz alta:

— Eu sou comunista!

O oficial tirou um caderno de notas:

— Seu nome?

Fétis abriu a boca, aspirou o ar gelado e fazendo um esforço, exclamou com a voz rouca:

— Sou Fétis Siablikov.

Os soldados o rodearam e o conduziram até à parede da escola. Fétis ficou perfilado, de cabeça erguida; parecia mais alto, mais forte, mais galhardo. Imóvel, olhava o álamo onde negrejava o nó parecido com um ninho de corvos.

Seus onze camaradas o olhavam com íntima satisfação e surpresa.

E Maxim Savélievich murmurou em voz baixa e com solenidade:

— E’ digno!

"SELEÇÕES"

BREVIÁRIO DA CULTURA NORTE-AMERICANA

por GILBERTO DE ANDRADE E SILVA

do "por pequenos ilhéus de pensamento cosmopolita." Por fim, caluniando o proletariado, afirma a folha vienense que, no século XIX, éle "retomou, para seu proveito, as idéias cosmopolistas."

É este o esquema, falso de um extremo ao outro, que o jornal vienense traçou da história universal. Não se pode nem dizer que o fato de servir ao imperialismo norte-americano tenha contribuído para o desenvolvimento intelectual dos austro-marxistas, epígonos de Hilferding e de Bauer. O refinamento de que davam prova outrora os austro-marxistas na arte de enganar, deu lugar a uma ignorância crassa, digna dos obscurantistas da inquisitorial Comissão das Atividades Anti-Americanas.

Qualquer leitor, ainda que de pouca cultura, observará sem dificuldade a grosseira inépcia da falsificação a que se entrega o jornal vienense. O cosmopolitismo da antiguidade e da Idade Média, quando não existiam nem podiam existir nações e Estados nacionais como hoje, foi invocado apenas para iludir a verdadeira natureza do cosmopolitismo atual. A este respeito, o autor do jornal vienense não é nada original. Retoma servilmente o processo favorito dos falsificadores burgueses da história, que falam, com todo o gosto, no "imperialismo" da Roma antiga para melhor dissimular a verdadeira natureza do imperialismo moderno. Mas por outro lado, a idealização reacionária do Império Romano da decadência, com seu "direito de cidadania universal", traí os laçaios atuais do imperialismo americano, que sonham ser cidadãos, ainda que de segunda categoria, no império mundial do dólar.

Notar-se-á, igualmente sem dificuldade, que no esquema da história mundial grosseiramente traçado pelo jornal de Viena, todos os movimentos progressistas passaram em silêncio: a luta dos plebeus e dos escravos no mundo antigo, as guerras camponesas na Idade-Média, enfim as revoluções burguesas dos séculos XVII e XVIII. Quem, pois, ignora que os combatentes da Revolução francesa se davam o nome de patriotas? E que, cem anos mais tarde, a Comuna de Paris nascia sobre as ruínas do Segundo Império que, segundo a expressão bem conhecida de Marx, fôra o período jubilar da velhacaria cosmopolita." Mas que importam todos esses fatos aos ignaros e aos pseudo-socialistas de Viena? Num órgão, que se diz: "Jornal operário" ("Arbeiter-Zeitung"), escrevem eles:

"Cessaríamos de ser socialistas se não fôssemos cosmopolitas, se não mais aspirássemos à cooperação internacional, à solidariedade internacional, à fraternidade internacional dos povos."

Sempre este desprezível procedimento de falsários, retomado sem cessar, sempre esta mesma tentati-

Quando a famosa intuição militar de Hitler e prementes necessidades econômicas desencadearam o ataque à União Soviética, forçando a aliança política-militar entre esta e as chamadas Democracias Ocidentais, ficaram surpreendidos os dirigentes destas últimas com o poderio revelado pela nova aliada na prova terrível da guerra... E logo se iniciou a elaboração de novos planos de domínio mundial — que pressupõe o aniquilamento da Rússia — por parte dos magnatas de Wall Street e da City, velhos simpatizantes do nazi-fascismo, admiradores de Hitler e sócios dos industriais e banqueiros alemães que o tinham levado ao poder, alçado do velho broquel dos junkers prussianos.

Entretanto, a ação dos naturais herdeiros de Mussolini e Hitler, tinha de ser cautelosa, como impunham a situação criada pela aliança, a admiração universal causada pelos extraordinários feitos militares soviéticos e fortes influências democráticas, notadamente a de Franklin Delano Roosevelt. Começou, contudo, a mobilização dos meios de propaganda, ou melhor, a mudança na orientação de tais meios — num sentido anti-democráticos e anti-soviético — cujos resultados são agora bem patentes.

No Brasil, hoje, quem abre um dos grandes jornais (refiro-me ao formato e circulação), praticamente só encontra informações estrangeiras de origem ianque; as estações de rádio sofrem a mesma influência e, quanto ao cinema, parece desnecessário falar. Note-se apenas que o notável cinema europeu do pós-guerra, francês e italiano, inspirado no admirável movimento de resistência à bestial opressão nazi-fascista, encontra dificuldades crescentes para realizar esta coisa simples — exhibir-se. Os produtores de Hollywood, que dominam o nosso mercado, não podem permitir que, pelo contraste com as novas criações européias, se acentue a desmoralização da sua arte e negócio, hoje reduzidos à mais chata banalidade, à mais imprudente falsificação da realidade social e artística, ao mais sórdido e brutal sensacionalismo.

va para unir o que não pode ser unido, para por um sinal de igualdade entre concepções políticas diametralmente opostas. O campo anti-imperialista da democracia e do socialismo, dirigido pela União Soviética e pelos países de democracia popular, luta de maneira consequente pelo desenvolvimento da cooperação internacional dos povos, por uma paz duradoura. Ao passo que o campo imperialista, de que o cosmopolitismo é a arma envenenada, ataca a todo o instante, ininterruptamente, a cooperação internacional, arruina-lhe as bases, segue uma política de

Ora, nesta incessante propaganda de uma suposta cultura norte-americana, orientada por um dos grupos sociais mais broncos do povo ianque, os homens da alta finança e dos monopólios industriais; neste "enchimento de crânio" ("bourrage de crâne, no dizer, francês), tem tido importante papel certa revista, mensal — destinada a trazer as turbas ignaras de nativos, habitantes do quintal da América, as excelências, devidamente selecionadas, das culturas de além Rio Grande: da ciência, da arte, da moral da política, da economia, no negócio, das pilhérias e chistes, que, sendo a expressão máxima da civilização do dólar, são necessariamente "the best in the world".

Esse periódico "Seleções do Reader's Digest", foi aqui recebido com grandes aplausos por numerosos intelectuais indígenas, que visavam talvez a colaboração fartamente remunerada. Porque a revista se dirige a escritores mais ou menos famosos, em termos estritamente comerciais, pedindo artigos, cotados ao preço convidativo de 2.000 dólares... Nomes ilustres tem sacumbido perante os dólares; raros terão recusado, sêca e altivamente, como há pouco Aragon. Um professor da nossa Faculdade de Direito, jornalista e cronista, pensador que tem exercido vários cargos públicos e é hoje um homem considerável nesta República com que decerto sonhou (chefe de gabinete de um ministro), declarou com solene profundidade: "a edição portuguesa do "Reader's Digest" vem efetivamente abrir um caminho novo nas relações tão necessárias entre a cultura americana e a cultura brasileira. Com ela, com certeza, o sentido na união americana se fortalecerá ainda mais porque é pela comunhão espiritual que se definem os interesses primordiais das nações cultas." Para o presidente duma agremiação de estudantes universitários, já se trata da divulgação de uma cultura, que éle não especifica; deseja contudo que "mais êsse belo presente... perdure para saciar os que têm sede de saber." E para o inefável e indefectível Herber Moses

opressão, de avassalamento e de dominação dos povos, prepara uma nova guerra.

Os pseudo-socialistas do Arbeiter-Zeitung terminam seu artigo com uma espécie de juramento de fidelidade ao imperialismo norte-americano. Afirmam que continuarão "com mais orgulho do que nunca a levar inscrito em seu escudo" o nome de cosmopolitas.

Inúteis esforços! Este sêlo de Judas, este estigma da traição já marca a frente dos socialistas de direito laçaios do imperialismo norte-americano.

trata-se, não da divulgação da cultura tout court, nem de intercâmbio cultural, mas, visto que já temos edição espanhola e portuguesa, da "realização de uma das mais belas aspirações do Brasil: a difusão da cultura universal nas Américas, através das três línguas." Tais citações, que seria fácil multiplicar com as de outros "eminentes brasileiros" (o qualificativo é de "Seleções"), revelam o efeito produzido pelo folheto no cérebro dos intelectuais patricios, oficialmente reconhecidos.

Que vem a ser, em realidade, essa indigesta salada científico-político-artístico-literária, mal temperada isto é, mal traduzida e mal escrita? É um repositório da divulgação moderna, no que ela tem de pior e mais perigoso: a propinação periódica de pilulas científicas (ou pseudo científicas), literárias, etc., sem unidade, sem harmonia, sem método, sem orientação de espécie alguma. É a degeneração burguesa, burguesíssima, inclusive no sentido que os artistas costumam dar ao termo — do velho e simpático almanaque, sincero na sua ingenuidade e geralmente escrupuloso nas informações.

Quais as feições dominantes nessa revista — ou o que pior nome tenha? Em primeiro lugar, a banalidade frequente dos assuntos, e a superficialidade com que são geralmente tratados — o que visa distrair o leitor dos problemas sérios do nosso tempo, proporcionando-lhe uma espécie de evasão, barata e a prestações, destinada a um público semiletrado de nativos. Em segundo lugar, a exaltação incessante, fatigante, monótona, de tudo quanto é norte-americano — desde a bomba atômica até o gangster. Duvidam? Na página 93 do número de julho de 1948 se encontra isto, que é o título: "Assalto em pleno dia em Nova York"; e no alto, como chamariz, num patriótico resumo: "O maior, mais rápido e mais bem organizado assalto à mão armada que registra a história do crime".

Outra feição, falsa e irritante pela repetição infundável, é a exaltação excessiva do individualismo, através da exaltação do indivíduo: toma-se um personagem mais ou menos ilustre, coevo ou histórico, e se o apresenta como fator decisivo e mesmo único de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos — obscurecendo, ignorando tudo o mais, movimentos sociais, coerentes de idéias, influências mesológicas e históricas. Não se dá atenção, por exemplo, às formidáveis greves de mineiros dos últimos tempos, que apenas afloram em artigo dedicado a John Lewis, líder sindical de tendências fascistas. Nesta ordem de idéias se explora toda a costa de material, desde a vida de Lincoln até o mais insignificante inventor, contanto que a sua invenção tenha produzido dinheiro.

Porque outra linha constante na glorificação do dinheiro, da fortuna, da posição social adquirida ou melhorada pelo dinheiro. E sempre se afirma ou insinua que todos, que qualquer pessoa pode obter dinheiro farto

POEMA DO HOMEM SEM TERRA

ANA MONTENEGRO

Esmolei nos caminhos. Fui mendigo nas feiras.
Recebi níqueis falsos. Tive fome e canseira.
Pedi justiça e pão. Pedi trabalho e terra.
Pedi ao verde mar a esperança perdida.
Pedi à natureza suas riquezas virgens.
Pedi à noite calma o beijo do luar.
As mãos estão tremendo. Os pés estão sangrando
O negro desespero afugentou o riso.
Na fornalha do sol arderam as ilusões:
entre as cinzas do amor e as brasas do desejo,
assisti, comovido à estranha gestação.
O lamento vivia nos lábios de meu filho.
E eu sempre caminhando em busca de repouso.
A terra é a promessa e a promessa é luta.
A luta não espera. A luta não dormita.

O sol até parece os cabelos da terra,
caindo descuidados pelos ombros nus.
Gosto de ver a terra de cabelos loiros,
acendendo desejos nos corações cansados,
pedindo grandes beijos dos lábios sertanejos,
oferecendo, generosa, comovida e terna,
o imenso e roxo ventre para a fecundação.
A terra se estende com seus braços longos.
A terra se prolonga com as suas pernas nuas.
A terra se levanta com seu peito caboclo.
A terra fala e grita com a quentura do amor.

A quem pertence o sol? A quem pertence o mar?
A terra é como o sol. A terra é como o mar.
A terra é desse povo faminto e maltratado,
tropeçando doente ao longo das estradas.
E um dia esses clamores, esses lamentos,
serão frutos e flores, casas e crianças.
E o povo irá cantando fecundar a terra.
E o pão será doirado e as almas prazenteiras!

e fácil — sendo, naturalmente, pertinaz, honesta, trabalhadora, temente a Deus, ao F.B.I. (a Gestapo yanque) e aos bons patrões da livre empresa. . . E estes, aos quais se fazem hábilmente, de quando em vez, críticas genéricas e adocicadas, são sempre honestos, enérgicos, compreensivos, progressistas e inteligentes. Vai-se assim introduzindo no cérebro do leitor, por meio de marteladas aliteradas, a convicção de que os trabalhadores não podem melhorar suas condições de vida, a não ser pelo exclusivo esforço individual, ou pela magnanimidade dos patrões — sem união, sem organização, sem luta. Brandem o martelo literário, muitas vezes, representantes dessa academia almoçante, suprema distinção intelectual dos homens de negócios — que é o Rotary Clube.

Finalmente — quanto cabe numa simples nota — duas feições particularmente revoltantes para quem não seja reacionário, conseqüente ou não: a propaganda de guerra e o anticomunismo sistemático, que frequentemente assume a forma de ataques, sempre tendenciosos e por vezes boçais, à União Soviética e às Democracias Populares. Nessa dupla e baixa falsificação premeditada de fatos, palavras, idéias e sentimentos, são de preferências utilizadas quatro lamentáveis espécies de indivíduos: reacionários notórios, como Bullit e Foster Duller: tráfugas e traidores, como Kerenski e Kravchenko;

capitalistas hipócritas, como Eric Johnson, que afetam por vezes imparcialidade e tendências conciliatórias em relação à Rússia; finalmente, homens honestos porém mal informados e dominados por preconceitos, que ainda não compreendem bem o que significa de um lado capitalismo e imperialismo, e do outro, democracia, socialismo e comunismo. Toda esta gente escreve sobre vários assuntos, mas visando sempre criticar, desmoralizar, tornar odiosa a União Soviética, ou então preparar ideologicamente a guerra que contra ela se prepara.

Sob o título "Nevoeiro sobre Nova York", imagina-se o efeito de uma bomba atômica sobre a cidade, bomba que só poderia ter sido arremessada pelos russos; noutro artigo se afirma peremptoriamente que "os comunistas muito disciplinados agem de sua sede de Moscou, planejando o domínio do mundo." E por aí além. De maneira que essa límpida fonte de cultura não é mais que um caldo, também de cultura, onde se cultivam os germes do ódio, da violência e da guerra. Guerra anticomunismo, ataques à União Soviética e às Democracias Populares, tornam-se os temas principais dessa publicação tendenciosa e nefasta.

Só há uma coisa a fazer: os escritores que sigam o exemplo de Aragon — recusem os dólares e não colaborem; os leitores, que tapem o nariz, repilam o caldo de cultura e não leiam "Seleções".

O Saboó – A terra do lixo

Por ELIAS CHAVES NETO e JOÃO N. PACHECO



Ao pé do maço de morros que penetra dentro da cidade de Santos para terminar no Monte Serrat, com seu aparatoso funicular e o seu casino ao topo, junto ao pantanal que vai sendo paulatinamente aterrado pelo constante depositar do lixo da cidade, vive uma população, mal perceptível da estrada de rodagem, escondida por detrás dos bananais que, falhados, se erguem pela baixada e pela fralda dos morros. As carroças da limpeza pública lá chegam num movimento incessante despejando os seus detritos no brejo, pouco a pouco transformado em hortas onde os chacareiros cultivam as verduras destinadas ao consumo da cidade. Estas, devido às péssimas condições de higiene em que são cultivadas, sofrem uma terrível concorrência das verduras de São Paulo, as quais gozam de preferência, mesmo a preços consideravelmente mais caros, o que torna a situação econômica destes cultivadores muito precária.

A princípio, toda a região era ocupada com a cultura do agrião. Mas esta cultura foi proibida devido ao fato de ser o agrião um veículo para a transmissão da esquistossomose, uma doença intestinal difundida no norte do país e da qual existe um único foco no Estado de São Paulo: o

deste bairro do Saboó, logo à entrada de Santos, construído sobre depósitos de lixo, cuja atmosfera está impregnada de um permanente odor de lixo e onde vive uma população miserável que vai procurar no lixo grande parte de tudo aquilo que necessita para viver, inclusive comida.

UM BAIRRO DE MISÉRIA

E não se trata de uma população de parias, de desclassificados que vivem de expediente e do crime. Não. É toda uma população de trabalhadores: cultivadores, operários, empregados municipais, lixeiros, ou da Companhia União de Transportes a qual pertence por aforamento a maioria daquelas terras. A companhia aluga o chão aos moradores, que sobre ele constroem as suas casas, ou mesmo aluga as próprias casas por preços que consomem a maior parte do salário daqueles infelizes. Casas de tabuas, caindo aos pedaços, sem o menor vislumbre de conforto são alugadas por 400, e 500 cruzeiros mensais.

No bairro, existem pessoas que têm suas posses. Os fabricantes de "morrão" (pinga) cuja cana sobe pela encosta dos morros. Um ou outro cultivador mais abastado, dono de uma ou outra casa alugada.

Mas a grande massa dos que lá vivem tem salários que variam de mil a mil e quinhentos cruzeiros por mês. E isto mesmo, no que diz respeito aos funcionários da limpeza pública, só depois da greve de janeiro de 1949, quando passaram a receber 45 cruzeiros por dia, pois até então ganhavam apenas 35 cruzeiros. Se se levar em conta o que são obrigados a pagar só para o aluguel de casa verifica-se que nada sobra para alimentação e vestuário de toda uma família.

O LIXO, FONTE DE ABASTECIMENTO

A miséria mais absoluta os leva a procurar no lixo as coisas mais fundamentais para a sua subsistência, inclusive comida.

"Aqui só existem quatro famílias que não comem do lixo" dizia-nos uma moradora que estava levando a sua roupa para lavar na bica. "Eu sou até guerreada por não procurar nada no lixo. Dizem que quero passar por granfina". É ela que conta a horrível história, que tantas outras pessoas já nos tinham contado.

É ao cair da tarde, depois das cinco horas, que a criançada e as mulheres invadem aquela dependência da limpeza pública

da cidade onde o lixo é despejado e lá vão procurar os detritos com os quais suplementam aquilo de que as suas famílias necessitam para viver. "De outra forma tinham que andar nus", explicava-nos um morador justificando aquele fato que todos escondem aos que vêm de fóra como uma nota infamante. Mas é a triste realidade. Para lá seguem munidas de uns ganchos especialmente preparados com que remexem o lixo, evitando assim de se cortarem, o que é muito frequente apesar de tudo, nos cacos de vidro que são jogados fóra. Vão com seus carrinhos de mão em que carregam os objetos dos quais se apoderaram como se tratasse de uma riqueza. Toda aquela infeliz infancia, toda ela amarela e doentia, aquelas mulheres ressequidas que parecem ter perdido toda humanidade vão disputar aos urubus as suas presas, entrando mesmo às vezes em luta com eles quando se trata de alguma coisa altamente cobiçada.

"Colchão lá não fica" dizia a nossa informante. "Quando chega bacalhau (bacalhau estragado que os armazens mandam jogar fóra) eles dão até festa." Como vermes que ao devorarem parecem dar vida à matéria em decomposição, aquela humanidade reduzida à condição de puros animais, revolve aquele material infecto no qual vão procurar elementos necessários para a sua vida! "Aqui briga-se por causa do lixo. O outro dia uma xingava a outra de lixeira danada: "Antes mesmo da carroça descarregar você já lá está trepada em cima. Urubu, perto de você é canja."

POPULAÇÃO DE DOENTES

Os urubus fazem parte da paisagem. Recobrem a terra, os galhos secos das arvores, os montes de lixo como cogumelos pretos. Saciados, ficam parados. As vezes um fluxo e refluxo de penas pretas provenientes de alguns desasossego e tudo volta à pasmaceira. No meio da confusão de quintais, chacaras, chiqueiros, as casas, todas de madeira entre as quais alguma de tipo chalet faz sua figura, erguem-se ao longo do caminho, que, calçado por grandes pedras irregulares, segue a encosta do morro, no meio de uma vegetação tropical que tudo encobre de um manto de pitoresco. Mas as condições de higiene do "bairro" são as mais precárias possíveis. Não existem nem esgoto nem fossas. As privadas são construídas junto às valas que canalizam as águas que descem do morro e que levam e espalham pela baixada os detritos. É a água de que se servem os cultivadores para regarem a suas verduras. A partir de certo ponto termina a canalização da água e a água de que se utilizam os moradores para beber e limpeza é a que desce do morro, a qual por sua vez já foi contaminada pelas mesmas impurezas, embora apresente um aspeto de certa limpeza. Dificilmente podem ser piores as condições da vida humana. É uma população de gente doente. A doença é o estado natural de vida daquela gente cuja existencia se acha adaptada àquelas horríveis condições. E que faz a sociedade para socorrer seres humanos condenados a um destino que é a negação da propria vida? Disputa-lhes ainda um magro salario pelo qual poderiam melhorar um pouco as suas vidas e colocá-las num plano minimo em que poderiam ser consideradas humanas. O salario de 45 cruzeiros por dia só lhes foi concedido

depois da "ultima greve" e todos sabem os riscos a que se expõem os operarios que a ela são obrigados a recorrer para literalmente não morrerem e serem atirados aquele mesmo lixo do qual se alimentam.

A ESQUITOSOMOSE

No bairro do Saboó grassa a esquistossomose. Só no bairro existem 223 casos, ao todo 318 em Santos. Estes ultimos são de nortistas que vêm infectados do norte. Mas a transmissão da doença se dá exclusivamente através de água infectada e portanto o seu combate é uma simples questão de higiene. Ha mais de vinte anos que a esquistossomose penetrou em Santos e ela nada mais fez até hoje do que se alastrar. Ela encontrou no bairro do Saboó condições ideais para o seu desenvolvimento. Enquanto porem, uma doença não constitui uma ameaça para as classes abastadas ela não é um problema para os poderes publicos que aquilatam do seu merecimento felos beneficios que proporciona a essas classes.

Mas afinal de contas sempre é necessario dar uma solução a certos problemas e ha pouco tempo foi nomeada uma

comissão do Departamento de Saude do Estado para dar combate ao mal. A comissão principiou a trabalhar. A ela se devem mesmo as valas que hoje drenam um pouco as águas da baixada. Mas os desentendimentos pessoais entre os seus membros logo surgiram e a comissão foi desfeita. Dos nobres propositos de extinguir no Estado o unico foco de esquistossomose existente, sobrou apenas um posto de saude que dá um pouco de assistencia medica àquela população e elabora as estatisticas do mal. Este continua atacando aquela população deliberadamente entregue à contaminação, pois as causas desta contaminação são conhecidas e poderiam ser resolvidas com um pequeno trabalho de higienização.

LUTA CADA VEZ MAIS VIGOROSA PELAS CAUSAS POPULARES

São essas as condições de vida de um bairro da cidade de Santos, cidade essencialmente operaria, em que o padrão de vida da população, se nem sempre atinge a um grau de tão tragica miséria, é o mais baixo possível. O termo baixo não corresponde entretanto muito bem à situação



A Correlação Mundial de Forças e a Luta contra a Guerra

por MARIO SCHENBERG

Neste comêço de 1950 os verdadeiros patriotas de tôdas as nações têm como preocupação primordial salvar os seus povos e tôda a humanidade dos horrores duma terceira guerra mundial. E' indiscutível que muitos ainda não veem claramente como seria possível impedir uma terceira guerra mundial, quando os esforços dos movimentos pela paz não foram capazes de evitar as duas tremendas hecatombes que já ensanguentaram o o nosso seculo. Em 1914 e em 1939 a guerra foi desencadeada pelas potencias imperialistas, isto é, pelos capitalistas dos países em que o regime capitalista atingira sua última forma de desenvolvimento. A vanguarda das forças de paz era constituída então, como continua a ser hoje, pelos democratas conseqüentes, liderados pelos partidos e organizações sindicais da classe operária. Apesar de poderosas, as forças de paz foram derrotadas duas vezes e o imperialismo pôde realizar os seus objetivos guerreiros. Devemos pois concluir que a correlação internacional de forças era favorável ao imperialismo em 1939, como o fôra em 1914. A diferença fundamental entre a situação atual e as que precederam as duas guerras mundiais consiste precisamente na modificação radical da correlação de forças entre os dois campos: o campo reacionário, dirigido pelo imperialismo ianque e o campo das forças democráticas e pacíficas, liderado pela União Soviética, a China e as democracias populares. Essa mudança da correlação internacional de forças é conseqüência da vitória dos povos sobre o fascismo na segunda guerra mundial e dos acintecimentos ocorridos nos últimos cinco anos. Todo os partidários da paz precisam compreender que a correlação de forças no momento atual favorece ao campo da paz e tende a favorecê-lo cada vez mais. Daí surge uma situação aparentemente paradoxal: são cada vez maiores as possibilidades de impedir o desencadeamento de uma nova guerra mundial mas, ao mesmo tempo, continua sempre grande o perigo de seu

desencadeamento, pelo desespero do imperialismo ante as vitórias do campo anti-imperialista. O perigo de guerra só desaparecerá quando a correlação de forças fôr tão esmagadoramente favorável ao campo da paz que tôdas as possibilidades de iniciar uma nova guerra tenham sido barradas ao imperialismo. Ora, a luta pela paz representa um dos maiores fatores de mudança da correlação de forças no sentido dos povos e poderá desfazer golpes decisivos no imperialismo e assim atingir o seu objetivo de liquidar as ameaças de guerra.

Examinaremos, com algum detalhe, os aspectos mais característicos da atual situação:

a) **O impetuoso desenvolvimento da economia soviética.** Apesar da devastação total de suas regiões de maior produção agrícola e industrial durante a guerra, a União Soviética conseguiu realizar o plano quinquenal de após guerra. Sua produção industrial é atualmente 50% superior a de 1940 e o nível de produção agrícola de então também já foi superado. O aperfeiçoamento qualitativo e o aumento da produtividade são ainda mais significativos do que o crescimento quantitativo. A capacidade soviética de produzir atualmente milhares de aviões de caça e bombardeio a jato e o domínio da técnica de utilização da energia atômica representam, incontestavelmente, uma ducha de água gelada para os planejadores imperialistas de bombardeios atômicos maciços e indiscriminados. Em 1949 a produtividade do trabalho aumentou de 13%, num país capitalista um aumento de produtividade de 3% num ano já é excepcional.

b) **A vitória espetacular da democracia chinesa sobre o imperialismo norte-americano.** A libertação do povo chinês constitui um dos acontecimentos mais importantes do século e marca certamente uma virada decisiva na história dos povos asiá-

ticos. Há poucos dias, o autorizado "New York Times" reconhecia que que o triunfo do povo chinês abalara fundamentalmente a confiança dos ianques em si mesmos e lhes fizera ver, com tôda a clareza necessária, que em várias regiões do mundo lhes era impossível modificar essencialmente o curso dos acontecimentos. Com a vitória do povo chinês vieram à tona contradições existentes entre os imperialismos inglês e norte-americano, que até agora eram cuidadosamente ocultas.

c) **A constituição da República Democrática da Alemanha.** Com a República Democrática, surgiu pela primeira vez na Alemanha um organismo de Estado livre da influência dos poderosos trustes e cartéis, que já levaram o mundo a duas guerras. Os fautores de guerra sabem que a base da agressão contra a União Soviética tem que ser uma Alemanha renazificada e procuram montá-la, utilizando-se do reacionaríssimo governo de Bonn. Agora se defrontam com a união crescente das forças democráticas alemãs em torno do governo da Alemanha Oriental.

d) **A desmoralização da política atômica do imperialismo ianque.** As notícias sobre emprego da energia atômica em gigantescas obras de engenharia, na União Soviética, destruíram o mito do monopólio norte-americano da energia atômica e permitiram à humanidade comparar a orientação pacífica da União Soviética com a histeria guerreira da diplomacia atômica ianque. Todos os povos puderam ver que a oposição do imperialismo norte-americano e de seus acólitos, às propostas soviéticas de destruição das bombas atômicas e da interdição das armas atômicas, revela a intenção criminosa de usar a bomba atômica numa guerra de agressão.

e) **A consolidação dos regimes de democracia popular nos países da Europa Oriental.** Os esforços sistemáticos do imperialismo, para derru-

do povo santista. Melhor seria dizer duro. Porque o povo de Santos é um povo de luta que não se conforma com esta situação e sabe que a única forma de lutar por melhores condições de vida está na luta cada vez mais vigorosa pelas causas populares: a luta pela paz, pela defesa das nossas riquezas naturais pela defesa da democracia em nossa terra, ameaçada por aqueles que, para preservar os seus interesses de classe, uniram a sua sorte á dos imperialistas estrangeiros e não hesitam um instante em alienar, para esse fim, a propria soberania nacional. É o de que vem tratar em nossa terra a missão chefiada pelo espião Kennan.

É essa grande consciencia politica que faz de Santos um dos baluartes das lutas populares e democraticas em nosso país, motivo pelo qual a furia da reação se

abateu sobre aquela cidade vizinha, nela desencadeando o terror policial. A sua Associação Beneficiente dos Empregados da Companhia Docas de Santos, um dos redutos do proletariado santista, foi fechada pela policia. O patriota Deoclecio Santana foi assassinado ao tomar parte num comicio de defesa do nosso Petroleo, brutalmente dissolvido pela policia, sendo ainda condenados como "implicados" no fato — isto é, por assistirem ao comicio — cinco cidadãos, dois dos quais condenados a cinco anos de prisão. São eles: Joaquim Candido Garcia Neto, presidente do Centro Santista de Estudos e Defesa do Petroleo, condenado a cinco anos de prisão; Aldo Ripasarti, presidente da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção de Santos, igualmente a 5 anos; Henrique Moura vice-presidente da Associação Be-

neficiente dos Empregados da Companhia Docas de Santos, e que foi um dos representantes do Brasil no Congresso de Paz do Mexico; Helio Mello a 1 ano e meio e o secretario da associação dos doqueiros condenado a 6 meses de prisão por fazer inscrições murais.

O povo santista sabe porem, porque luta e não vai se deixar condenar pacificamente a viver na miseria e ver seres humanos, saídos do seu seio, irem procurar no lixo o necessario para o sustento de suas vidas e prosseguirá cada vez mais vigorosamente na luta pela paz, pelas liberdades publicas e pela independencia nacional, derrotando definitivamente em nossa terra as forças da reação que, unidas aos imperialistas, procuram manter o povo escravizado.

bar os regimes de democracia popular, fracassaram redondamente, exceto na Iugoslávia, onde o grupo de Tito traiu a causa do socialismo. Os países de democracia popular conseguiram terminar rapidamente os seus planos de reconstrução, superaram o nível de produção de anteguerra e marcham firmemente para o socialismo.

f) **O começo da crise econômica no mundo capitalista e o fim das ilusões sobre o plano Marshall.** Em 1949 apareceram claramente os sintomas da crise econômica, que já começara antes, tanto nos Estados Unidos, como nos demais países capitalistas. O último relatório econômico da O. N. U. mostra que o **deficit** de dólares da Europa Ocidental em 1949 foi o maior desde 1946. O plano Marshall não conseguiu equilibrar a balança de pagamentos entre os Estados Unidos e os países da Europa Ocidental. A desvalorização das moedas de quase todos os países capitalistas também não acabou com a penúria de dólares, apesar de ter reduzido fortemente as importações de mercadorias americanas. A imprensa burguesa da Europa Ocidental substituiu os panegíricos ao plano Marshall, que enchiam suas colunas até há poucos meses, por artigos melancólicos sobre o seu fracasso. Na realidade o plano Marshall serviu para retardar o agravamento da crise americana, facilitando o escoamento de um grande volume de produtos agrícolas e industriais norte-americanos, em detrimento da economia dos países "beneficiados". Um dos objetivos que determinaram o seu lançamento foi assim atingido. O objetivo de permitir o aumento das despesas militares dos países submetidos ao plano e de liquidar a oberania desses países também foi atingido. O plano Marshall se revelou incapaz de impedir o desenvolvimento da crise norte-americana. Atualmente o desemprego adquire proporções sérias nos Estados Unidos, no Canadá e na França, para não falar na Itália, na Alemanha Ocidental e na Bélgica, onde uma parte considerável dos trabalhadores já se encontra sem trabalho há muito tempo. O sistema financeiro do Império Britânico continua ameaçado de desmoronamento.

g) **A combatividade crescente das massas trabalhadoras da França e da Itália em defesa do pão e da paz.** Em 1949 a luta dos camponeses italianos pela posse da terra atingiu formas extremamente elevadas, com a ocupação de terras em todas as regiões do país, ao mesmo tempo que o proletariado se opunha resolutamente ao fechamento das fábricas e à preparação de guerra. Nos últimos meses a classe operária francesa iniciou uma luta enérgica contra a continuação da guerra do Viet-Nam e a preparação da agressão à União Soviética. A recusa dos estivadores franceses em carregar ou descarregar armas teve uma repercussão mundial e já vem sendo seguida pelos portuários da Itália, da Bélgica, da Holanda, da Dinamarca

e da Suécia. Os ferroviários franceses se recusam a transportar armas e os metalúrgicos franceses a produzi-las.

h) **A luta heróica dos povos coloniais pela libertação nacional.** Na Indo-china, na Malaia e na Birmânia os exércitos de libertação nacional resistiram vitoriosamente aos ataques dos colonialistas franceses e ingleses e de seus agentes nativos. A situação dos colonialistas é tão grave que já apelaram para uma intervenção direta dos ianques. Na Coreia do Sul e nas Filipinas os governos títeres, instituídos pelos norte-americanos, perdem continuamente terreno contra os guerrilheiros.

Desde 1948 os povos africanos vêm demonstrando uma nova combatividade numa série de greves e manifestações de massa. Mesmo na África, a exploração dos povos pelo colonialismo começa a se tornar difícil.

i) **A luta democrática e anti-imperialista dos povos da América Latina.** As lutas democráticas na América Latina, no pós-guerra, passaram a ser dirigidas pelo proletariado e seus partidos de classe. O movimento anti-imperialista começou a adquirir forma mais organizada e eficiente, como foi evidenciado pela magnífica Campanha do Petróleo no Brasil. As poderosas greves e manifestações que vêm se realizando ultimamente na Argentina, no Brasil, no Chile, em Cuba e em outros países, mostram que as massas da América Latina adquirem cada vez maior consciência política e capacidade de organização. A libertação dos povos latino-americanos, oprimidos por classes dominantes semifeudais inteiramente submetidas ao imperialismo, se aproxima.

j) **O poderio do movimento mundial pela paz.** Sentindo o agravamento da crise econômica, vendo diminuir a extensão geográfica da parte do mundo sob seu domínio e compreendendo a mudança da correlação de forças em favor do campo anti-imperialista o imperialismo ianque e seus satélites capitalistas e semifeudais vêm se preparando febriamente desde 1947 para uma guerra contra a União Soviética, as democracias populares e as forças democráticas dos países dentro da órbita do dólar. O pacto do Rio de Janeiro, o plano Marshall, o pacto de Bruxelas e finalmente o pacto do Atlântico representam etapas sucessivas da montagem da máquina de agressão contra as forças da democracia e do socialismo. Contraopondo-se aos fatores de guerra, as forças de paz iniciaram uma campanha mundial de desmascaramento dos inimigos da humanidade e começaram a organizar os partidários da paz, que constituem obviamente a quase totalidade do gênero humano. No memorável Congresso de Wroclaw em 1948, os intelectuais desfraldaram a bandeira da paz. Meses depois 600 milhões de homens e mulheres de todas as partes do mundo mandaram os seus representantes ao histórico Congresso

Mundial dos Partidários da Paz, de Paris, para criar uma organização mundial dos partidários da paz. Os Congressos da Paz de Nova Iorque e do México deram um grande impulso ao movimento da paz no continente americano. Hoje, mais da metade da humanidade já milita nas fileiras dos partidários da paz.

A primeira grande vitória do movimento da paz foi o acordo sobre Berlim, que constituía então o mais perigoso foco de provocações guerreiras. No momento atual, os esforços dos partidários da paz concentram-se na extinção dos focos de guerra da Grécia e do Sudeste da Ásia, na interdição das armas atômicas, na conclusão dum pacto de paz entre as grandes potências e no combate sem tréguas ao pacto de guerra, o negregado pacto do Atlântico. A tomada de posição pelos portuários marinheiros ferroviários e metalúrgicos de vários países da Europa é sem dúvida uma grande vitória na luta contra o pacto do Atlântico.

k) **A agonia da social-democracia e o desmascaramento da "terceira força".** Uma das características mais notáveis da evolução política do pós-guerra na Europa é a liquidação rápida da social-democracia, numa série de países. Nas democracias populares os dirigentes de direita foram expulsos dos partidos socialistas o que permitiu assim a unificação do proletariado nos partidos resultantes do conagraamento de socialistas e comunistas. Na França, o Partido Socialista, ainda poderoso após a Libertação, perdeu rapidamente os seus efetivos e quase toda a influência no proletariado. O Partido Socialista Francês não passa atualmente de uma "máquina" política que vive dos numerosos postos que lhe tocam no aparelho de Estado e que se encarrega das tarefas mais repugnantes de terrorismo policial. Na Itália, os socialistas de direita fracassaram em sua tentativa de afastar os trabalhadores socialistas dos comunistas e hoje constituem dois minúsculos agrupamentos inteiramente esquecidos pelos operários e submetido ao clericalismo.

Na Grã-Bretanha, o Partido Trabalhista ainda representa uma força política importante devido às suas relações com os sindicatos, peculiares à tradição operária britânica. Apesar de solidamente entricheirados nas direções sindicais, os socialistas de direita se defrontam com um futuro pouco promissor. Um observador atilado como o famoso colaborador do órgão oficioso francês Monde, Servan Schreiber, não pôde deixar de observar que a situação atual do movimento sindical britânico recorda a do sindicalismo francês, de uma década atrás, quando os socialistas de direita achavam-se em vésperas de perder o controle. Desde 1949 sucedem-se importantes movimentos grevistas, desaprovados pelas direções sindicais amarelas e pelo governo trabalhista, liderados por comunistas e socialistas de esquerda. Ainda agora, perto da metade dos sindicaliza-

dos tomou posição contra a política de congelamento de salários, aprovada pela direção geral dos sindicatos.

O declínio da social-democracia liga-se à desmoralização da chamada política de "terceira força", destinada a dividir as forças democráticas, com a ilusão da possibilidade de uma posição intermediária de neutralidade entre o campo da paz e o campo do imperialismo. A propaganda do plano Marshall e do Pacto do Atlântico desmascarou inteiramente os homens da "terceira força", que se revelou mera mão esquerda do imperialismo.

A medida que se agrava a crise econômica e que aumentam as despesas militares, os governos dos países do campo imperialista se vêem forçados a reduzir os programas reformistas, a liquidar a legislação trabalhista e a esmagar o proletariado e a pequena burguesia com impostos escorchantes. As grandes massas perdem a confiança na demagogia dos social-democratas e, ao mesmo tempo, compreendem que sua miséria é fruto da preparação guerreira, resultante do Pacto do Atlântico.

A predominância do socialismo de direita, no movimento operário, levou à derrota as forças de paz em 1914 e permitiu o desencadeamento da primeira guerra mundial. Coube também à social democracia a principal responsabilidade pelo ascenso do fascismo, que arrastou o mundo para a segunda guerra mundial. O esfacelamento atual da social democracia abre novas perspectivas para a unificação do proletariado e a vitória dos partidários da paz.

* * *

Os fatos que acabamos de analisar demonstram a superioridade de forças do campo da paz. Mostram que uma terceira guerra mundial terminaria fatalmente com o esmagamento definitivo do imperialismo e do capitalismo. Isso não escapa à percepção de muitos capitalistas clarividentes, que assim vêm com repugnância a política aventureira dos fautores de guerra. Contudo, os partidários da paz não devem esquecer que o desespero é mau conselheiro e que as classes sociais, condenadas ao desaparecimento, raramente deram provas de clarividência. Já diziam os antigos que Júpiter cega aos que deseja perder... É de importância fundamental para todos os que lutam pela paz compreender que a correlação mundial de forças já é favorável ao campo anti-imperialista e se torna sempre mais favorável, mas não é menos fundamental recordar sempre a necessidade de redobrar de esforços, para atingir o mais rapidamente possível a uma tal superioridade de forças, que barre ao imperialismo todos os caminhos que podem levar à guerra.

Todo enfraquecimento do imperialismo ânglo-norte americano, da burguesia capitalista e das demais classes exploradoras, representa automaticamente um fortalecimento do campo da paz. Qualquer luta de massas por reivindicações econômicas, pelas liberdades públicas, pela

defesa da soberania das nações ou pela conquista da independência nacional é necessariamente uma batalha pela paz. Ao proletariado, a classe social cujos interesses se opõem de modo mais categórico aos de todas as classes exploradoras, cabe naturalmente a liderança da luta pela paz. Ao país do socialismo vitorioso, a União Soviética, cabe a liderança mundial do proletariado e assim de todas as forças de paz. Mas a preservação da paz interessa à maioria, à quase totalidade do gênero humano, não apenas ao proletariado. A juventude, predestinada pelo imperialismo ao sacrifício máximo numa nova hecatombe, sente particularmente o perigo de guerra e deve ocupar uma posição de vanguarda na defesa da paz. Às mães e esposas toca também uma imensa responsabilidade na preservação das vidas de seus filhos, maridos e irmãos.

O papel dos intelectuais na defesa da paz é dos mais importantes. Em todas as épocas os melhores espíritos sempre tomaram posição ativa contra as guerras injustas, contra os atentados à independência e à liberdade das nações e contra as Santas Alianças, destinadas a impedir a marcha ascendente da humanidade e preservar os privilégios odiosos de classes condenadas pela História. No momento atual, os intelectuais mais clarividentes e combativos já se lançaram à batalha. A organização das forças de paz começou no grande Congresso de Wroclaw. Os intelectuais de Wroclaw estiveram entre os convocadores do Congresso Mundial de Paris, como em toda a América Latina, os intelectuais têm tido uma atuação das mais destacadas no bom combate. Devemos porém reconhecer, que são numerosos os intelectuais sinceros e honestos, que ainda não vieram ocupar as posições que lhes competem. Se ainda não o fizeram foi porque se deixaram iludir pelos disfarces com que o imperialismo encobre seus planos criminosos. Acreditaram nas hipócritas declarações sobre o caráter defensivo dos pactos do Rio de Janeiro e do Atlântico. Não souberam ver que o plano Marshall nada tem de filantrópico e visa apenas atrelar os povos europeus ao carro de guerra dos homens de Wall Street, liquidando a soberania das nações beneficiadas. Não compreenderam que o campo imperialista nada tem de democrático e que a preparação guerreira acarreta necessariamente, a supressão de todas as liberdades públicas e individuais. Não viram que a lei de acordo contra a imprensa, a lei contra os militares e a monstruosa lei de segurança não são simples elocubrações gratuitas do governo Dutra, mas fazem parte das medidas preliminares indispensáveis para arrastar o nosso povo à guerra. Não devemos medir esforços nem dosar paciência para esclarecê-los, porque precisamos de todos eles, dos socialistas, dos cristãos, dos positivistas, dos liberais, e até dos religiosos que desejam sinceramente a preservação da paz.

Homenagem a Zelia Ma

ADEUS, ZELIA

**DE FLÔRES FRESCAS VIEMOS
COBRIR-SE O CORPO NO CHÃO.**

**QUEM FOI QUE A BALA
[ASSASSINA
NA NOITE DE ONTEM LEVOU?**

**NÃO FOI O FILHO NASCENTE
DO FÉRTIL CORPO DE AMOR.**

**NEM FOI O ESPOSO SAUDOSO
NAS GRADES FERINDO AS
[MÃOS.**

**QUE ENQUANTO HOVER
[COMPANHEIRO
NINGUEM NA LUTA FENECE.**

**DIREMOS QUE FOSTE ADIANTE
PARA O CAMINHO INDICAR.**

**LEVAVAS FILHO NO VENTRE
E ESTRÊLA DE FOGO NA MÃO.**

**ATRAZ DE TI SEGUIREMOS
TEU DÔCE NOME CANTANDO.**

**BATIZAREMOS NAVIOS
ABRIREMOS RUAS NOVAS**

**CIDADES, PRAÇAS FUTURAS
TERÃO TEU NOME TAMBÉM.**

**E O FILHO QUE FOI CONTIGO
NASCERÁ NESSA MANHÃ.**

**QUE NÓS TODOS FICAREMOS
NAS OFICINAS. NO MAR,**

**NAS FÁBRICAS, NAS
[FAZENDAS**

ATÉ A AURORA CHEGAR.

JORGE MEDAWAR

Rio, 17 de Novembro de 1949.

galhães

Conferencia realizada por Diocelia Viana, na Federação das Mulheres do Estado de São Paulo.

Tinha 23 anos. Era mulher. Ia ser mãe.

Zélia Magalhães, nome que pronunciamos com respeito e admiração! E nesta homenagem que hoje lhe prestamos, queremos que todas conheçam sua vida, vida que constitui um exemplo que devemos seguir. Zélia Magalhães!

Todos que a conheceram se lembram de seu gênio alegre e cativante, a simpatia que irradiava aquela moça bem brasileira. Tomou parte em todas as campanhas democráticas, com o fervor e entusiasmo de uma lutadora.

Um dia conheceu Aristeu Magalhães que trabalhava na Tribuna Popular, um jornal a serviço do povo. Ela e ele tinham o mesmo caminho, tinham o mesmo ideal. Amaram-se. Ficaram noivos. Eles se compreendiam tão bem! Com que orgulho ela o apontava: "Aquêlé é meu noivo. Bonitão não acha?" Mas um dia — ou por outra uma madrugada, às caladas da noite, a polícia invadiu a "Tribuna Popular", jornal a serviço do povo. Os que estavam lá dentro, reagiram defendendo o domicílio contra o assalto, direito que a Constituição lhes garantia. A polícia não entraria, assim, facilmente, com metralhadoras, na Casa do Povo. Malina, o herói da FEB, herói nacional, Paim, o jovem jornalista e seus companheiros não tiveram medo, não recuaram! Entre os combatentes estava Aristeu, noivo de Zélia.

Seguiu-se a atrocidade habitual de torturas, no cárcere, o estúpido processo contra os que defendiam uma propriedade do povo, os longos dias de cela e terror. Zélia tinha agora de caminhar todos os dias para a prisão a fim de saber, tentar saber notícias de seu noivo. Mais do que nunca o seu amor crescera; seu noivo merecia por parte dela uma dedicação maior e o carinho que o povo lhe confiava para animá-lo sempre, dizer-lhe que não estava só e que crescia e triunfava no mundo a luta pela qual havia defendido a gloriosa oficina. Companheira de todos os dias enfrentava a polícia, a brutalidade dêste, o palavrão daquele, a sordidez de outro. Não ignorava que a reação tudo faria para quebrar-lhe a paciência e a esperança, diminuir-lhe aquela dedicação, aquela fidelidade ardente e combativa. Sem temor diante dos bandidos, sabia estar perto de seu noivo, mesmo quando não lhe deixavam vê-lo ou lhe roubavam os presentes que levava. Na enxovia, firme estava Aristeu; aqui fora, firme, estava Zélia a noiva do combatente! Assim foram os dias em torno daquele cárcere onde ainda estão Malina e Paim. Aristeu foi condenado a dois anos! O casamento já marcado, teria de ser transferido. Não! Zélia não quis! O casamento se realizaria ali mesmo, no presídio! Centenas de amigos foram ao pretório estreitar nos braços os jovens que não temiam o futuro, que confiavam na aurora da li-



berdade, que não vacilavam um minuto no combate sagrado que havia muito vinham mantendo. Mas ao lado do grande sonho por uma Pátria livre e feliz, eles também acalentavam os grandes sonhos de extremos companheiros, mesmo que um dos dois jovens corações sentisse a crua realidade da vida de um presídio! Antes noiva, agora esposa, Zélia continuou a visitar o prisioneiro, até que em novo julgamento e premido pelas manifestações populares o Tribunal absolveu Aristeu Magalhães. Agora estavam juntos e juntos lutavam de novo contra a reação cada vez mais forte.

Zélia saía com o companheiro todos os dias, para o trabalho. Funcionária pública no Protocolo Geral do Tribunal de Contas da República, era estimada pelos colegas, era querida por todos. Em casa dividia seu tempo entre o estudo e o enxoval do bebê. Zélia estava grávida! Esperava o seu primeiro filho. Quantos sonhos! Toda mulher que vai ser mãe sonha com o filho que vai nascer.

— "Pareciam duas crianças" — é dona Maria Anselmo, a mãe de Zélia quem conta. — Ela queria uma menina; êle um menino. Se fôsse mulher se chamaria Katia; se fôsse homem, Oscar, nome do pai de Aristeu. Casquinhos de tricô, sapatinhos, fraldas... As gavetas estavam cheia de peças para o bebê. Zélia gostaria que o filho viesse a conhecer um mundo melhor, sem perseguições, sem injustiças, sem miséria, sem fome! Um mundo sem ameaça de guerra, e onde todos fôssem irmãos, como reza o evangelho.

Por isso mesmo tremeu de indignação quando ouviu falar na Lei de Segurança. E vibrou de entusiasmo quando soube que estava em preparo um grande comício contra a famigerada lei. E chegou o grande dia do povo ir para a praça protestar contra a Lei de Segurança e dar o seu apoio à Liga Brasileira de Defesa das Liberdades Democráticas!

Dona Maria não queria que a filha fôsse. "Você anda cansada e no estado em que está... Mas Zélia não queria ouvir e sossegava a mãe: "Eu preciso ir, mamãe. Acha que posso faltar numa ocasião dessas?" E como a mãe insistisse, já na porta ao se despedir, Zélia disse sorrindo: "Venha, medrosa! Não vêes que estou construindo um mundo melhor para o teu neto?" Foram as últimas palavras que dona Maria ouviu dos lábios da filha. A filha adorada, a "Indiazinha" como a chamavam em casa, tão bonita com aquêlé seu tipo bem brasileiro!

Zélia Magalhães! Tinha 23 anos! Ia ser mãe!

Dia 16 de novembro de 1949! O povo se comprimia na Esplanada do Castelo! Falava o professor Hélio Gomes, condenando veementemente a Lei de Segurança, quando a polícia, sem nada que justificasse sua atitude criminosa, começou a atirar a esmo, a espancar populares, provocando pânico e confusão. Aristeu tirou Zélia dali e dirigiram-se ao primeiro ponto onde tomaram um bonde que ia para a Praça 15. Duas quadras adiante o bonde foi obrigado a parar e, nesse momento, uma chumada de vândalos — verdadeiras feras alcançou o veículo. Aristeu foi reconhecido pelos policiais que o arrancaram do bonde e, ali mesmo, ante o olhar atônito de Zélia, caíram em cima dêle, dando-lhe bordoadas, socos, ponta-pés! Ela correu e tentou com o corpo cobrir o corpo do marido! "Covardes! Covardes" — gritou. Mas Aristeu foi arrastado novamente. Os tiros de arma em punho, ameaçavam o bravo defensor da Tribuna Popular. Zélia quis de novo aproximar-se do companheiro: "Não matem meu marido! Não matem meu marido! Nesse instante ouviu-se um estampido e Zélia caiu mortalmente ferida!

Um tiro na altura da nuca! Um assassinato frio, brutal, selvagem!

Zélia Magalhães! Tinha 23 anos! Ia ser mãe!...

Aristeu viu a companheira cair; quis correr para ela, mas as feras o carregaram para longe! Meteram-no num carro da rádio patrulha e levaram-no para o cárcere. Zélia ficou ali, esvaiando-se em sangue.

Ele de novo no cárcere, sofrendo; ela, aqui fora morrendo!

Seu olhar, já sem brilho, procurava ansiosamente o companheiro.

Seus olhos se fecharam para sempre de madrugada... sem ver outra aurora, pela qual sempre se batera.

De "Nosso Adeus", belíssimo artigo de Pedro Mota Lima, extraímos este trecho: "Cerrando os olhos para o sono derradeiro, Zélia sorria-nos serenamente. Sem dúvida terá compreendido a grandeza de seu destino. Morre-se feliz e tranqüilo quando se está certo de que no rápido instante do martírio se condensa o muito que daria sem vacilação e sem medo por toda uma longa e árdua existência. Porque tombava em plena ação, no arrebatamento de seu patriotismo, em defesa da liberdade e do progresso, ela compreendia estar forjando mais uma poderosa arma para a luta da mulher brasileira. Morria gloriosamente, dando, à própria vida o mais alto grau de dignificação, deixando no punho do povo, com a inscrição de seu nome uma das flâmulas que conduzirão a marcha inexorável para o triunfo. Zélia, irmã e companheira das muitas mulheres conscientes e combativas que o Brasil possui Zélia, querida filha do povo, jovem que os mais velhos tomamos pela mão e iniciamos paternalmente pelo mais nobre caminho da vida. Nossas lágrimas são ternas e é meigo nosso gesto de despedida. Mas dentro de nosso peito há um fogo queimando. Ele não moverá atos frenéticos, não inspirará o desejo de vingança meramente pessoais. Mas elevará ainda mais o santo ódio à injustiça e ao crime. E arderá no futuro, quando o povo brasileiro festejar com os demais povos livres sua vitória comum. Nosso ódio de hoje se converterá em amor, na pira votiva acesa em memória dos que se sacrificaram por um mundo feliz."

Não foi só Pedro Mota Lima quem escreveu a respeito do bárbaro crime cometido pela polícia carioca. Outros o fizeram. Os que não escreveram, falaram. O povo do Rio de Janeiro tomou conhecimento da horrorosa chacina praticada na Esplanada do Castelo. No Senado e na Câmara vozes se fizeram ouvir protestando contra o vandalismo da polícia. Citou-se o que dizia Rui Barbosa: "O direito de reunião não é apenas um direito em si mesmo, mas ainda a garantia de todos os outros direitos."

Aristeu Magalhães só foi solto depois do meio-dia, e um tira desalmado lhe disse: "Vá depressa se quiser assistir ao entêrrão de sua mulher."

Só então ele soube que a companheira estava morta.

O corpo de Zélia foi transportado do Instituto Médico Legal à Capela de Santa Teresinha onde ficou exposto até a hora do entêrrão. Uma romaria popular verificou-se àquele local. Personalidades políticas, membros da Liga de Defesa das Liberdades Democráticas, delegações de trabalhadores, de organizações femininas, de centros estudantis, homens, mulheres e crianças, o povo carioca, através de todas as suas camadas sociais, acorreu à pequena capela para contemplar e reveren-

ciar o cadáver da jovem lutadora caída em praça pública em defesa das liberdades, da jovem esposa assassinada quando protegia o marido da bestialidade policial, da jovem mãe que procurava construir um mundo melhor para o filho que ainda guardava no ventre.

Aquêle cadáver reposto na capela e contemplado através de olhos lacrimosos de milhares de esposas e mães, cercado pelo silêncio respeitoso do povo, era uma palavra de ordem. Naquele instante ele comandava: que todo o povo se una para derrotar o governo de carrascos que ensangüentam os lares brasileiros!

Algumas mulheres recolhendo níqueis que tinham na bolsa, contizaram-se para comprar lírios para o entêrrão. Mas o dinheiro era pouco, não chegava a vinte cruzeiros. Quando o florista soube, porém, que os vinte cruzeiros de lírios — meia dúzia de flores — eram para Zélia, encheu as mãos das mulheres de uma braçada de lírios. Uma braçada de lírios cujo custo não era menos de duzentos cruzeiros! Muitas pessoas que tiveram de tomar táxi para velar o corpo de Zélia na capela, surpreenderam-se com a atitude dos motoristas. Quando estes sabiam que transportavam alguém que ia homenagear a heroína não cobravam a corrida.

Às 17 horas saía o entêrrão de Zélia para o cemitério do Caju. Uma grande multidão o acompanhava. O carro fúnebre foi empurrado, durante todo o longo percurso, pelas mãos do povo. Centenas de mulheres que nunca tinham visto a heroína, que nunca haviam participado de qualquer manifestação popular, estavam ali no meio daquela multidão, para exprimir a revolta da família brasileira contra o covarde assassinio. E o povo respeitosa, cantava. Cantava o Hino da República, com suas estrofes de Luta "Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós..."

O entêrrão saiu e atravessou a cidade. Às 17 horas nas artérias do centro, verifica-se o mais intenso movimento de tráfego do Rio. Em qualquer ocasião o congestionamento provoca a troada das buzinas dos carros que procuram passar. Mas desta vez, milhares de veículos, automóveis, ônibus, bondes, caminhões, ficaram durante horas estacionados na Avenida e nem um só motorista deu sinal de impaciência. Quando ouviam dizer: "É o entêrrão da moça assassinada ontem pela polícia" — os choferes paravam e se descobriam.

"Povo carioca! Aqui levamos mais uma vítima da agressão policial, Zélia Magalhães assassinada ontem no comício que se realizava contra a lei de segurança. A União Feminina de São Cristóvão conclama a todas as mulheres para cerrarem fileiras em torno desta luta para que por cada vítima surjam milhares de combatentes." Ao ler esse boletim, homens e mulheres em elevado número desciam dos bondes e dos ônibus, saíam das calçadas e incorporavam-se ao desfile. A lotação inteira de um bonde que trafegava superlotado para a zona norte, quando se informou de quem era o entêrrão, abandonou o veículo e seguiu atrás do carro mortuário até o cemitério.

Manifestações de solidariedade surgiam de todos os pontos do Brasil!

A Federação Democrática Internacional de Mulheres, escreveu à Federação de

Mulheres do Brasil: "Queridas amigas: acabamos de receber sua comunicação sobre os trágicos acontecimentos desenrolados em seu país. Imediatamente enviamos um telegrama de protesto ao Ministro da Justiça do Brasil, e outro telegrama de protesto ao Conselho da Federação Democrática Internacional de Mulheres, que neste momento, se celebra em Moscou, a fim de informar sobre o acontecido. Enviamos também a todas as nossas seções uma circular sobre o assunto, certas de que a leitura dessa carta provocará uma profunda indignação em todas as nossas amigas. Tais crimes devem ser denunciados por todos os meios. Rogamos enviar ao Ministro Brasileiro de Justiça, ao representante do Brasil na ONU, assim como ao secretário geral da ONU, o protesto de todas as mulheres. Cordialmente, Carmem de Pedro, secretária administrativa, por Marie Claude Vaillant-Couturier, secretária geral."

No livro do ponto da Repartição onde Zélia trabalhava foi lançado um protesto, assinado pelo chefe da seção, Sr. Antonio Accioly Carneiro:

E' com o mais profundo sentimento de saudade que comunico aos funcionários em exercício neste Protocolo Geral o assassinato, ontem, nesta capital, da nossa querida colega Zélia Magalhães."

Os presos políticos escreveram uma carta a Aristeu Magalhães: "Prezado camarada: apesar de estarmos ainda profundamente feridos pelo golpe que tu e todos os patriotas acabamos de sofrer com o assassinio bárbaro e covarde da nossa querida camarada Zélia, resolvemos escrever-te. Não para dar pêsames e sim para dizer-te que assim como estivemos unidos, defendendo contra o assalto policial, um jornal do povo e mais tarde lutando contra a reação de um sádico na Casa de Detenção, hoje mais do que nunca nos sentimos ligados a ti, tanto na dor da perda de tua bem amada companheira como no prosseguimento da luta contra a reação terrorista que infelicitava nossa pátria. Prezado camarada, levamos ao teu conhecimento que resolvemos dar o nome de ZÉLIA MAGALHÃES ao nosso coletivo, em homenagem ao heroísmo e ao martírio da tua valente companheira, tombada na luta patriótica contra a lei de segurança e em defesa das liberdades públicas, contra a reação e o imperialismo, pela instauração no país de um regime efetivamente democrático e popular.

Glória eterna a Zélia Magalhães, patrona do nosso coletivo!

(Assinam) Salomão Malina, Antônio Paim, Aníbal Lopes, Osiris Jacobina, Waldir Robim.

Zélia Magalhães era católica. Fêz a primeira comunhão, ia à missa, era filha de Maria. Um grupo de mulheres encomendou na Catedral Metropolitana, a missa de 7.º dia por intenção da alma da jovem mártir. Mas, por decisão da Cúria, a missa não se realizou.

Zélia Magalhães! Tinha 23 anos! Ia ser mãe! A criança, se fôsse menina se chamaria Katia... Zélia sonhava com um mundo melhor, onde todos fôssem irmãos, como reza o evangelho.

Júlio Fucik, o Soldado da Liberdade

V. GROMOV e N. NIKOLAIEVA

O mundo inteiro conhece o nome do escritor tcheco Júlio Fucik, autor do livro "Testamento sob a Força". Ele pertenceu à geração de homens de vanguarda que na Europa combateram o fascismo, clandestinamente e nas masmorras dos ocupantes nazistas. Nessa luta, Fucik encontrou a morte e conquistou a imortalidade.

Júlio Fucik nasceu a 23 de fevereiro de 1903, em Smikhov, um dos mais velhos subúrbios industriais de Praga. Seu pai era metalúrgico numa usina de construção de máquinas. Nos bancos da escola, Fucik deu provas de notáveis aptidões, de um gosto pronunciado pela leitura e, sobretudo, pela história. Em 1921, matriculou-se na Faculdade de Filosofia da Universidade de Praga.

É então que Fucik se dedica ao estudo das ciências sociais e dos clássicos do marxismo, manifestando vivo interesse pelo movimento socialista. Ele adere à organização comunista dos estudantes, de cuja direção faz parte pouco depois.

Fucik, estudante, teve que trabalhar para viver. No decorrer de seus anos de estudo, executou inúmeros ofícios. Deu aulas, foi instrutor esportivo, operário de construção civil, aterrador e até "camelot". Foi obrigado também a levar uma vida de faminto mas não era daqueles que perdem a coragem. "Eu não queria curvar a espinha", disse ele mais tarde.

Sua vida era toda trabalho, estudo, reuniões, manifestações.

Desde o início de sua carreira de jornalista Fucik revelou-se um polemista brilhante, combatendo as correntes literárias reacionárias que predominavam na época, na Tchecoslováquia.

Em 1930 Fucik esteve, pela primeira vez, no país dos soviets. Eis a história dessa viagem.

Os operários da Kirguízia soviética haviam convidado quatro operários e um jornalista da Tchecoslováquia a fim de percorrerem a URSS. A escolha recaiu sobre Júlio Fucik. As autoridades proibiram essa viagem. Os operários tchecos desejavam, a qualquer custo, conhecer a verdade sobre a vida na União Soviética, a fim de opôr as informações de testemunhas oculares às calúnias e mentiras da imprensa burguesa venal. Eles resolveram ir à URSS, a despeito da proibição, e, após vencer numerosas dificuldades, sua delegação chegou ao país dos soviets em maio de 1930.

Durante uma estada de seis meses, Fucik e seus companheiros visitaram Moscou, Leningrado, a bacia do Volga, a Ucrânia, o Dombass, o Cáucaso, o Tadjikistan, o Kazakhstan e inúmeros outros lugares.

No outubro de 1930, Fucik voltou a Praga, ardendo de desejo de divulgar suas impressões sobre a União Soviética. Sabia que os olhares de milhares de homens estavam voltados para o país onde se edificava a sociedade socialista, com sua cultura nova. As ameaças da polícia não o amedrontaram. Em um só ano, ele fez mais de uma centena de conferências sobre a URSS. Os meios reacionários assustaram-se com o enorme interesse que despertaram as informações eloquentes e precisas de Fucik, sobre a União Soviética.

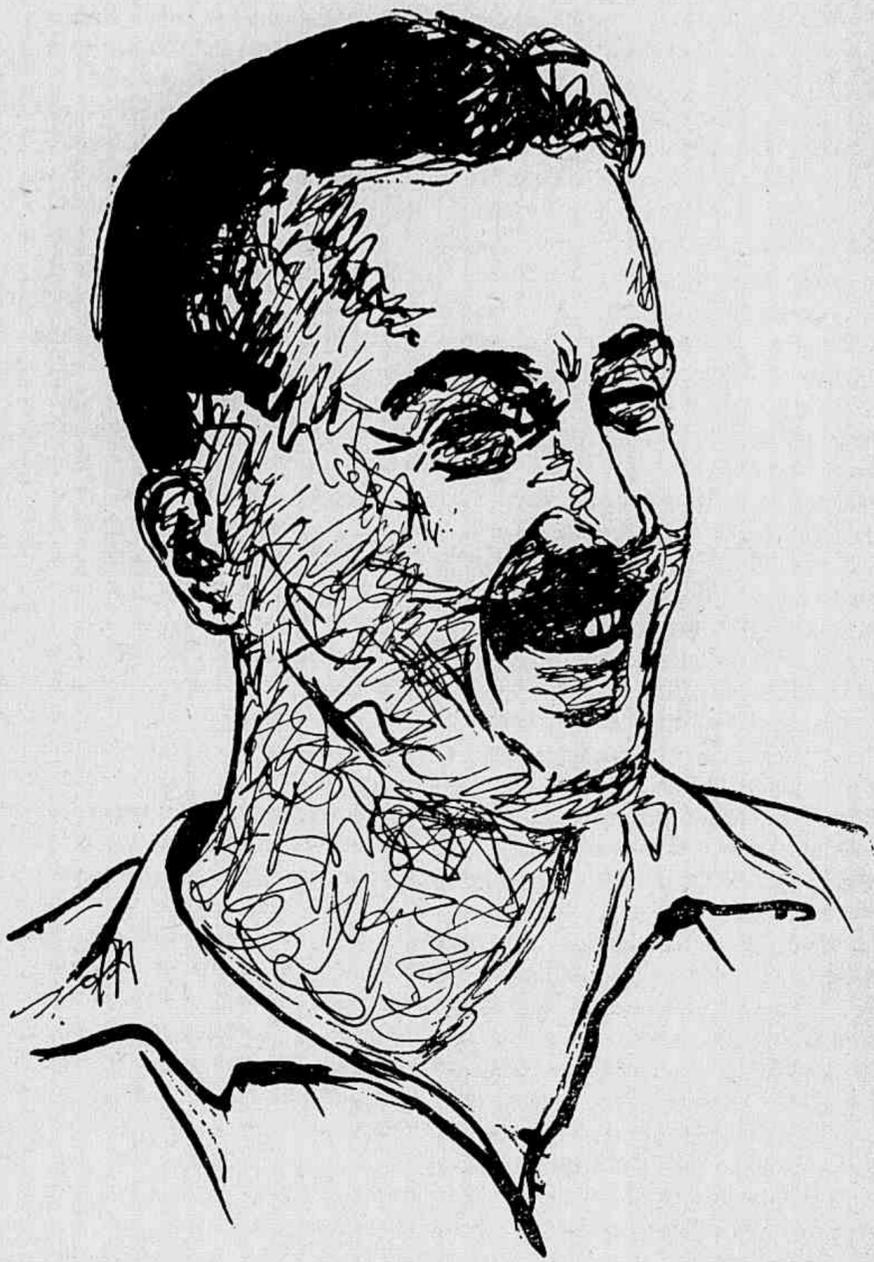
Em 1931, foi preso numa reunião e condenado a quatro meses de prisão. Essa prisão veio interromper a volumosa obra que Fucik escrevia sobre a União Soviética e que intitulara "No país onde o nosso amanhã já é ontem". Em 1931 conseguiu-se publicar esse livro. Foi também traduzido para diversas línguas européias.

Esse livro se compõe de vários estudos. Os melhores são aqueles consagrados à defesa de Tsaritsin, à consagração de usina de tratores em Stalingrado e à coletivização da agricultura na aldeia de Vorotsovka. Fucik escreveu:

"Nós vimos no país dos soviets operários que constroem um mundo novo, que criam uma sociedade nova, a sociedade socialista..."

"Eles pagaram sua libertação com sua luta, seus sofrimentos, sua vida. E triunfaram. Eles já vêem os frutos de seu trabalho. Seu bem estar encontra-se agora em suas mãos e melhora sem cessar".

Nesse livro vêem-se, bem em relêvo, as particularidades do talento de Fucik: sua arte de comentar com profundidade e acuidade suas generalizações da realidade — generalizações verdadeiramente artísticas.



A vida soviética repleta de manifestações novas, desconhecidas na literatura ocidental, inspira Fucik — escritor inovador e progressista.

Ele viu com seus próprios olhos a realização dos sonhos dos homens de vanguarda de seu povo. Ele passou a amar o país dos soviets com todo o seu coração de revolucionário e de escritor. Fucik era um verdadeiro internacionalista. E justamente porque amava seu país e estava apaixonado por sua cultura antiga e pela radiosa arte do povo tcheco, compreendia o quanto era infinitamente preciosa a contribuição da União Soviética à luta comum dos povos ansiosos por liberdade.

De volta de sua viagem à URSS, Fucik tornou-se redator do "Rude Pravo" e escreveu em numerosos jornais e revistas progressistas. Desde 1931, colaborou na revista "Leva Fronta", em torno da qual se reuniam os intelectuais avançados.

Fucik, jornalista revolucionário que admirava e amava a União Soviética, foi combatido pelos reacionários então no poder na Tchecoslováquia. Lançaram-no inúmeras vezes na prisão. E, mesmo nos momentos mais dolorosos, Fucik tinha sempre a sensação de que o homem "foi feito para a alegria". Mesmo na prisão, encontrava meio de trabalhar muito. Acontecia que, mal saía da prisão, Fucik era novamente aprisionado por um artigo escrito enquanto estava detido. Muitas vezes, a fim de escapar de uma nova prisão, Fucik era obrigado a esconder-se e disfarçar-se para despistar os beleguins.

Em 1934, perseguido pela polícia, Fucik chegou à URSS onde permaneceu até 1936 como correspondente do "Rude Pravo". Fucik dizia desses dois anos, que haviam sido os mais felizes de sua vida. Tornou-se ele muito popular na Tchecoslováquia, graças a seus trabalhos sobre a União Soviética.

Escreveu:

"Passei cerca de dois anos na URSS... Como aumentou a felicidade do homem durante esse tempo! Sob meus olhos, ruas

mudavam de aspecto, cidades surgiam, kolkozos se enriqueciam, os homens tornavam-se outros. Tudo aquilo que se transformava e crescia, transformava-se e crescia para melhor. Durante aqueles dois anos decorreram decênios históricos, ao longo dos quais o sonho tornou-se realidade. Vi crescer aquilo por que lutávamos, aquilo com que não podemos ainda senão sonhar. Vi edificar-se a sociedade socialista sem classes, o socialismo em carne e osso...

De volta à sua pátria, Fucik desmascarou em seus artigos os intúitos agressivos da Alemanha fascista e a política dos hitleristas e de seus agentes no estrangeiro.

1938. O ignominioso acôrdo de Munich é assinado! Os jornais e revistas comunistas são interditados na Tchecoslováquia. Fucik apela para que não se ceda aos imperialistas que conspiram contra a paz: "Nosso povo foi traído, mas não derrubado", escreveu êle no jornal "Cin".

Foi êsse o último artigo de Fucik na imprensa legal.

Na primavera de 1939, o ignóbil acôrdo Londres-Munich deu seus frutos: a 15 de março, os hitleristas entraram em Praga. Fizeram-se prisões em massa e todos aqueles que não agradavam aos invasores fascistas foram perseguidos. Simultaneamente, os hitleristas deram os primeiros passos à procura de certos homens públicos conhecidos na Tchecoslováquia. Eles buscavam colaboracionistas entre os homens populares do país. O redator-chefe da revista "Cesky Delnik" propôs, de propósito, a Fucik, a colaboração em "Cultura e Artes". Júlio Fucik respondeu-lhe: "Vós não publicariéis o que eu desejaria escrever e aquilo que quereis publicar, não o escreverei".

Alguns dias depois, a Gestapo fez uma diligência na casa da Fucik, em Praga, mas viera muito tarde: êle havia deixado a capital e partira para uma aldeia.

A ardente atividade social de Fucik teve que sofrer uma breve interrupção. Êle já não podia escrever nos jornais, mas, a homens como Júlio Fucik não se arrancam os braços enquanto tiverem vida. Êle recorreu à rica história da literatura tcheca. Já há muito tempo que se propunha metodizar suas idéias sobre o desenvolvimento da literatura tcheca e demonstrar, através de críticas, as tradições democráticas e o espírito verdadeiramente popular dos melhores escritores da Tchecoslováquia. Assim, se propôs escrever tóda uma série de estudos sobre "Os esquecidos e aqueles de quem não se fala". Tratava-se de elementos de vanguarda da cultura tcheca, cujo valor os homens de letras burgueses se esforçavam por diminuir.

Júlio Fucik gozou ócios obrigatórios por ter escrito um estudo-crítico sobre "Bozena Nemcova — combatente". O pensamento ousado, a vontade e o caráter intransigente dessa intelectual de talento do século XIX eram-lhe próximos.

Lutou muito para fazer aparecer essa obra, que foi publicada em 1940.

A brilhante monografia dessa patriota tcheca foi um apêlo à luta. "Pela primeira vez nesses dezoito meses experimentei a sensação da liberdade, graças à sua Bozena", dizia a Fucik seu velho amigo Vydra.

O estudo congrado a Julius Zeyer pertence ao mesmo ciclo, no qual Fucik declara ser o critério do espírito popular o mais importante na avaliação de uma obra literária.

Nessa mesma época Fucik começa a escrever também um trabalho sobre a obra do célebre poeta do povo da Slováquia, Jan Neruda. Infelizmente, só restaram seis estudos de Neruda, tendo-se queimado os outros com os arquivos da Gestapo. A crítica de outrora encarava Neruda como "um cantor idílico". Mas Fucik no-lo apresenta como um grande poeta "que enxergava bem no futuro".

Fucik não conseguiu terminar seu ciclo de estudos sobre "Os esquecidos e aqueles de quem não se fala". Mas, tinha certeza de que viriam outros literatos tchecos que continuariam sua obra.

Pouco antes de sua morte, Fucik escreveu da prisão de Pankrac: "A árvore que plantamos dará seus frutos: gerações de homens novos amadurecerão, gerações socialistas de operários, de poetas, de intelectuais que dirão, talvez muito mais tarde mas, em compensação, melhor que eu, aquilo que não tive mais tempo de dizer".

Para Fucik, o trabalho literário não era um descanso da luta, mas a sua continuação numa das frentes mais importantes — a da luta pela cultura democrática.

Na ilegalidade, Fucik combateu herôicamente o fascismo. No começo do ano de 1941 tornou-se membro do Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia. Sob condições as mais penosas, Fucik e seus camaradas conseguiram fundar um jornal — verdadeira arma de combate. Fizeram aparecer inúmeros jornais e revistas clandestinas. Então, e mais do que nunca, Fucik revelou-se um organizador de talento e um jornalista bri-

lhante. Soube encontrar através da imprensa ilegal "correspondentes particulares" não somente em Praga mas no exterior: na Turquia, na Suécia, na Suíça, na România e mesmo na Berlim dos nazistas. Chegou a receber as informações que lhe interessavam do próprio covil do inimigo, do estado-maior dos ocupantes hitleristas!

Numa noite primavera de 1942, Júlio Fucik foi aprisionado.

Torturaram-no atrozmente durante 24 horas, num cárcere da Gestapo. Seu corpo não era mais que uma chaga. Lançaram-no meio morto numa cela onde ficou vários dias sem sentidos. O médico da prisão já passara seu atestado de óbito...

Apenas abriu os olhos, levaram-no de novo para o interrogatório. Perdeu os sentidos às primeiras torturas a que o submeteram.

Ficou deitado um mês e meio sem mover-se. Retornou pouco a pouco à vida. Enfim, pôde pôr-se ao trabalho: tomava notas, escrevia. O guarda A. Kolinski, um dos numerosos participantes da luta sustentada na retaguarda, contra os ocupantes, deu-lhe na cela papel e lápis e conduzia, secretamente, para fora da prisão, aquilo que êle escrevia.

Tal é a história, ao mesmo tempo simples e extraordinária, do livro "Testamento sob a força" — uma das obras mais pungentes de nossa época.

As linhas extraídas do diário que o grande bolchevique Felix Dzerjinski escreveu na prisão, na Rússia czarista, poderiam servir de epígrafe a êsse livro de Fucik:

"Se existisse alguém que descrevesse todo o horror da vida na casa dos mortos, a luta, o espírito sombrio e os impulsos daqueles que lá estão encerrados para serem executados; alguém que traduzisse o que se passa na alma dos heróis aprisionados assim como na das pessoas vis e das pessoas ordinárias, o que se passa na alma dos condenados à morte que se conduzem ao suplício — a vida dessa casa e de seus habitantes se tornaria uma arma formidável e uma tocha que iluminaria vivamente o caminho da luta a seguir. Eis por que é indispensável descrever e dar a conhecer ao mundo não apenas a simples crônica dos condenados e dos supliciados, mas esboçar quadros de sua vida, de seu estado d'alma, de seus impulsos nobres e de suas vilanias, de seus grandes sofrimentos e de suas alegrias, apesar das torturas; de evocar tóda a verdade contagiosa, quando ela é bela e augusta, despertando o desprezo e a repulsa, quando é aviltada e manchada. Somente aquele que muito sofreu e muito amou, terá força bastante".

E o livro de Fucik, que êle transmite a seus camaradas de luta ao marchar para o suplício, tal como um soldado moribundo que passa seu fuzil a um camarada, tornou-se, segundo a expressão de Dzerjinski, "uma arma formidável e uma tocha que ilumina vivamente o caminho da luta a seguir". O livro de Fucik foi escrito por um intrépido, e também lá não se encontrará (e ela não poderia ser encontrada) a servil "religião do sofrimento", à qual numerosos autores de obras literárias que tratam do mesmo assunto, devotaram um verdadeiro culto na Europa ocidental.

Máximo Gorki dizia, reprovando certos escritores de poetizar o sofrimento: "O sofrimento — é a vergonha do mundo, e é preciso odiá-lo para o extirpar". Êsse sentimento de ódio ao sofrimento é próprio a todos aqueles que combatem estoicamente por um futuro melhor; a todos aqueles que estão persuadidos de que "a desgraça não é uma base indestrutível da existência, mas uma coisa abjecta que os homens devem repelir" (Gorki).

Júlio Fucik escreveu antes de morrer: "Eu amava a vida e lutei por ela. Que meu nome jamais seja ligado à tristeza. Vivi para as alegrias da vida, morro por ela e seria injusto colocar sobre meu túmulo o anjo da aflição".

Buscaríamos em vão em Fucik êsse pseudo-humanismo que exige a anistia dos carrascos e carcereiros, a fim de servir-se deles mais tarde para subjugar o povo. O humanismo de Fucik tem um caráter de luta. Êle combate por uma vida melhor e não tem medo da morte.

O talento raro de Fucik se demonstra com mais força em "Testamento sob a Força". A bela lingua cheia de imagens, a fina e impiedosa ironia, a expressão e a clareza das caracterizações, o lirismo sutil, o humor — todos êsses melhores traços do estilo de Júlio Fucik se devem à sua mentalidade, à lucidez com que via as cousas, a seu otimismo revolucionário, à sua profunda convicção de que a causa que defendia era bela e justa.

A pena de Fucik, aguçada em sua luta diária com os inimigos do povo, não se debilitou em Pankrac. Êle escreveu na prisão uma obra literária, cuja composição correspondia bem a seu conteúdo ideológico. Não são notas cronológicas sobre os últimos dias, é o desnudamento, visando bem o objetivo, dessa vida tóda de heroísmo e abnegação. O livro de Fucik é uma

mensagem dirigida a todos aqueles "que sobreviverão a estes tempos" e verão a vitória obtida sobre o fascismo.

"Não esqueçais!", diz ele.

Fucik cita inúmeros fatos, "depoimentos de testemunhas", referentes à luta heróica mantida pelo povo tcheco contra os invasores alemães. Ele relata as proezas de seus companheiros de luta e mostra as fontes de sua energia da alma. Simultaneamente, desmascara o inimigo. A idéia de Fucik era fazer que a humanidade conhecesse toda a verdade sobre a luta contra o fascismo, e convocar os homens para a vigilância.

Não é sem razão que escreveu em sua análise da conduta dos detentos: "... não restava mais que a essência mesma, a mais simples: o fiel permanece fiel, o traidor trai, o filisteu cai no desespero, o herói luta até o fim".

É essa "essência" da conduta dos homens que interessa a Fucik. Avalia os homens segundo seu papel e sua participação na luta contra o fascismo. Deseja que o povo conheça seus heróis e não se esqueça de castigar os traidores.

Em "Testamento sob a Força", Fucik limpa o painel de dois campos, de dois mundos.

O campo daqueles que combatem o fascismo é monolítico, ligado pela profunda unidade da luta e o ódio ao inimigo. Esses traços se tornam ainda mais salientes sobre o fundo da abjeção moral, da discórdia e da desmoralização do "bas-fond" fascista.

Fucik fala com amor e gratidão dos coletivos dos presos, do espírito de solidariedade que anima esse heróico pequeno destacamento antifascista. Sente-se essa fraternidade de combatentes em cada palavra, em cada apêto de mãos furtivo. Falando das monstruosas atrocidades dos energúmenos fascistas, Fucik limita-se a citar fatos, desnuda a alma hedionda dos torturadores e de seus lacaios, mostra toda a vilania de seus desígnios e como tremem por sua pele. Fucik descreve esses seres ignóbeis no momento em que se os vê melhor, como bacilos examinados ao microscópio.

Fucik mostra-nos os condenados que marcham para o suplício, a cabeça erguida e obtendo, mesmo à beira do túmulo, uma última vitória sobre seus inimigos: eles enchem seus alçozes de temor e de medo.

Nas últimas palavras de seu livro, Fucik salienta ainda uma vez a idéia e o objetivo dessa obra dirigida a todos aqueles "que sobreviverão a estes tempos".

"Sede vigilantes!", exclama ele.

Na hora atual, quando em muitos países os reacionários, despudoradamente, fazem propaganda de uma nova guerra, o livro de Fucik é uma exortação a todos os homens progressistas do globo. Parece que Júlio Fucik está em suas fileiras, sob as bandeiras da liberdade e da democracia.

"Sede vigilantes!", diz ele... O capitalismo que apodrece encheu o mundo de horrores que o ameaçam de um período mortal. — Sede vigilantes!"

O livro de Fucik nos lega seu ódio aos carrascos dos povos, aqueles que, ajudados pelo nó corredio, pelo linchamento, pelas bombas lançadas sobre Grammos, pela fome engendrada com o plano Marshall, esperam quebrar o espírito de luta dos povos.

Dois de seus camaradas, presos como ele e que ficaram vivos, descreveram os últimos dias de Júlio Fucik. Lida Placha, que havia militado com Fucik na ilegalidade, compareceu com ele diante do tribunal nazista em Berlim a 25 de agosto de 1943. Fucik declarou aos juizes: "Sei que serei condenado e que minha vida chega ao fim, mas sei também que fiz tudo que pude para nossa vitória. Estou certo de que seremos vencedores. Nós morremos, mas outros virão e continuarão nossa obra".

Escutou calmamente sua sentença de morte como se isso não o afetasse e, no caminho de volta para a prisão, pediu a Lida que cantasse. Ela entoou a "Partisana" e todos cantaram em côro. Lida e Júlio cantavam em lingua tcheca e os comunistas vienenses, também condenados à morte, cantavam em alemão.

Em seguida, todos cantaram a "Internacional."

Após o julgamento, Fucik encontrou-se numa cela com Rudolf Berdrich, que narrou mais tarde o que se segue:

Estava na prisão havia 170 dias, desde minha condenação, quando fizeram entrar em minha cela, a Júlio Fucik. Eu chegara a um estado de completo embrutecimento. Já não podia pensar em nada, nem mesmo na família. Fucik cantava todo o tempo ou contava qualquer cousa. Ele se comportava como se ainda tivesse diante de si uma longa vida para viver.

A 4 de agosto, durante o dia, tendo caído uma bomba sobre a prisão, fizeram sair todos os prisioneiros para o pátio e Fucik viu alguns de seus camaradas tchecos. Muitos estavam bastante abatidos. Fucik, algemado de pés e mãos pronunciou um último discurso inflamado, nesse pátio da prisão. Falou da força moral dos cidadãos soviéticos, de que, tendo o Exército soviético infli-

gido uma derrota aos hitleristas diante de Moscou e Stalingrado, não deporiam suas poderosas armas enquanto o fascismo não fosse batido.

"Se se abrisse uma segunda frente no oeste, a guerra certamente terminaria mais depressa. Talvez alguns dentre nós pudessem esperar não morrer. Ora, nós somos soldados na retaguarda do inimigo. Morramos, mas com a convicção de que venceremos".

Gusta, a mulher de Júlio Fucik, escreveu: "Para ele, a União Soviética era uma força invencível. E durante a guerra, isso lhe deu uma fé inquebrantável na derrota certa do fascismo, na vitória da URSS e do progresso. Essa fé inalterável e a consciência de ser uma parcela da grande força do socialismo, ajudaram Júlio Fucik a permanecer firme até o fim, a não recuar diante de nenhuma prova e a desprezar a morte".

No outono de 1948, no quinto aniversário da execução de Fucik, apareceu uma nova coletânea de seus artigos, intitulada "Por que amamos nosso povo?" É o legado de um combatente inflexível, a seus camaradas de partido e a todo o povo. Eis algumas linhas características desse livro:

"Nós, comunistas, arramos a vida. Desejosos de abrir o caminho para uma vida verdadeiramente livre, completa e radiosa, não hesitamos em fazer o sacrifício de nossa vida, porque, viver de joelhos, viver algemado, escravizado, rastejando, não é viver, é vegetar de uma maneira indigna do homem. Nós, comunistas, amamos os homens e é por isso que não hesitamos em fazer o sacrifício de nossos próprios interesses estreitamente pessoais a fim de que, sob o sol, seja reservado um lugar digno ao homem livre, radioso e são. Nós, comunistas, amamos a liberdade. É por isso que, sem hesitar um só momento, observamos a rigorosa disciplina de nosso partido, a disciplina elevada do exército do camarada Lenine, a fim de conquistar a liberdade para toda a humanidade. Nós, comunistas, amamos o trabalho fecundo, o futuro criador da humanidade, e é por isso que não hesitamos em destruir tudo aquilo que constitui obstáculo — e nada mais que isso — às grandes forças criadoras do homem. Nós, comunistas, amamos a paz, e eis porque combatemos. Combatemos todas as causas da guerra; combatemos por uma organização do mundo graças à qual não poderão surgir criminosos capazes de enviar milhões de homens à morte".

Fucik tinha certeza de que os povos ansiosos por liberdade saberiam degolar aqueles que pensam conseguir, com o auxílio de uma nova carnificina, levantar um "obstáculo às grandes forças criadoras do homem".

A vida de Júlio Fucik e seu legado literário revelam as inesgotáveis forças morais dos que estão no campo anti-imperialista. A voz de Fucik, seu apêlo "Sede vigilantes!", arma todos os escritores, sábios e artistas de vanguarda para combater a reação e os fomentadores de guerra.

MÃOS

Mãos rudes, mãos calosas,
Mãos de brancos, mãos de negros
que constroem arranha-ceus
abrem ruas e estradas,
comandam teares e maquinas,
Mãos de negros, mãos de brancos
da enxada sempre sempre escravas,
mãos de terra coloridas
cheias de força e expressão
vasias de bens e cobiça —
enfeixando argumentos
que o trabalho harmonizou;
num só gesto erguidas
apontando a liberdade!

ANTONIETA DIAS DE MORAES SILVA

A AUTOCRITICA DOS COMUNISTAS E AS TRAPAÇAS DOS "SOCIALISTAS"

por ISAAC AKCELRUD

A 14 de dezembro de 1949 o socialista de direita Hermes Lima fez um discurso no Parlamento da ditadura. Com o apoio da fauna do latifúndio e agentes do imperialismo ianque ali representados, investiu contra o recente e histórico estudo de Prestes divulgado pelo n.º 19 da revista "Problemas". O discurso foi muito elucidativo num ponto: selou publicamente a aliança entre os socialistas de direita, os senhores feudais, a burguesia corrupta e traidora e os mais conhecidos agentes de Wall Street. Isso veio provar que as teses do Bureau de Informações dos PP. CC. europeus sobre os socialistas de direita são inteiramente válidas também para o Brasil.

O estudo de Prestes pode ser definido em síntese como a teoria, a tática e a estratégia da Revolução agrária e anti-imperialista, que a história coloca na cabeça da ordem do dia em nossa pátria. Tal é a força do documento que o boicote pelo silêncio decretado pela reação em torno da imensa atividade criadora de Prestes, como dirigente marxista-leninista, teve que ser quebrado. Impossível mesmo para os mais rancorosos inimigos ignorar o maior documento político de nossa história.

Hermes Lima provou que seu partido visa "enfraquecer a confiança do povo na liderança dos militantes comunistas e na liderança do seu partido". Afastar as massas dos comunistas, isolar os comunistas, para melhor servir os colonizadores e guerreiristas ianques, articulando o trabalho "teórico" com o terrorismo nazi-ianque da ditadura, eis a política dos "socialistas". Sua política é, portanto, a teoria de Boré. Ambos têm o mesmo padrão, são da mesma escola dos Kennan. Para prestar esse serviço aos incendiários de guerra, Lima procura voltar a autocritica dos comunistas contra os comunistas. O povo, alega, não pode confiar neles já que "o depoimento de autocritica que nos fornece nesse documento Luís Carlos Prestes comprova exatamente que todas as palavras de ordem, que todas as diretrizes oriundas do Partido Comunista estavam erradas..." Tal a pobreza do raciocínio fundamental desse partido "socialista", que serve de cobertura para um bando de canalhocratas trotskistas e titistas e de folha de parreira para a demagogia do candidato do latifúndio Prestes Maia. A autocritica de Prestes e dos comunistas é gume cada vez mais afiado diretamente encostado e cortando na garganta do imperialismo ianque. Os esforços de Hermes Lima, esse advogado dos usineiros de açúcar, lembra um pigmeu tetando cavalgar uma montanha.

Confiando demasiadamente na polícia e no amordamento da imprensa popular, Lima chega a afirmar que "é necessário despertar a ação do povo" para essa autocritica. De acordo, mas nós vamos falar também. O pigmeu mente como um delegado de polícia, ao dizer que Prestes reconhece que "tudo" foi erro, "tudo" foi oportunismo; "tudo", eis a palavra atômica. Não. Prestes mostrou que surgiu um partido operário monolítico que nenhum regionalismo pode romper, que atraímos milhões de brasileiros para a atividade política, que "nossa política de princípios contra a guerra imperialista foi, sem dúvida, durante esses anos de vida legal, o ponto mais alto de toda a nossa atividade educativa de massas, e juntamente com a luta que dirigimos contra a guerra imperialista contra o "Livro Azul", contra a intervenção de Berle em nossos negócios internos e exigindo a expulsão dos soldados do imperialismo de nossas bases militares, constitui a causa mais direta do nosso prestígio entre as mais amplas massas populares que vêem e sentem que o Partido Comunista é um Partido diferente dos demais". Assinada que "é indispensável... não esqueçamos nem subestimarmos os lados positivos de nossa atividade, os êxitos incontestáveis que alcançamos durante os anos de vida legal".

Lima afirma que "tudo" está errado porque Lima está a serviço da guerra, da ocupação de nossas bases, do intervencionismo dos Berle, Pawley, Herschel Johnson, Kennan e demais espíões.

Evita cuidadosamente abordar nossos verdadeiros erros. Está furioso é porque acertamos em cheio com a autocritica Erramos, revela implacável, corajosa e educativa, a autocritica de Prestes, porque substituímos a luta de classe pela colaboração de classes, porque em lugar da resistência, da greve, da luta de massas do proletariado e dos camponeses, pregamos "ordem e tranquilidade", apertar o cinto; porque em lugar da solução revolucionária afundamos nas ilusões de classe e parlamentares, confiando nas solu-

ções eleitorais. Erramos porque procuramos amainar a luta de classes em lugar de aprofundá-la, porque cedemos em lugar de resistir. Porque subestimamos o papel de vanguarda, subestimamos a penetração imperialista e não vimos em tempo a divisão do mundo em dois campos e o conseqüente perigo iminente de guerra, sendo que mesmo o Manifesto de janeiro já estava atrasado em relação ao informe de Zhdanov. Prestes aponta as causas desses erros, os meios de corrigi-los. Eis os fatos sobre os quais é preciso chamar a atenção do povo, o que quero fazer em alguns pontos dentro dos limites de um pequeno artigo.

Lima investe contra as alianças feitas pelos comunistas e nisto faz côro com os latifundiários de "O Estado de São Paulo", que nos acusam de responsáveis pelo governo assassino de Ademar. Não cabe analisar a aliança em si, metafisicamente. Ademar, Borghi, Almeida Prado é tudo vinho da mesma pipa. O erro foi que as alianças, inclusive essa, foram feitas sobre a plataforma da colaboração de classes, e não da luta de classe, não aprofundaram a luta e foram viciadas de ponta a ponta pela ilusão de que um tatuira eleito com os votos dos comunistas podia deixar de ser um laçao de Truman, com a ilusão de que as eleições e não as modificações profundas, que abalem e destruam o poder econômico e político do latifúndio e do imperialismo poderiam resolver os problemas de nosso povo. Essa autocritica determina a posição dos comunistas não só em relação ao passado mas é claro que também em relação ao problema sucessório atual. Nada que não venha reforçar a luta contra a guerra e o imperialismo. O estudo de Prestes diz: "os acordos eventuais entre agrupamentos e organizações só têm razão de ser na medida em que sirvam para reforçar a luta contra os inimigos do povo, da liberdade, da democracia e da independência nacional". Hermes Lima também silencia sobre isso. Cego ou safado? Safado.

Mais uma palavra sobre um ponto importantíssimo, que é, a meu ver, uma contribuição original de Prestes. A revolução democrático-burguesa sob a direção do proletariado é, para Lima, formulação do problema em condições que "implica numa contradição essencial nos seus termos porque o problema socialista não é realizar uma revolução burguesa para chegar ao socialismo."

Sórdido jogo de palavras. "Essa revolução agrária e antiimperialista, revolução democrática em sua forma e burguesa pelo seu conteúdo econômico e social, a realizar-se em plena época da revolução proletária e da construção do socialismo numa boa parte do mundo, só pode ser realizada sob a direção do proletariado." E mais: essa revolução democrático-burguesa pode e deve transformar-se em revolução socialista porque "cresce o proletariado, sem que a burguesia se reforce nem econômica nem politicamente, já que as posições fundamentais da economia nacional estão cada vez mais em poder do imperialismo e devem, com a revolução, passar diretamente para as mãos do novo Estado" condições, que "criam evidentemente a possibilidade de um desenvolvimento não capitalista que leve diretamente ao socialismo". Isso é que quer dizer nacionalização da Light, do petróleo, do comércio exterior (o café por exemplo está nas mãos de Mr. Robibng), etc. O "socialista" Hermes Lima fica apavorado diante dessa perspectiva. Essa revolução agrária e anti-imperialista é hoje uma necessidade para o proletariado e os camponeses. O caminho da burguesia é o do entreguismo e da traição nacional. Por isso, Lima exige "fases", uma misteriosa "descentralização" e a trapaça nazista da "participação efetiva dos trabalhadores na gestão das empresas". O que ele quer é que os gringos continuem de posse do Brasil e Kennan tenha direito de ditar ordens em nossa pátria.

E' claro que teríamos muito mais a debater. Os novos quadros do anticomunismo, esses: socialistas que são espancados pelos integralistas e fazem comícios anticomunistas para desagrar o companheiro surrado, como aconteceu em Araraguara, que servem de mão esquerda para o reacionário Prestes Maia, são como os Blum, Bevin e Saragat, inimigos jurados da classe operária, serviçais do capital, instrumentos dos fazedores de guerra.

APRO... Fundamentos

ANO I



FEVEREIRO 1950



N.º 1

PROVAVEL CANONIZAÇÃO DE LIDERES COMUNISTAS

CIDADE DO PELICANO, 15 do corrente (Urgente) — (Por Carol A. Krethino) — O órgão não-muito católico "Spiatore Romano", em editorial destacado, afirma que se está formando uma forte corrente entre os cardiais latino-americanos no sentido de ser apresentado ao Papa um pedido



de canonização de diversos líderes comunistas brasileiros, que, à maneira de Santo Antonio de Lisboa, estão constantemente praticando o "milagre da ubiquidade", sendo vistos ao mesmo tempo nos lugares

mais distantes e diferentes. Prestes, Agildo, Crispim e Amazonas foram citados nominalmente pelo "Spiatore Romano", adiantando que Prestes, no dia 9 deste mês, chefiava uma revolução na Bolívia e era visto, na mesma ocasião, em S. Paulo, vestido de padre. Agildo, Crispim e Amazonas foram nesse dia presos e enclausurados em Conchambamba e, na mesma noite, jantavam tranquilamente no Brasil com o coronel Cabanas. Em certa vez, Agildo foi visto no rio Amazonas e no mesmo momento Amazonas era visto no Rio.

O "Spiatore Romano" termina o seu artigo dizendo que o povo se mostra descrente em relação a esses milagres do dom da ubiquidade, mas os cardiais estão dispostos a iniciar o processo de canonização, apresentando o testemunho de autoridades policiais de diversos países sul-americanos, incapazes de sustentar uma mentira.

PROBLEMA SERIO

O maior problema da atualidade brasileira consiste em se saber se o futuro presidente da República irá para o Catete a toque de caixa ou de caixinha.

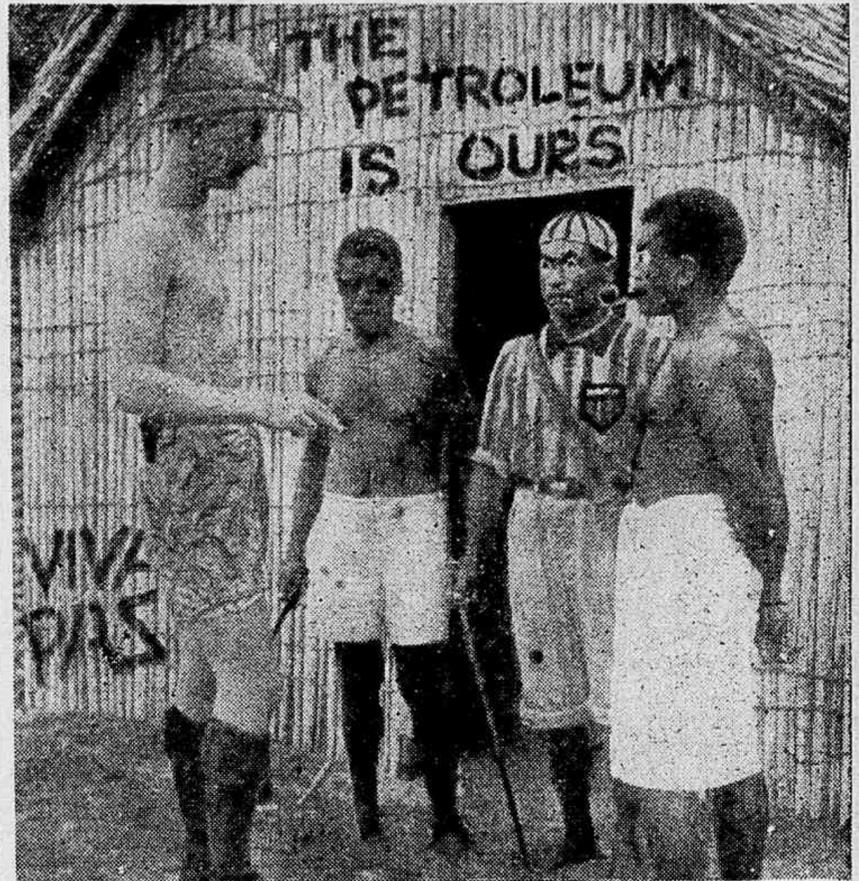
EXPLICAÇÃO

No primeiro quadro a mocinha já está bastante enjoada do mocinho.

No segundo, ela comunica ao mocinho que está resolvida a acabar com tudo.

No terceiro, o mocinho, tira do bolso de detrás das calças a sua hiper-bomba e declara que quem vai acabar com tudo é ele.

No quarto, verifica-se a explosão, onde os protagonistas aparecem já suficientemente desin-tergradados.



Mr. Vig Arist, representante de um trust ianque de petróleo, está atualmente numa ilha da Milanésia (Oceania) procurando atrair os nativos à civilização cristo-ocidental, tomando conta, a título de auxílio, de suas jazidas de ouro negro. Os nativos, porém, já estão muito desconfiados de que Mr. Vig Arist é um terrível antropófago e, por isso, resolveram almoça-lo "à la milanésia", antes que ele os jante...

REPUBLICA GENERALIZADA

Atualmente são os generais que mandam no Brasil. Temos um general-presidente da República; um general-prefeito do Distrito Federal; um general-chefe de Polícia; um general-diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil; um general-diretor da Carteira Cambial do Banco do Brasil; um general-presidente do Conselho Nacional do Petróleo. Isto sem falar na General Electric e na General Motors, que também mandam um bocado.

S. TRUMAN

O nome inteiro do atual presidente norte-americano é Harry S. Truman. Esse "S. Truman", que foneticamente lembra certo adubo natural, tem uma história. De fato, aquele "S", encravado entre Harry e Truman, surgiu de uma divergência entre seus avós. Um chamava-se Chippe e outro Salomão e ambos queriam que o neto se chama-se como eles. O pai da criança teve, então, a feliz ideia de contentar os dois, colocando no nome do pirralho aquele "S" solto, que tanto podia ser "Shippe", "Salomão" ou "Safadinho".

A guerra é uma coisa tão absurda que, depois de um grande combate, se verifica sempre que as baixas são altas.



VIDA DIFICIL



— Depois que se fundou solenemente a Legião da Decência, é muito difícil se viver desonestamente no Brasil. Honestamente, porém, é humanamente impossível.



CINEMA

CINEMA

CINEMA

A JOVEM GUARDA

Como decorrência da odiosa política anti-soviética e anticomunista adotada pelo governo do país, o povo brasileiro ficou privado das magníficas obras cinematográficas dos estúdios da U.R.S.S., das quais algumas como "Parada da Juventude", "Arco Iris", "Flor de Pedra" e "Ivã, o terrível" nos deram a amostra do que é o cinema na pátria de Górkii. Outras, entretanto, como "A Vida de Pavlov", "Um dia na U. R. S. S." e "A Jovem Guarda" são desconhecidos para o público patricio.

O filme "A Jovem Guarda" é baseado na obra do mesmo título do escritor Alexandre Fadeiev, secretário geral da Associação de Escritores Soviéticos, mundialmente conhecido. A versão cinematográfica não é apenas a adaptação de uma obra literária de grande popularidade.

Os nomes de Oleg Kochevoi, Liubov Chevtsova, Serguei Tiulenin e Uliana Gromova, heróis da guerra passada, são queridos e familiares a todo o povo soviético.

As suas vidas são exemplos admiráveis para a juventude do mundo inteiro. Os jovens do depósito de locomotivas da estação de Kiev deram, como homenagem, o nome de Oleg Kochevoi à melhor locomotiva. Os da fábrica "Soromovo" da cidade de Gorkii, batizaram de "Krasnodon" ao barco lançado em homenagem ao 3.º aniversário do Konsmol (Juventude Comunista). "Desejo ser como Leg Kochevoi e Serguei Tiulenin", dizem as moças e os moços soviéticos, que trazem no coração os nomes daqueles heróicos combatentes da juventude, cujas figuras imortais foram revividas na tela.

Essa obra verdadeiramente artística mostra os seus protagonistas em estreito contacto com a vida, com os fatos e com a época em que viveram. Assim, essa película, dirigida por Serguei Guerasimov, não é somente um filme sobre os komsomoles de Krasnodon; é também um documento sobre a grandeza das novas gerações educadas na sociedade socialista.

Os protagonistas da fita se apresentam tal qual eram os heróis da história: em indissolúvel ligação com o seu povo. Toda a ação se desenvolve na direção de um objetivo preciso, guiada por mão firme na luta de todo o povo soviético contra os usurpadores fascistas, orientando-o, unindo-o e levando-o aos grandes feitos heróicos que a história registra. Entre os jovens de Krasnodon, personagem principal do filme "A Jovem Guarda" é Protsenko, secretário do comitê regional clandestino do Partido Comunista (papel magnificamen-

te interpretado por V. Jójriakov.) Esta personagem encarna a experiência, a firme determinação e a audácia.

O filme foi produzido exatamente no mesmo lugar dos acontecimentos — Krasnodon — uma pequena cidade ucraniana da bacia carbonífera do Donets, e tem o caráter de documentário histórico. A câmara cinematográfica não focalizou apenas as ruas e os arredores da cidadezinha e o ambiente em que viveram e lutaram Oleg Kochevoi e seus camaradas; os principais auxiliares do diretor; seus conselheiros e assistentes, foram os habitantes de Krasnodon, o próprio povo da heróica localidade. Cada episódio histórico do filme foi largamente discutido em toda a cidade para que os cineastas conseguissem o máximo de fidelidade nas cenas e, no tema.

Ao irromper em Krasnodon, os invasores hitleristas supunham, nos primeiros momentos, que estavam senhores do terreno e passaram à implantação da "nova ordem" com a mais estúpida brutalidade. Entretanto, na casa de Oleg Kochevoi reuniram-se os moços e moças da organização clandestina e Oleg faz então o seu juramento: "Eu, Oleg Koschevoi, ao ingressar nas fileiras da "Jovem Guarda", perante meus camaradas de armas, ante a tortura de minha terra natal, perante todo o povo juro solenemente vingar sem piedade as cidades e aldeias incendiadas e arrasadas, o sangue de nossos compatriotas; e se para essa vingança for necessária a minha vida, a entregarei sem vacilar um instante." Depois de Koschevoi prestam juramento Uliana Gromova, Serguei Tiulenin e os demais camaradas. Daí a instantes ardem os depósitos dos nazistas, é destruído o Mercado de Trabalho, centro de escravidão implantado pelos inimigos; as ruas e praças da cidade, todas as manhas, aparecem cheias de boletins e cartazes que são ardentes apelos à luta contra os invasores. Certa noite, aparece içada na prefeitura uma bandeira vermelha, a bandeira da URSS. Em tudo se sente a mão da "Jovem Guarda".

É inesquecível a cena em que aparecem os komsomoles de Krasnodon ouvindo pelo rádio a querida e longínqua Moscou, às vésperas do aniversário da Revolução Socialista de Outubro. Fala Stalin. A novela de Fadeiev assim descreve esse momento: "O palpitar do mundo gigantesco que circundava sua cidadezinha, fundida na lama pelas botas dos soldados inimigos, o poderoso frêmito da terra pátria, o pulsar da Mos-

cou noturna, invadiram a casa e inundaram seus corações com a certeza feliz de que pertenciam a esse mundo..."

O barulho dos aplausos abafava cada uma das saudações de Stalin em seu discurso: "Glória aos nossos guerrilheiros e guerrilheiras!"

— Vocês ouviram? — indaga Oleg, couteplando a todos com os seus olhos radiantes de felicidade:

Essa fusão com a pátria, com o povo e com seu grande chefe, é magnificamente apresentada na película. A cena em que os jovens guardas estão diante do aparelho, é uma das que mais profundamente se gravam no espírito do espectador. Ela tem um sentimento profundo: os membros da "Jovem Guarda" não estão sós; na sua retaguarda está Moscou e todo o generoso país dos povos soviéticos. As palavras de Stalin, o mestre, pai e chefe, recomendam a todos os maiores sacrifícios e audácia para a conquista da vitória.

Contribui para o sucesso da película, em grande parte, a inspirada interpretação dos jovens atores, que souberam dar vida às figuras dos seus heróicos camaradas de Krasnodon.

Guerasimov, o diretor, confiou os principais papéis a V. Ivanov, I. Makarova, S. Gurzo, H. Mordjukova e outros alunos do Instituto de Cinematografia de Moscou, os quais deram à fita uma sinceridade e um entusiasmo juvenis sem igual. A passagem mais emocionante é a de uma cena final: a morte heróica dos jovens de Krasnodon. Torturados pelos nazistas, condenados à morte, Oleg Kochevoi e seus camaradas não se dobram, não inclinam a cabeça diante dos carrascos. As últimas palavras que Oleg atira ao rosto dos inimigos soam como um poderoso canto da juventude: "Só sinto não poder continuar mais a luta nas fileiras do meu povo e de toda a humanidade, por um regime de vida justo e honrado. Envio minha última saudação a todos aqueles que lutam por ele."

É nessa hora de despedida que roncam sobre Krasnodon, como esperança luminosa, os aviões soviéticos, enquanto que, pouco distante, começa a vibrar a voz poderosa da artilharia do glorioso Exército Vermelho.

O sangue dos heróis não foi derramado em vão e se aproxima o castigo implacável para os invasores.

Assim termina o filme que é dedicado aos heróis de Krasnodon, "A Jovem Guarda", que visa o nobre objetivo de educar as novas gerações soviéticas no exemplo das vidas magníficas de Oleg Kochevoi e seus camaradas de luta.

FUNDAMENTOS, revista de cultura geral de tipo popular, não poderia omitir de suas páginas uma que focalizasse as ciências.

Mais do que nunca, sendo esta uma época de crise revolucionária, precisam ser as ciências defendidas contra os que, de um lado as utilizam desnaturando as suas finalidades humanas, empregando-as por ex., no fabrico de bombas atômicas e, de outro, fazem contra elas uma surda campanha de descrédito, pretendendo substituí-las por filosofias de expressão mística, sugestivas de passividade e de descrença naquilo que é o produto máximo da inteligência criadora do homem.

Por isso mesmo, FUNDAMENTOS que toma posição na defesa da cultura popular, que a defende contra todos sabotadores do conhecimento científico no que tem êle de benfazejo para a conquista da felicidade humana, toma posição também contra tôdas as formas de desvalorização das ciências cuja finalidade, desde as suas origens, é ser o principal agente teórico da luta humana pelo seu bem-estar, pela paz, pelo entendimento entre os homens de boa vontade e pelo progresso.

Para nós, as ciências sempre surgiram do trabalho criador e da racionalização das observações e experiências humanas, em função das solicitações das necessidades do progresso e da evolução. Por isso mesmo a história das ciências acompanha a história da civilização.

Mas sempre vimos que, quando aos donos de cada momento histórico o progresso das ciências se tornava uma ameaça aos seus privilégios, êsses, hipócrita ou cínicamente, levantavam todos os obstáculos ao seu desenvolvi-

mento. Aí estão para provar tôdas as perseguições, a homens tais como Galileu, M. de Servet, Cópérnico, e tantos mais. Não é o que vemos hoje, ser dos mais arriscados trabalhos das pesquisas científicas no terreno da energia atômica?

É que as ciências não são, como maliciosamente se procura apresentá-las, qualquer coisa fria, pairando acima dos sentimentos e dos anseios dos homens. Pelo contrário, elas estão intimamente vinculadas aos desejos e às finalidades de seus cultores.

Por isso mesmo é que vemos hoje a antagonista posição que tomam diante da evolução darwinista, geneticistas clássicos e mitchurianos.

Por isso mesmo é que vemos a diferença de uso que se faz dos conhecimentos acerca da desintegração atômicas: nos EE. UU. é problema de arma destruidora de gente igual a nós, enquanto que na URSS., é uma questão de beneficiar e aumentar bem-estar das populações.

A ciência que tem sido uma bússola para a orientação da humanidade, sofre hoje, mais do que nunca, uma crise crucial: — de um lado, nas chamadas democracias ocidentais procura-se desmerecê-la, procurando substituí-la por um academicismo de ilustração vazia, e, ao mesmo tempo que se pretende valorizar o idealismo místico, utilizam na fabricação de armas destruidoras, e de outro, na URSS, em tôdas as repúblicas populares e nos setores progressistas de todos os países do ocidente, existe a convicção de que constitui a principal armadura teórica que torna o homem um ser livre, senhor, tanto da natureza objetiva, como também da sua vida moral.

Concebida dentro destes termos, a ciência deve por nós ser defendida como um bem e como uma arma de libertação, mas a melhor defesa que existe é a de divulgá-la valorizando-a, não como distração para ociosos nem como ilustração enciclopédica para servir de assunto nos entretenimentos sociais, mas como a principal base para compreensão do mundo e da vida.

FUNDAMENTOS pois, versará os assuntos de ciência com o objetivo de demonstrar a sua serventia para o povo, para a humanidade, para o progresso, para a paz e para a união entre os homens, bem como para provar que entre todos os seus departamentos existe uma unidade na qual se sintetizam todos os princípios descobertos no universo.

Mas isso compreende também uma atitude de luta.

E é certo. Não poderá ser defendida só com uma divulgação fria senão também com uma luta sem quartel contra tôdas as formas de hipócrita ou cínica desnaturação dos seus princípios e finalidades.

Esta a atitude de FUNDAMENTOS em face dos problemas da Ciência. E a justeza de semelhante conceito resulta não mais de simples raciocínios teóricos mas aí estão os fatos para comprová-la: as maravilhosas realizações pelas quais a União Soviética e as Repúblicas democráticas não somente lograram a rápida recuperação da sua vida econômica, num mundo, que na órbita ocidental se debate nos problemas da miséria e de desorganização, como também estão criando uma nova cultura que abre perspectivas infinitas para a espécie humana.

ENERGIA ATÔMICA PARA FINS PACÍFICOS

As notícias telegráficas e alguns correspondentes já se têm referido várias vezes ao projeto Davidov, que, com o emprêgo da energia atômica vai transformar radicalmente o fâcies geográfico da Ásia Central. Trata-se, em resumo, de desviar as águas do rio Obi e parte das do Jenissei, os dois maiores rios da Ásia, que atualmente banham regiões pantanosas inaproveitáveis do círculo Ártico, de modo a levá-las para o Mar Cáspio, aproveitando em parte o antigo curso do Obi, que, segundo revelaram os estudos geológicos, há alguns milhares de anos teve o seu curso desviado para o Norte, com a elevação de uma cadeia de Montanhas — as Portas de Turgai.

Com essa realização, de proporções gigantescas, pois abrange uma extensão de mais de três mil quilômetros — mais que a distância de Manaus a Pôrto Alegre — serão formados dois mares interiores, ligados por um canal navegável, um na bacia do Jenissei, outro na bacia do Obi; êste último, o mar Siberiano, da área aproximada de 250.000 km², maior portanto que todo o Estado de S. Paulo, terá que sacrificar, além de uma região muito pouco habitada, a cidade de Tobolsk, que ficará submersa. Em compensação, a sua ligação com o

Mar de Aral e em seguida com o Mar Cáspio, trará as seguintes vantagens: 1) dará uma via fluvial para o transporte de milhões de metros cúbicos de madeira das florestas da Sibéria setentrional; 2) pela diferença de nível, permitirá a instalação de uma série de usinas elétricas que fornecerão um total de 200 milhões de kwh por dia; 3) com a alteração do clima e com a irrigação direta, tornarão habitáveis os dois imensos desertos, o Kara-kum e o Kizi-kum, onde terras de natureza fértilíssima permanecem inaproveitadas por falta de água.

Tôdo êsse projeto vai ser realizado graças à energia atômica, essa grande conquista da ciência moderna, mas graças, sobretudo, a um regime que não teme mais a superprodução nem a crise. Com efeito, enquanto a União Soviética emprega essa fonte de energia para fins pacíficos, beneficiando uma imensa região que poderá abrigar dezenas de milhões de seres humanos, vemos outro país, justamente aquêle que teve a glória de produzi-la pela primeira vez, não contente em aplicá-la criminosamente em uma guerra que já estava ganha (cf. Blackett, Les conséquences militaires et politiques de l'énergie atomique) limitar-se a deslocar algumas populações nativas de ilhotas do pacífico e gastar ali milhões de dólares em exibição de força destinada a meter medo aos seus "inimigos potenciais";

dispêndio inútil e criminoso de energia e de dinheiro, quando a população desse mesmo país se vê a braços com problemas angustiantes, como enchentes periódicas do Mississipi sêcas prolongadas, desertos imensos, congestionamento de transporte, etc. que um govêrno realmente dedicado ao povo poderia resolver. E' que o govêrno desse país está agora nas mãos de uma minoria cujo maior pesadelo é a possibilidade de surgir uma nova fonte de produção que precipite a crise econômica que já deu todos os sinais de aproximação; e que contra essa crise só vê, como única saída, a deflagração de uma nova guerra que consuma seus estoques acumulados, destruindo ao mesmo tempo alguns milhões de vidas humanas e permitindo-lhes por mais alguns anos dominar a parte que lhes resta do mundo civilizado.

A verdade porém transparece mesmo através da cortina de mentiras atrás da qual se esconde a chamada civilização ocidental e cristã; os povos ainda explorados adquirem rapidamente consciência da exploração a que estão sendo sujeitos, e em breve saberão libertar-se dos seus exploradores. E então veremos a humanidade inteira seguir o exemplo da Rússia e dominar efetivamente a Natureza, aplicando as conquistas da Ciência para seu benefício, e não para a sua destruição.

O. C.

O grande plano de transformação da Natureza



CARTA DA GRANDE OFENSIVA CONTRA A SECA.

Os povos do sul e do sudeste da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas vinham sofrendo há muito tempo o rigor da seca. Nos últimos 65 anos a seca castigou mais de 20 vezes a região do Volga, mais de 15 vezes as regiões de Voroneje e Rostov, mais de 10 vezes as regiões de Koursk, de Kharkov, além das secas parciais localizadas em regiões diferentes ora com maior ora com menor amplitude. E a consequência de tudo isto era a instabilidade das colheitas, a liquidação dos pastos e dos rebanhos, a perda do trabalho humano. Em nosso país sabemos que a seca traz fome e lágrimas para as gerações. As secas do nordeste levam a fome a populações inteiras que são obrigadas a mudar-se para outras regiões e o Estado de São Paulo sofreu nestes últimos anos as consequências da seca maldita. Os homens e mulheres do campo e das cidades do interior organizaram procissões para pedir chuva. Foi para combater esse monstro, tão nosso conhecido, que os cientistas soviéticos resolveram aprofundar os estudos iniciados pelo sábio soviético V. Dokoutchaiev. Este cientista organizou, em 1893, uma expedição à floresta de carvalhos de Chipov para estudar a influência das grandes matas sobre o clima da região. A seguir, Dokoutchaiev fez a plantação de várias muralhas de árvores, em linhas paralelas e regulares, na região árida de Ka-

mennaia. Ainda hoje, os passageiros que sobrevôam a estepe de pedra podem apreciar a simetria das plantações feitas pelo fundador da ciência do solo na União Soviética. Com suas conclusões teóricas a respeito deste assunto, enriquecidas pelos estudos de P. Kostytchev e V. R. Williams e por suas experiências, chegou-se à conclusão de que o rendimento dos campos protegidos por árvores aumentava nas seguintes proporções: 25 a 30% para os cereais, 50 a 75% para as hortaliças e 100 a 200% para as hervas, sendo que este último resultado era de grande importância para a manutenção de pastos verdes, criação e engorda de rebanhos.

Oito zonas florestais de proteção serão levantadas pelo Estado para desviar o caminho dos ventos secos. A primeira terá 1.080 quilômetros e estender-se-á do Monte Vichnevaia ao Mar Cáspio, estará disposta entre os dois lados dos Montes Urais. Sua finalidade é de constituir a primeira barreira aos ventos secos do deserto. A segunda muralha de verdura, situada entre Tchapaivsk e Vladmirovka, com uma extensão de 580 quilômetros protegerá a região situada aquém do Volga. Uma terceira e poderosa zona distribuir-se-á nas duas margens do Volga, entre Stalingrado e Tcherkessek, cobrindo as estepes de Cáucaso do Norte sobre uma extensão de 570 quilômetros; cortinas de árvores abrir-se-ão ao infinito, entre Penza e Kamensk, entre Voroneze e Rostov. Perceber-se-á o murmúrio da folhagem das espessas florestas que se elevarão em duas linhas paralelas entre Kamycchine e Stalingrado, acompanhando o curso do Donetz do Norte. De Oufa a Izmail, de Riazan a Grozny, estas plantações atravessarão a estepe. Mais de 44.000 reservatórios de água serão construídos nos próximos anos. Este é o quadro de conjunto que apresentarão as grandes zonas florestais de proteção completadas pelas plantações dos kolkhozes e sovkhozes.

mennaia. Ainda hoje, os passageiros que sobrevôam a estepe de pedra podem apreciar a simetria das plantações feitas pelo fundador da ciência do solo na União Soviética. Com suas conclusões teóricas a respeito deste assunto, enriquecidas pelos estudos de P. Kostytchev e V. R. Williams e por suas experiências, chegou-se à conclusão de que o rendimento dos campos protegidos por árvores aumentava nas seguintes proporções: 25 a 30% para os cereais, 50 a 75% para as hortaliças e 100 a 200% para as hervas, sendo que este último resultado era de grande importância para a manutenção de pastos verdes, criação e engorda de rebanhos.

2 — O grande plano.

Diante destas conclusões científicas, o governo soviético adotou em outubro de 1948 um plano que prevê a plantação de extensas zonas florestais de proteção, a introdução do afolhamento com a utilização de hervas e forragens e a escavação de açudes e reservatórios de água para assegurar colheitas estáveis e elevadas nas regiões áridas. O plano será cumprido em 15 anos; mais de 6.000.000 de hectares de árvores serão plantados. Pela primeira vez na história o homem organiza importantes zonas florestais cuja extensão ultrapassará 5.300 quilômetros. As plantações serão orientadas de tal maneira, que protegerão os cam-

pos dos ventos secos e quentes que sopram continuamente naquelas regiões. Várias espécies de árvores serão utilizadas, especialmente as de grande longevidade, como o carvalho. A grande rede de zonas florestais do Estado será completada com muros de árvores que envolverão os kolkhozes e sovkhozes. Logo depois de conhecido o plano pelo povo, iniciou-se esta vasta ofensiva contra a seca. O entusiasmo apoderou-se dos kolkhosianos, dos trabalhadores de estações de máquinas e tratores, dos homens e mulheres dos sovkhozes e dos trabalhadores da «economia florestal.» Milhões de trabalhadores assinaram numerosas cartas enviadas a Staliñ. Os agricultores da região de Tambov escreveram: «Esta inteligente decisão fez crescer em nossos corações um profundo sentimento de alegria e legítima confiança por nossa grande Patria. Ela traça diante dos trabalhadores do campo o largo e luminoso caminho que conduz para a fartura, para novas vitórias na luta por uma vida feliz e radiosa.» Assim se dispôs o povo a executar o grande plano de transformação da natureza. Numerosos eram os detalhes e as medidas a serem tomadas: plantação de faixas florestais sobre a linha de repartição das águas, sobre o limite do solo, sobre a vertente dos barrancos e sobre as margens dos cursos de água e dos lagos, ao redor dos açudes e dos reservatórios de água; a plantação de árvores sobre os terrenos arenosos e outras medidas para fixá-los: vários métodos de tratamento da terra, o emprego racional de adubos, planos de irrigação e a seleção de sementes e grãos com rendimento elevado e adaptação para as condições locais. Iniciada a execução do grande plano, os trabalhadores puseram mãos à obra. Ainda em 1948 os kolkhozes, sovkhozes e os encarregados dos trabalhos de economia florestal plantaram muralhas florestais de proteção sobre uma superfície de 198.900 hectares. Nos dois primeiros meses que se seguiram à publicação da histórica decisão foram preparados 270.000 hecta-

res para as plantações de árvores em 1949. Os kolkhozes organizaram mais de 20.000 equipes encarregadas do trabalho de plantio e de tratamento das plantações. Os viveiros dos kolkhozes, sovkhozes e do Estado prepararam 1.868.500.000 plantas. Novos viveiros foram criados em superfícies consideráveis. Preparou-se 7.825,2 toneladas de grãos de árvores e de arbustos, de árvores frutíferas e industriais, aí compreendidas 6.225,3 toneladas de bolotas, sendo o carvalho a principal espécie para a arborização das estepes. O afolhamento regular foi praticado cada vez mais, tendo 60.553 kolkhozes dividido a terra para a utilização racional de ervas e forragens. Os kolkhozes da região das estepes cavaram 2.812 açudes e reservatórios para o aproveitamento das águas de escoamento. Para 1949 estão previstas 4.300 destas obras. Sabios e especialistas iniciaram a localização das zonas de proteção florestal do Estado. Foram organizadas 50 novas «economias florestais» na estepa e 200 inspeções: minares e minares de especialistas de melhoria agro-pecuária foram enviados para assessorar os distritos, kolkhozes e sovkhozes. Foi dessa maneira que o povo soviético começou a executar o plano de transformação da natureza. As características humanas deste trabalho são a alegria, a admiração, o entusiasmo, o trabalho decidido e cada vez mais racionalizado. A força organizativa dos trabalhadores do campo, das estações de máquinas e tratores e da economia florestal fez-se sentir desde seu início. Um grande movimento iniciou-se entre todos os trabalhadores para reduzir o espaço de tempo de execução do plano de 2 e até de 3 vezes. O kolkhoz Bolchevique do Distrito de Tcherikov decidiu reduzir de doze anos a duração da plantação de árvores. Os trabalhadores do sovkhoz «25 de Outubro», região de Odessa, resolveram realizar a plantação das árvores em mais de 150 hectares em 7 anos e meio. Os trabalhadores da economia florestal

de Pougatchevsk, região de Saratov, concordaram unânimeamente em fazer em oito anos, em lugar de 15, a plantação de uma zona florestal de proteção do Estado em uma extensão de 114 quilômetros. Muitos outros exemplos idênticos a estes demonstram o amor que os trabalhadores do campo dedicam a essa grande tarefa.

Os trabalhos de realização do plano de transformação da natureza são inteiramente mecanizados. Cento e catorze estações especializadas, dotadas de máquinas, foram criadas para este fim, estando previstas 570 novas estações a entrarem em serviço entre os anos de 1949 e 1951, com 22.000 tratores e 5.000 máquinas para semear grãos, plantar árvores e tratá-las.

Os trabalhadores fazem poemas e cantam canções ao grande plano de transformação da natureza. E eles sabem que somente depois dos planos quinquenais de industrialização da nação soviética, depois dos grandes planos de irrigação e orientação dos grandes cursos d'água, da criação de grandes canais na Europa e na Ásia, depois da completa coletivização da terra, é que é possível o novo plano que prevê a transformação do clima, a criação de grandes reservatórios de humidade, a estabilização das colheitas, a manutenção de pastos verdes para a criação de grandes rebanhos, a fartura e o bem estar para o povo e a possibilidade de estender a todos os benefícios da ciência moderna, de levar a toda a gente as riquezas da arte passada e moderna, o direito a um alto nível de vida econômico, político e cultural. A economia socialista é assim.

Como brasileiros que contemplamos nossa desorganizada e diminuta plantação de eucaliptos, o pequeno número de açudes criados no nordeste, as monstruosas secas que nos perseguem e nos aniquilam, nos compete, não somente ficarmos com água na boca, mas lutarmos pela organização de nossa economia socialista.

A BOMBA DE HIDROGÊNIO

Há pouco mais de quatro anos, o presidente Truman anunciava ao mundo inteiro que iria utilizar a bomba atômica contra o inimigo, para apressar o fim da guerra. E, com efeito, antecipando-se ao avanço dos exércitos soviéticos que no dia 8 de agosto, segundo compromisso assinado em Potsdam, desencadeariam a ofensiva contra as tropas japonesas de ocupação da Manchúria — o que daria aos russos o papel decisivo na vitória sobre o Japão — os americanos lançaram a primeira bomba em Hirochima. Poucos dias depois, sem esperar o resultado da primeira bomba, jogaram outra em Nagasaki. Tomando gosto por essas exhibições de força, os dirigentes norte-americanos lançaram outra bomba em Bikini.

Daí em diante choveram as declarações ameaçando os «inimigos potenciais» com bombardeios atômicos em grande escala, até que em setembro do ano passado o presidente Truman achou melhor anunciar também que os russos já possuíam o segredo da energia atômica.

Apavorados diante da possibilidade de aplicação pacífica dessa nova fonte de energia, os mesmos dirigentes norte-americanos, isto é, os agentes de Wall Street já anunciaram a fabricação de uma nova espécie de bomba, a de hidrogênio, «mil vezes mais destrutiva» que a bomba anterior.

Vamos resumir aqui os dados essenciais para a compreensão do fenômeno: a energia despreendida na bomba de urânio é devida à decomposição do átomo desse metal em duas ou mais partes (que são átomos de Bromo, Bário, Rubídio, Kriptônio, Antimônio, etc.); essa decomposição é produzida por neutrons de velocidade retardada pela interposição de parafina, e a perda de massa, isto é, a diferença entre a massa do átomo de urânio e a soma das massas dos átomos obtidos, é transformada em uma quantidade de energia até então nunca produzida por nenhum meio ao alcance do homem. Na bomba de hidrogênio dá-se exatamente o contrário. Aqui são os átomos de hidrogênio (e principalmente dos seus isótopos deutério e trítio, que têm a mesma carga e massa respectivamente dupla) que se unem formando núcleos de hélio, cuja massa é menor que a soma

das massas dos átomos componentes; essa massa perdida é transformada em energia, e segundo cálculos feitos, um quilograma de hidrogênio e seus isótopos fornece com esse processo uma energia sete vezes maior do que um quilograma de urânio. Outro material usado é o lítio, que unido-se com o hidrogênio se transforma em hélio, com grande libertação de energia. Essa produção de hélio como resíduo justifica o outro nome que se tem dado a essa bomba — a bomba de hélio; todo esse processo porém só pode realizar-se sob temperaturas elevadíssimas, da ordem de 20 milhões de graus centígrados. Essa temperatura prévia poderá ser obtida pela explosão de uma certa quantidade de urânio.

Estas modestas informações, resumidas da revista Time de 13 de fevereiro, já mostram o exatidão das primeiras notícias sobre os poderes da nova bomba; e essa mesma revista informa que os cientistas esperam conseguir as primeiras explosões daqui a um ano ou mais. Até então, resignemo-nos com a chuva de declarações, bazófilas e ameaças em que são férteis certos homens públicos do colosso do norte.

NOTAS e notícias

CRÍTICA À MAGISTRATURA

Faz parte do programa de cerceamento das liberdades públicas que a reação governamental vai cumprindo, a imposição do falso princípio de que a magistratura não pode estar sujeita à crítica, nem no exercício da função judicial, nem mesmo fora d'êla. Uma grande parte dos juizes também está imbuída dessa idéia de intangibilidade, como prerrogativa que não lhe é concedida por nenhuma regra pacífica, a não ser que se pretenda reconhecer a existência de mais um odioso privilégio de casta em benefício da magistratura.

O processo intentado por um juiz de direito contra o escritor e jornalista Afonso Schmidt, mediante queixa-crime fundada em suposta injúria e difamação, suscita novamente o problema que vai entrando cada vez mais na ordem do dia, em consequência do aprofundamento da luta entre os dois campos de concepções e objetivos opostos: o campo das liberdades democráticas e da construção do progresso e do bem-estar do povo, e o campo da reação, do atraso e da exploração do povo em benefício de minorias privilegiadas.

A classe dominante e privilegiada procura por todos os meios cercar-se de sólidas barreiras, seja no parlamento, no executivo ou no judiciário, para a defesa de suas conquistas nas fontes de exploração do povo e dos trabalhadores. Num regime como o que hoje temos, não resta dúvida que os três poderes de que se compõe o Estado, são poderes de classe dominante. O parlamento é de classe, o executivo é de classe e o terceiro poder — o judiciário — não pode fugir à regra e ao fato, pois é também justiça de classe dominante.

Do mesmo modo que se encontra no legislativo, seja federal ou de cada um dos Estados, uma maioria dócil a serviço da defesa da reação, do atraso e dos privilégios odiosos, que se põe muitas vezes a serviço do imperialismo, não obstante a luta de uma minoria parlamentar combativa e honesta; do mesmo modo que o poder executivo, tanto na órbita federal como na estadual, está a serviço da classe dominante e de interesses inteiramente prejudiciais ao povo e em benefício de agentes monopolistas do imperialismo norte-americano, não resta dúvida que a magistratura, em geral, se bem que com muitas exceções honrosas e brilhantes, constitui um poder emanado da classe dominante também, que serve ao interesses dessa mesma classe, porque não só a sua origem, como as suas ligações habituais de vida, como também os próprios princípios legais que aplica e mesmo o sentido interpretativo das regras que adota, são resultantes de um conjunto de normas que compõem o arcabouço do Estado-burguês existente, com todos os seus erros, falhas, injustiças e abusos contra a maioria do povo.

Se a constituição existente no país concede e reconhece o direito de livre crítica, como fundamento das liberdades democráticas, e se esse direito defendemos como um bem inalienável, que usamos contra o parlamento e contra o executivo, não pode o judiciário, como terceiro poder do Estado, pretender estar isento da prática d'esse direito de livre crítica, mesmo quando ela atinja o juiz nos seus atos judiciais ou nos atos pessoais.

Admitir que existe para a magistratura fronteira intransponíveis para a crítica, é aceitar a própria falência das liberdades fundamentais e concordar submissamente com a existência da ditadura judicial, intransigível e onipotente.

Quando o senhor ministro presidente do Supremo Tribunal Federal assumiu o governo da República, em seguida ao golpe de 29 de outubro de 1945, conseguiu o mais alto magistrado do país realizar um dos piores governos que já tivemos em todo o decurso da era republicana. O Sr. José Linhares, revelou-se então o chefe de estado de estreita visão, protetor de negociatas muitas vezes denunciadas pela imprensa, mero distribuidor de gordos empregos à sua numerosa parentalha, revelando ser assim dotado de péssimos defeitos como homem público. Será que a mais alta figura da magistratura, conseguira ter dupla personalidade, ou seja, ser um sofrível e lamentável chefe de estado, quando no governo federal, e ser antes e depois disto um juiz sábio, sensato, desapassionado e justo? Se o juiz pôde ser criticado quando no exercício do cargo de chefe do governo, por que não pode o mesmo juiz estar sujeito à crítica no seus atos pessoais e como magistrado?

Vejam-se também os pontos de vista ideológicos do Sr. Alcides Ferrari, atual desembargador presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. O alto magistrado paulista é tido como homem de tendência nitidamente reacionária e fascista e disto êle deu prova no mesmo dia em que tomou posse solene do alto cargo de presidente do Tribunal, para o qual fôra eleito.

A 31 de dezembro último, o Sr. Alcides Ferrari, em meio à pompa com que era investido nas suas altas funções na magistratura paulista, teve ocasião de dar ao repórter de "O Diário de S. Paulo" uma ligeira entrevista sobre a situação internacional, o que fêz em poucas linhas, mas o bastante para se revelar ardoroso partidário da guerra contra a União Soviética e as democracias populares, não escondendo o seu arroubo belicista, antes lamentando que os imperialistas ianques não tivessem iniciado a nova hecatombe, para liquidar o mundo socialista. O Sr. Desembargador Presidente só via uma salvação para o mundo, é claro que se referia ao mundo reacionário do atraso e dos privilégios de classe, e essa negra salvação, para êle, está no desencadeamento da guerra atômica contra povos pacíficos.

Dando o Sr. Alcides Ferrari assim tão nitidamente o sentido de sua formação política, é possível admitir-se que o alto magistrado não sofre a influência dessas suas idéias tão lamentáveis e criticáveis nos seus atos pessoais e judiciais? Não obstante a sua alta investidura na magistratura paulista, está patente que o Desembargador Presidente do Tribunal é perfeitamente passível de crítica, sobretudo porque ninguém melhor do que êle sabe que a Constituição Federal proíbe expressamente a propaganda de guerra, que foi feita sem nenhuma cautela em sua entrevista de ano novo e de posse.

Quando um juiz da Capital aplica penas severas de quatro anos de prisão a alguns trabalhadores de Santo André, pelo simples fato de estarem distribuindo na rua exemplares de um jornal popular, legalmente editado, como aconteceu há muito poucos dias, não há dúvida que êsse magistrado revelou em sua sentença condenatória tôda a formação de um reacionário inimigo da liberdade de imprensa e dos direitos democráticos, usando de sua prerrogativa judiciária para servir à prepotência dos mandões da terra e alimentar a onda dos inimigos do povo que querem sobrepôr a famigerada lei de segurança do Estado Novo a tôdas as franquias democráticas da constituição.

Outro juiz de Santos, condenando populares santistas a cinco anos de prisão com base na mesma lei de segurança, pelo simples fato de serem partidários da defesa do nosso petróleo, endossou a vil manobra policial de atribuir a pacatos cidadãos os crimes praticados pelos próprios policiais, e, então o magistrado se revelou serviçal da reação, colocando-se ao mesmo tempo no campo daqueles que querem contribuir para a entrega de nossas jazidas petrolíferas à exploração imperialista da Standard Oil.

E diante de frequentes arbitrariedades, desmandos e violências que vem sofrendo o povo pacífico, que dizer da tibieza de muitos juizes, em face da polícia que achincalha a magistratura, não lhe dando sequer resposta aos pedidos de informação, ou quando os dá, é sempre de modo evidentemente capcioso e mentiroso, fazendo-se êsses magistrados de desentendidos para engulir as desconsiderações e desacatos, como se nada houvesse consigo?

Assim como os altos magistrados, muitos juizes de tôdas as categorias são passíveis de crítica pelos seus atos e comportamento, e a maioria d'êles constitui autêntica expressão de classe dominante, dos latifundiários, da grande indústria, da reação policial, não só por motivo de origem, como de formação ideológica ou de interesses pessoais. Quando se faz a crítica baseada em fato concreto a um desses magistrados, não se estará cometendo nenhum crime contra a intangibilidade — que não existe — da magistratura, mas apenas se está usando de um direito fundamental decorrente das liberdades democráticas. A crítica feita pelo jornal dirigido por Afonso Schmidt teve êsse sentido justo e constituiu em si mesma apenas o uso d'esse direito fundamental, pelo que não se pode honestamente imputar nenhum crime ao jornalista, ainda que o queixoso seja um juiz. Nesse processo a que responde o grande escritor paulista, estão em jogo também as liberdades democráticas, que devem ser defendidas arduamente como uma causa de interesse de todo o povo ameaçado.

R. M.

A CRISE INDUSTRIAL TÊXTIL

Ao encerrar-se, a SEGUNDA CONVENÇÃO DA INDÚSTRIA TEXTIL BRASILEIRA lançou um manifesto em que pinta com as mais negras cores a situação da indústria que representa. A crise parece efetivamente grave, e a voz autorizada dos industriais diretamente interessados no assunto não deixa margem para dúvidas. Dando mostras contudo de um espírito retrógrado e reacionário, investem contra a legislação social e as medidas de proteção ao trabalhador, a que atribuem grande parcela de responsabilidade no assunto. Chegam a acusar os tribunais do trabalho de parciais para com os trabalhadores, quando ninguém ignora e sobretudo os operários que têm pleiteado junto a eles seus direitos, o quanto esses tribunais têm prejudicado o trabalhador.

A fim de apurarmos a verdadeira causa da crise, analisemos a situação. A indústria têxtil brasileira, como aliás a indústria em geral, sempre sofreu entre nós crises periódicas de superprodução. Pode-se mesmo dizer que sua crise tem sido crônica, e é interrompida apenas por pequenos momentos de prosperidade. Não estamos portanto em face de uma situação nova, e muito antes de existir qualquer legislação social, a indústria têxtil já sofria graves dificuldades. Assinalemos entre outros o período que precedeu a grande crise de 1929, quando nenhuma lei ainda "fingia" proteger o trabalhador como aconteceu depois de 1930. Os indústrias daquele tempo ainda devem estar bem lebradas do que então sucedeu.

Vejamos contudo as causas imediatas da crise atual que se apresenta mais profunda. No curso da última guerra, a indústria têxtil brasileira se desenvolveu consideravelmente, graças ao mercado externo que para ela então se abriu. Os grandes produtores europeus, norte-americanos e asiáticos achavam-se na impossibilidade de atenderem à maior parte de sua clientela, e o Brasil aproveitou-se da situação. Antes da guerra exportávamos quantidades diminutas de tecidos: 247 toneladas em 1938. Em 1942 atingíamos o nível considerável de mais de 25 mil toneladas e nesse nível nos mantivemos até 1947, ano em que o valor da nossa exportação de tecidos elevou-se a Cr\$ 559.527.000.

Com a terminação da guerra e o retorno à situação normal, veio a degingolada. No ano que acaba de findar-se, nossa exportação de tecidos apenas ultrapassou Cr\$ 32.000.000, ou sejam 6% da cifra de 1947. Encontra-se aí a causa real da crise por que atravessa a indústria têxtil. Poderá ser superada com a volta às exportações de alguns anos atrás? O Manifesto queixa-se de nossa inferioridade relativamente aos concorrentes estrangeiros. A nossa produção é cara, afirma ele, e isso porque pagamos mais pela matéria prima, pelo crédito, e porque o cruzeiro está valorizado internamente, donde custos

elevados. A discussão por menorizada desses pontos nos levaria longe, parece-nos desnecessária pois a razão verdadeira por que não podemos concorrer com nações como as européias e os Estados Unidos não se encontra nesses aspectos parciais do assunto, mas simplesmente porque somos um país economicamente fraco em face de poderosas potências imperialistas. Pretender vencê-las no mercado externo, onde elas dispõem de triunfos comerciais e políticos consideráveis, é simples utopia. Quaisquer que fôssem as condições da nossa produção, ficaríamos necessariamente sempre para trás, e foi somente a conjuntura excepcional da guerra que nos permitiu a grande exportação que citamos acima.

Isso é aliás em geral reconhecido, e já há muito que os mais sensatos representantes da indústria têxtil são de opinião que esta não conta seguramente com outro mercado que o interno. Trata-se portanto de desenvolver e ampliar este mercado. Mas terá ele possibilidades para absorver os excessos que se estão verificando? Para evidenciar o "copo d'água" em que a indústria têxtil se está afogando, basta considerar os dados da produção brasileira: 1.250.000.000 de metros por ano, o que representa apenas 25 metros "per capita" da população brasileira cujo consumo atual é de 20 metros. Ora essas quantias são ridículas, e dão bem mostra da miserabilidade do povo brasileiro. Um povo decentemente trajado e normalmente consumidor de tecidos não pode deixar de absorver várias vezes aquelas míseras duas dezenas de metros anuais de tecidos. A crise da indústria têxtil brasileira é portanto de subconsumo, e unicamente de subconsumo. É este aliás o problema geral de toda a indústria brasileira. Um país miserável, de população com o padrão de vida que é o do nosso povo, não pode ter nenhuma indústria florescente. Os industriais podem dar os tratos que quiserem à sua cabeça, reunirem quantas convenções entenderem e lançarem todos os manifestos possíveis e imagináveis: ficarão eternamente marcando passo enquanto não resolverem voltar suas vistas para os problemas fundamentais do Brasil que se resumem afinal nisso que não há quem não reconheça: o infimo padrão de vida da grande, esmagadora maioria do povo brasileiro.

Por que essa resistência dos industriais que analisarem seus problemas em profundidade? Justiça seja feita a muitos deles que têm uma atitude mais inteligente; e já houve tempo mesmo em que essa posição parecia tornar-se vitoriosa. Basta recordar as opiniões de um Roberto Simonsen, que apesar de suas vacilações se encaminhava nos últimos anos que precederam seu falecimento, anos em que exerceu influência decisiva nos meios industriais, para uma compreensão mais profunda dos problemas nacionais. Hoje, parece que é o setor mais retrógrado da indústria que assumiu a liderança deste setor econômico, e a prova aí está nesse deplorável Manifesto da

indústria têxtil. Os elementos mais esclarecidos e progressistas, provavelmente intimidados pela onda crescente da reação que sob a batuta do imperialismo norte-americano avassala cada vez mais o país, se conservam na sombra e preferem não manifestar-se. E com isso, as classes dominantes cada vez mais voltam as costas para as verdadeiras soluções dos problemas nacionais, e encastelam-se em posições reacionárias e inteiramente estéreis. E assim, não somente tornam-se um obstáculo oposto de desenvolvimento do país, mas cavam profundamente o fosso em que acabarão por se enterrarem.

CAPITAIS ESTRANGEIROS E O TRATADO COMERCIAL COM OS ESTADOS UNIDOS

Acha-se em vias de conclusão o tratado comercial do Brasil com os Estados Unidos, segundo anunciam os jornais a par das intimidades da administração pública federal. Não conhecemos ainda a texto do tratado que está sendo redigido, mas ao que se sabe, ele ultrapassa largamente os limites de um simples acordo comercial, estendendo-se pelo terreno de concessões e favores ao capital estrangeiro aplicado ou por aplicar no Brasil. Confirma-se esta informação pelo fato de ter surgido ultimamente na imprensa mais ligada aos interesses imperialistas uma forte campanha no sentido daquelas concessões. E é ainda de notar, aqui em S. Paulo, a publicidade dada ao relatório que a Câmara Norte-Americana de Comércio apresentou ao Sr. Willard L. Thorp, assistente do Secretário de Estado para questões econômicas, relatório este em que são apresentadas sugestões para ampliação da inversão de capitais norte-americanos do Brasil, como por exemplo, que lhes seja assegurada "absoluta prioridade cambial na categoria mais alta" para a remessa de lucros.

Toda esta campanha publicitária favorável aos interesses imperialistas, e que representa para o Brasil um grave risco, funda-se no velho e surrado argumento de que "precisamos do capital estrangeiro para o desenvolvimento de nossas riquezas." Tal argumentação constitui um sofisma grosseiro, já muitas vezes desmascarado, mas que na presente ocasião, quando a ameaça latente que pesa sobre os interesses brasileiros se encontra em vias de concretização com o aludido tratado comercial projetado, merece nova análise.

É preciso distinguir entre os capitais estrangeiros quais são aqueles de que necessitamos. O sofisma da fórmula acima encontra-se na generalização que nela se contém e onde é feita. Os recursos de que o Brasil necessita são créditos comerciais a longo prazo que permitam a importação em larga escala de aparelhamento (máquinas, etc.) para nossas indústrias, transportes e atividades econômicas em geral. Dada a situação precária e mal equilibrada de

nossa balança de pagamentos exteriores, temos sido obrigados a restringir drasticamente as importações do país. A licença prévia, as restrições cambiais estão à vista de todos patenteando tais dificuldades. Torna-se extremamente difícil, numa situação como essa, estimular o desenvolvimento das atividades econômicas do país que depende ainda em proporções consideráveis da importação de maquinário e aparelhamento estrangeiro em geral.

Como enfrentar tal situação? Muito simplesmente pela obtenção de créditos comerciais, como se pratica usualmente tanto nas atividades internas como nas relações do comércio internacional. A posição do país, em conjunto, é neste terreno semelhante à de qualquer industrial ou comerciante privado. Da mesma forma que este não pode operar sem crédito, sem adiantamentos a prazos mais ou menos longos, assim também uma nação que depende de largas importações e não dispõe de reservas cambiais apreciáveis, como é o caso do Brasil, precisa de financiamento internacional.

E nesses termos que se coloca o problema dos capitais estrangeiros no Brasil. Precisamos de financiamento, da abertura de créditos pelos nossos fornecedores. Isso é muito diferente daquilo que se propõe, e que vem a ser a simples transferência de nossas atividades econômicas e produtivas aos capitais estrangeiros, e norte-americanos em particular. Seria o mesmo que um industrial necessitado de crédito e financiamento entregasse sua indústria a capitalistas estrangeiros! E isso que se pretende com relação às atividades econômicas brasileiras, e o que efetivamente já se faz de modo mais ou menos velado. Realmente, o que está acontecendo na atualidade? A indústria brasileira luta com as maiores dificuldades para desenvolver sua capacidade produtiva. Toda sorte de iniciativas é freada pela dificuldade de obter licença prévia e câmbio de que necessitam tais iniciativas para se realizarem. Enquanto isso, os capitais estrangeiros, o que vale dizer os poderosos monopólios internacionais que operam entre nós ou pretendem operar, encontram todas as facilidades. Numa concorrência tão desigual como essa, é claro que esses monopólios levarão todas as vantagens, e irão aos poucos "empalmando" todos os setores mais interessantes para eles da economia brasileira. Os brasileiros e o capital nacional ficarão com o refúgio, com aquelas atividades que apresentam menores perspectivas.

E já o imperialismo não se satisfaz mais com posição tão privilegiada. Animado pela subserviência do governo brasileiro e pelo domínio político crescente que exerce no Brasil, quer mais, exige concessões ainda maiores. Nada mais nada menos que se lhe dê preferência e prioridade cambial para a remessa de seus lucros arrancados ao suor de um povo traído pelos seus dirigentes. Sem contar a imoralidade que isso representa, e abdicação de soberania e dignidade que importa para o Brasil, as

consequências de uma tal concessão ou de quaisquer outras da mesma natureza serão das mais graves. É que irão onerar ainda mais os pagamentos exteriores do país e agravarão consideravelmente o desequilíbrio cambial. Em vez de servirem para atender às necessidades reais do país e de seu povo pagando com eles nossas importações, os recursos cambiais brasileiro serão gastos para satisfazerem onerosos pagamentos de lucros de monopólios estrangeiros que operam entre nós. Isso já ocorre em proporções consideráveis: o que se pretende agora é ampliá-las e assegurar ainda mais a sangria de nossas forças econômicas com a oficialização e legalização de concessões e privilégios que garantirão aos monopólios internacionais uma posição ainda mais sólida e soberana dentro do nosso país.

Para a defesa dos interesses brasileiros de tal modo ameaçados, já se vê que não é possível contar com o governo federal que tem dado as provas mais cabais de sua subserviência ao imperialismo. O Congresso não fica muito atrás nessa submissão. Felizmente seus debates são públicos, o que não acontece com as decisões governamentais que se elaboram no segredo das antecâmaras ministeriais onde o imperialismo se encontra tão bem representado. E assim sendo, os deputados e senadores encontram-se mais sob a fiscalização do povo brasileiro, e poderão ser contidos nos seus impetus em favor do imperialismo, como aconteceu até hoje no caso do Estatuto do Petróleo e outros projetados assaltos à dignidade e integridade econômica do país. Mas para que tal fiscalização se torne efetiva, é preciso que o povo se mobilize cada vez mais, se torne de dia para dia mais atento com relação ao desenvolver das atividades públicas, e saiba intervir com oportunidade e energia crescente cada vez que nova ameaça, como esta do tratado comercial com os Estados Unidos, paira sobre o Brasil.

NOTICIÁRIO DA PAZ

APÊLO PARA A PAZ DO MUNDO

No último número de FUNDAMENTOS foram publicadas as PROPOSIÇÕES PARA A PAZ aprovadas pelo Comitê Permanente do Congresso da Paz em sua reunião plenária de outubro de 1949 em Roma. Publicamos a seguir o APÊLO PARA A PAZ DO MUNDO que em complemento àquelas proposições, e precisando-as, foi lançado pelo Bureau do Comitê com sede em Paris.

No momento em que a carreira armamentista adquire maior extensão, e que as conferências militares confirmam a aceleração dos preparativos de uma nova guerra, o Comitê do Congresso Mundial dos Partidários da Paz se dirige aos Parlaentos e Conselhos de todos os países da terra.

Em nome de centenas de milhões de homens e mulheres que atuam em

comum em 76 países para a defesa da paz, o Comitê os convida a discutirem as seguintes proposições, e se comprometerem a mantê-las:

1.º Que cesse a carreira de armamentos que afunda os povos na miséria e destrói toda esperança de bem estar. Isso é possível com a redução dos orçamentos de guerra e dos efetivos militares.

2.º Que se ponha termo à espantosa ameaça de bombardeios com as armas atômicas. Isso é possível com a proibição dessa categoria de armamentos.

3.º Que cessem as guerras de intervenção, contra os povos, especialmente na Indonésia, Maláia e Viet-Nam. Isso é possível com o compromisso de entabular negociações diretas e imediatas sob a égide internacional.

4.º Que cesse toda repressão contra os Partidários da Paz, que tende a destruir a resistência dos povos e dar livre curso à preparação da guerra.

5.º Que cesse a guerra de nervos e que se restabeleça a confiança. Isso é possível com a assinatura, no âmbito das Nações Unidas, de um pacto de paz entre as grandes potências.

Para levar a bom termo estas iniciativas de paz, o Comitê Mundial dos Partidários da Paz apela a todas as populações pacíficas do mundo inteiro a fim de que lhe dêem seu ativo apoio, e lhes solicita que intervenham, pessoal ou coletivamente, junto aos Parlaentos e Conselhos, bem como de seus representantes, para que essas proposições de paz, que refletem a vontade unânime dos povos, sejam sustentadas e defendidas nas Assembléias locais, regionais e nacionais.

Da união e da ação daquelas populações depende a paz do mundo.

PRÊMIOS STALIN "PELA CONSAGRAÇÃO DA PAZ"

Por ocasião do 70.º aniversário de José Stalin, e por decisão do Presidium do Soviete Supremo, foram instituídos na União Soviética de 5 a 10 Prêmios Stalin internacionais "pela consolidação da paz".

Esses prêmios serão outorgados em cada aniversário de Stalin, — sendo pela primeira vez em 21 de dezembro de 1950 — aos cidadãos que se tenham destacado na luta contra os provocadores de guerra e pela consolidação da paz, quaisquer que sejam sua nacionalidade, suas opiniões políticas, sentimentos religiosos ou origem racial.

O Júri será formado por membros do Presidium do Soviete Supremo e representantes das forças democráticas dos diferentes países do mundo. Cada laureado receberá além do diploma do prêmio, uma medalha de ouro com efígie de Stalin e uma soma em dinheiro de 100.000 rublos (7 milhões de francos).

2.ª REUNIÃO PLENÁRIA DO COMITÊ PERMANENTE DO CONGRESSO DA PAZ

Está convocada para março próximo em Estocolmo (Suécia) mais uma reunião plenária do Comitê Permanente do Congresso da Paz. Esta é a segunda reunião do Comitê, tendo sido a primeira realizada em Roma, em outubro de 1949.

Mundo UNIVERSITÁRIO

ESCOLAS BÁSICAS E ESCOLAS DE CÚPULA NO ENSINO MÉDICO

SAMUEL B. PESSOA

(Professor Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo)

O Dr. Paulo de Almeida Toledo, em artigo recentemente publicado em "O Estado de São Paulo" deu-nos conta de seu plano de criação de um centro superior de estudos médicos, que denominou Faculdade de Especialização Médica.

Tal Escola como seu nome indica seria destinada a dar cursos de especialização a médicos, funcionaria na Santa Casa, que para isso sofreria adaptação adequada, comportando um corpo bastante numeroso de professores catedráticos, docentes e assistentes, tudo isto absorvendo grandes verbas do Estado.

Queremos de início e muito sinceramente declarar que não sentimos no momento, a necessidade da criação de uma Faculdade para Especialização Médica, como advoga o Dr. Toledo. Temos, e sim, necessidade de mais escolas básicas e penso não haver chegado ainda a oportunidade da criação de centros como aqueles, que se podem denominar escolas de cúpula.

Com efeito, inscreveram-se este ano, para o Concurso de Habilitação ao 1.º Ano da Faculdade de Medicina, quase 600 candidatos (exatamente 595). Esta Faculdade porém, só comporta 80 alunos, isto é, pouco mais de 13% dos inscritos. Ora, com a longa prática de perto de 30 anos de ensino, podemos garantir que, no mínimo 30 a 40% dos candidatos inscritos estão aptos para iniciar o curso médico. No entanto, serão fatalmente excluídos, por falta de lugares e não por insuficiência de preparo, no mínimo 150 a 160 rapazes que, ou deixarão definitivamente os estudos, ou terão de estudar no Rio, Curitiba, etc., por conseguinte longe de suas famílias e ainda com maior ônus para os pais. Verifica-se, entretanto, que nossa Faculdade gasta cerca de oitenta milhões de cruzeiros (vinte milhões com os laboratórios e sessenta milhões com o Hospital), para formar anualmente 80 médicos; em outras palavras, cada médico custa ao Estado (e, conseqüentemente, ao povo paulista) a bagatela de um milhão de cruzeiros.

É evidente que, paralelamente ao ensino, o Hospital das Clínicas presta também perfeita assistência à população pobre do Estado, entretanto, essa assistência é muito cara, porque o Hospital em aprêço é, antes de tudo, um centro de ensino.

O problema fundamental da atualidade deve consistir no barateamento do ensino médico básico sem quebrar o padrão. A solução mais lógica, segundo nosso modo de ver, está no desdobramento dos cursos da Faculdade, em duas turmas, de 80, ou mesmo de 100 alunos; os cursos fundamentais (cadeiras de laboratório) seria ministrados na própria Faculdade, pois que as cadeiras básicas lecionadas, com duas exceções, três vezes por semana, o seriam todos os dias.

Quanto às cadeiras de clínica, a turma desdobrada teria seu curso na Santa Casa, sob a direção do Professor Catedrático, auxiliado pelos inúmeros livres-docentes e assistentes. Se é possível adaptar aquele Hospital para o ensino clínico especializado, muito mais fácil o seria para o ensino normal das clínicas. Aliás, quase toda a geração médica paulista contemporânea onde brilham os nomes de grandes clínicos e especialistas, fez o estágio clínico na velha e acolhedora Santa Casa. Com um pequeno gasto a mais, o Estado formaria 160 a 200 médicos e cada esculápio custaria cerca de metade daquele milhão de cruzeiros.

De outro lado, verifica-se a falta de médicos no Brasil. Com efeito, calcula-se (1946) que existem no país 18.000 médicos, quando necessitamos, no mínimo de uns 40.000, isto é, há um déficit de mais de 20.000 médicos. Ora, em lugar de fundarmos escolas de cúpula, o razoável seria, além do desdobramento da Escola oficial, o auxílio econômico substancial de boas escolas particulares, como por exemplo a Escola Paulista de Medicina, a fim de que esta baixasse à metade ou a um terço as suas taxas escolares, permitindo assim a matrícula de maior número de alunos, com desdobramento também de seus cursos; criação de uma nova Faculdade no interior, bolsas para estudantes pobres, barateamento do livro didático, etc.

Quanto aos cursos de especialização, ninguém mais do que nós, convencido de sua necessidade. Que tais cursos porém, continuem a ser ministrados como o vêm sendo até hoje, aliás com grande proveito e, sublinhemos, sem ônus para o Estado, a ponto de São Paulo já ter se tornado um centro de atração e aprendizado para numerosos médicos do interior e de outros Estados. O Conselho Universitário poderia destacar uma Comissão destinada a tornar esses cursos mais regulares e eficientes. Paralelamente a isto, estímulo aos cursos de especialização e de aperfeiçoamento não oficiais; aumento e oficialização do intercâmbio científico-cultural entre a Capital e interior do Estado e também a organização de missões culturais e de pesquisas para outros Estados da Federação.

Afinal, o que julgamos útil e razoável consiste pois no desdobramento das Faculdades existentes ou na criação de mais escolas médicas básicas, porém boas escolas, para formar médicos cultos e eficientes de que tanto necessita o país.

LUTA PELAS REIVINDICAÇÕES ESTUDANTIS

A aproximação do II Congresso Estadual de Estudantes, e a consciência de sua importância para o Movimento Estudantil, nos sugerem a idéia de um exame crítico do congresso anterior e das atividades da União Estadual de Estudantes, até esta data.

Tendo em vista que o principal objetivo do I Congresso, realizado em fevereiro do ano passado, era a fundação de um organismo congregador dos Centros Acadêmicos do Estado, parece-nos certos afirmar que os estudantes de São Paulo tiveram naquele conclave uma vitória. A criação da U. E. E., exigência da Constituição do Estudante Brasileiro, representou, sem a menor dúvida, uma derrota para os grupos reacionários do meio estudantil, que, desde há muito tempo, vinham sabotando quaisquer tentativas nesse sentido, temerosos da atuação de um organismo que, à semelhança da U.N.E., tomasse posição ao lado do povo na solução dos problemas nacionais.

Observando as atividades da U. E. E., em seu primeiro ano de vida, poderemos verificar que os temores da reação não eram infundados. O organismo máximo dos estudantes paulistas assumiu de fato um posição de vanguarda nas lutas que têm sido travadas em defesa da economia nacional ameaçada pelos trustes imperialistas, e das liberdades democráticas, postas em perigo pela nefanda "Lei de Defesa do Estado."

Se, porém, a U. E. E. não desmentiu as tradições de luta do estudante de São Paulo e do Brasil, é forçoso reconhecer-lhe uma grave deficiência — seu afastamento das necessidades dos estudantes. Já no I Congresso, absorvidos pela preocupação de lançar as bases das Constituições do Estudante Paulista, abandonaram os representantes dos Centros Acadêmicos a um plano secundário o levantamento dos problemas específicos da classe. Esqueceram-se de que a organização que se criava deveria ter por fundamento e razão de ser a luta pela solução desses problemas. Quando as reivindicações eram levantadas por um ou outro representante, a atitude dos congressistas era, na maioria das vezes, de indiferença. A própria elaboração do programa mínimo da U. E. E. surgiu mais como o cumprimento de uma praxe estabelecida, do que como uma importante tarefa do Congresso.

Refletindo de maneira acentuada os defeitos do I Congresso, as atividades da U. E. E. no ano passado limitaram-se a um programa restrito de atividades culturais, sem que fôsse tomada a iniciativa de amplos movimentos pela solução dos grandes problemas estudantis. Não há, porém, melhor caminho para tornar a U. E. E. conhecida e prestigiada junto ao grupo que representa, do que ir ao encontro das necessidades desse grupo. As grandes

forum *dos* leitores

FUNDAMENTOS reinicia neste número a publicação de seu Forum, através do qual os nossos leitores terão a oportunidade de opinar, indagar e debater questões culturais e informações, divulgadas em suas páginas ou que possam ser suscitadas pelos próprios leitores.

A finalidade desta seção é estabelecer um contato mais íntimo com os nossos leitores, de modo a receber d'estes suas críticas e objeções, como contribuição à direção e à redação da revista para uma constante elevação do nível cultural e informativo de suas páginas.

A redação de Fundamentos abre assim o Forum à crítica e à indagação de todos os interessados e espera que as suas questões sejam remetidas para o endereço da revista, mencionando-se o nome desta seção, para que possam ser apreciadas.

* * *

J. B. ANTUNES, Campinas. — Informa-nos sua carta: "Dei a minha adesão à luta contra a Lei de Segurança, cujo projeto está em andamento no legislativo federal, porque entendo que ela suprimirá tôdas as liberdades democráticas. No entanto tenho verificado que os juristas governamentais falam muito na necessidade de fixar o "conceito de crime político" para dar ao poder executivo as armas legais de sua defesa. Gostaria que Fundamentos me esclarecesse se existe um conceito de crime político definido, mesmo que seja para uso da reação.

— O conceito de crime político não tem encontrado solução científica, nem mesmo nas conferências internacionais para isto convocadas, como a que foi realizada em setembro de 1935, em Copenhague, para unificação do direito penal, onde Hammerich, relator da matéria, acabou cedendo às imposições dos representantes fascistas, de Marsico, Aloisi e Aznavorian, para tentar fazer uma transação entre o critério liberal e o autoritário. Mesmo assim, porém, a configuração do conceito de crime político não ficou delimitada porque

ninguém poderia aceitar o princípio reacionário de crime político pretendido pelas legislações baixadas pelos governos fascistas, de todos os matizes.

A noção e a extensão de crime político no nosso país, onde prevalece uma ditadura policial, tem sido de âmbito o mais extenso, até atingir o limite do ridículo, sobretudo no tempo do famigerado Tribunal de Segurança Nacional e que agora se procura confirmar através da lei em discussão no parlamento. O Tribunal de Segurança deixou uma tradição tão reacionária na conceituação de crime político, que as suas sentenças deveriam ser peças de circo de cavalinhos, caso não fôsse o grande mal que elas causaram a centenas de patriotas e a muitos lares por todo o Brasil.

Mas essa mania de perseguição política sempre existiu entre os ditadores e usurpadores das liberdades públicas. Desde o tempo do imperador Tibério, vêm sendo elaboradas leis especiais de conceituação de crimes políticos, e no tempo daquele senhor de Roma, foi baixada a lei Júlia de proteção da majestade, que definia como crime político, cousas como estas: estar o escravo diante da estátua de Augusto; despir-se ou vestir-se diante da mesma; levar consigo uma moeda ou uma medalha contendo a efígie do imperador a qualquer lugar destinado a satisfazer às necessidades físicas ou os prazeres da voluptuosidade.

A reação governamental brasileira vai-se encaminhando, na conceituação de crime político, por êsse campo ridículo, sempre com o objetivo de eliminar qualquer crítica ou referência às pessoas dos governantes e aos seus atos públicos. É por isto que o projeto de lei de segurança entra pelo terreno das hipóteses subjetivas do cidadão, para tirar conclusões fantásticas e meramente de suposição, e assim configurar os "crimes" mais terríveis, de que se servem os juizes especiais na imposição de penas severísimas.

Assim podemos afirmar que sem o pleno exercício das liberdades democráticas, tôda conceituação de crime político constitui burla e cerceamento dos direitos fundamentais, visando apenas legalizar a irresponsabilidade e o arbítrio dos governantes e seus agentes.

reivindicações estão aí, de pé, à espera de soluções: o problema da habitação para o estudante precariamente alojado em pensões e quartos; os problemas relacionados com a desorganização do ensino e com o aproveitamento profissional dos formados; os problemas particulares de cada escola, que assumem às vezes caráter muito grave — como por exemplo no caso da Fac. de Filosofia a situação dos licenciados, sistematicamente preteridos em seus direitos.

Sòmente através da luta pela satisfação das reivindicações de cada escola e dos estudantes em geral, poderá a U. E. E. encaminhar-se para o dia em que congregará de fato a classe acadêmica. Não é por outro motivo que a própria U. E. E. e os Centros Acadêmicos devem assumir desde já a responsabilidade de transformar o II Congresso a se realizar próximamente em um congresso reivindicatório. Escolhidos os representantes das escolas entre os que sintam mais agudamente

os problemas do grupo, não se repetirá, por certo, o espetáculo de apatia do congresso anterior em face do levantamento de reivindicações. Por outro lado, as atitudes democráticas e patrióticas que a U. E. E. tem tomado desde os seus primeiros dias de vida, ganharão dessa maneira uma força maior, pois, seguido o caminho da luta incansável pelos interesses dos estudantes, a nossa entidade máxima no Estado, terá suas raízes postas no seio mesmo da massa dos seus representados.

"DEMOCRACIA EM FAVEIRAL"

Numerosos leitores criticaram a publicação no número de janeiro de Fundamentos, do conto "Democracia em Faveiral" por ser de conteúdo francamente reacionário. De fato o conto encerra um menospêzo pelas reivindicações populares, naquilo que elas muitas vezes tem de modesto, assim como um cepticismo sôbre as práticas do governo popular, conceitos totalmente deslocados numa revista como Fundamentos, que faz da defesa das causas populares e das liberdades democráticas um dos seus objetivos de luta.

Houve por parte da direção da revista que sempre tem procurado se manter na altura de órgão verdadeiramente democrático, uma indesculpável falta de vigilância política, oferecendo a seus leitores um trabalho que, qualquer que seja o mérito do seu autor, é nocivo, deseducativo e reacionário.

A direção da revista reconhece o seu erro e espera que o autor, democrata que tem demonstrado ser em outros trabalhos, também reconheça a justeza das críticas recebidas, que a direção endossa inteiramente.

MARAVILHAS DA "LIVRE CONCORRÊNCIA" NOS ESTADOS UNIDOS

250 emprêsas-gigantes controlam 66% do total dos meios de produção industrial (39 bilhões de dólares).

31 dessas emprêsas, controladas pelos cinco grupos financeiros — Morgan, Mellon, Rockefeller, Dupont e Cleveland — possuem 30% do total.

Na metalurgia os grupos Morgan, Cleveland, Mellon, Bethlehem Steel controlavam (da capacidade total de produção), as seguintes parcelas:

Em 1880 — 25%	Em 1900 — 60%
Em 1938 — 64%	Em 1946 — 77%

Durante a última guerra, 1.800 emprêsas médias (com um ativo de 4 bilhões de dólares) foram absorvidas por 49 firmas gigantes: 50.000 pequenas emprêsas desapareceram.

LIVROS e Revistas

"A PROPÓSITO DAS MEMÓRIAS DE CHURCHILL"

I. ERMACHEV

Afastado dos negócios públicos após o fim das hostilidades passou Winston Churchill a escrever suas Memórias. As primeiras notícias do fato tornaram-se conhecidas a partir do ano passado (1). Soube-se depois, que uma sociedade anônima fôra constituída para a publicação das Memórias do antigo primeiro ministro britânico. Dêsse modo, foi esta questão desde o início colocada sobre uma ampla base comercial. É fácil adivinhar que os principais acionistas são norte-americanos, mais exatamente as companhias que editam o "New-York Times" e a revista "Life". Na qualidade de terceira acionista de medíocre importância figura a companhia inglesa, proprietária do "Daily Telegraph and Morning Post".

Visam, porém, as Memórias de Churchill não somente proporcionar benefícios aos acionistas e honorários ao autor (uma rechonchuda soma de perto de um milhão de dólares) mas também dar um lucro político para os reacionários britânicos e seus amigos americanos. Trata-se na verdade de uma vasta empresa de falsificação da história.

Há algum tempo e antes mesmo do aparecimento do primeiro tomo das Memórias de Churchill, começou o *New York Times* a sua publicação sob o título geral de "A segunda guerra mundial".

Eis a epígrafe que consta da primeira página do livro:

As conclusões dêste livro: resolução na guerra; audácia na derrota; magnanimidade na vitória; boa vontade na paz.

Tais são as quatro virtudes que, a se dar crédito a Churchill, distinguem a política exterior britânica nos temíveis anos de antes e durante a guerra. Sabe-se, entretanto, que tudo foi bem diverso: o imperialismo britânico deu prova de irresolução na guerra, de confusão na derrota, de presunção na vitória e de uma extrema má vontade para como os que conquistaram esta paz a preço de seu sangue.

Basta êste detalhe para demonstrar a orientação das Memórias de Churchill. No prefácio, o autor declara considerar seu novo livro a continuação da história da primeira guerra mundial, exposta em sua obra de vários volumes intitulada *A Crise mundial*. Tomados em conjunto, devem êstes livros, no dizer do autor, formar "a história da nova guerra de 30 anos".

E acrescenta Churchill:

Não considero estas notas como história. Este será o trabalho de

uma outra geração, mas ousou afirmar que são uma contribuição para a história e que prestarão serviço no futuro.

Todos os livros de Churchill são escritos com um fim político determinado: justificar a política das classes dominantes da Grã-Bretanha. A obra *A Crise mundial* oferece um modelo dos processos pelos quais se desnaturam os fatos históricos tratados de uma maneira duplice. As novas Memórias de Churchill têm o mesmo objetivo: justificar e mesmo exaltar os meios governamentais britânicos. De passagem Churchill glorifica, naturalmente sua própria pessoa. Isto, contudo, está na ordem das coisas.

O que já foi publicado nas colunas do *New-York Times* (de fato, dispomos apenas dos 27 primeiros capítulos do tomo I) formiga de alterações e falsificações diretas e indiretas, de reticências equívocas e desejadas. Poder-se-ia escrever todo um livro para analisar os acontecimentos mencionados por Churchill, seguindo-o passo a passo, afim de convence-lo da deformação e falsificação dos fatos ou simplesmente pega-lo em flagrante delito de mentira. No presente artigo, nos deteremos apenas sobre um determinado grupo de deformações e de falsificações. Trata-se, com efeito, de um assunto importantíssimo, fundamental mesmo, qual seja, a política inglesa de organização da guerra contra a União Soviética, utilizando-se da Alemanha hitlerista.

Naturalmente, Churchill não é tão simplório que resolva por processos simplistas um problema tão delicado quanto êste da defesa da política de Baldwin e de Chamberlain. Pelo contrário, para salvar as aparências, se esforça por todos os meios de complicar o quadro geral, sem esquecer, naturalmente, de pôr em relêvo sua própria pessoa. Faz censuras a Chamberlain e chega mesmo a criticá-lo. Tudo isto, porém, não passa de perfídia e astúcia de advogado, que pede ao tribunal da história um veredicto de absolvição para os mais odiosos personagens que, durante muito tempo, figuraram na sombria arena do imperialismo britânico.

Churchill quer dar a impressão de que não há razão alguma para se duvidar da lealdade, da honestidade, da respeitabilidade ou do pacifismo de Baldwin, de Chamberlain, de Halifax e de outros homens políticos super-reacionários da Grã-Bretanha, a respeito dos quais se pode dizer que precipitaram Hitler no caminho que causou tantas vítimas e tantos sofrimentos inauditos à Europa e a todos os seus povos.

Num certo sentido, pode-se dizer que Churchill não teve sorte. O primeiro

volume dessas Memórias aparece no momento em que o ministério das Relações Exteriores da União Soviética pública dois tomos de "*Documentos e materiais referentes a véspera da segunda guerra mundial*." Os documentos extraídos dos arquivos alemães fornecem provas arrasadoras da política criminosa seguida pelos fautores de guerra internacionais em geral, e pelos imperialistas britânicos, em particular. Estes documentos refutam muitas das lendas forjadas por Churchill.

O antigo primeiro ministro faz todos os esforços para fazer esquecer o papel, que êle próprio representou como organizador da luta à mão armada contra a República dos soviets. Eis, por exemplo, em que termos modestos principia o capítulo I do primeiro tomo:

Após o fim da guerra mundial de 1914, tinha-se a convicção profunda e a esperança de que a paz ia reinar sobre o mundo. Este desejo cordial de todos os povos era fácil de realizar, defendendo-se obstinadamente as convicções justas e manifestando-se suficiente bom senso e prudência.

Impossível ser mais esperto! Mas esqueceu-se o Snr. Churchill de que antes mesmo do fim da "guerra mundial de 1914" êle próprio, na sua qualidade de ministro da Guerra da Grã-Bretanha foi um dos principais animadores e organizadores da intervenção e da guerra civil na Rússia dos Sovietes? No oeste, a "guerra mundial" chegou ao fim em 1918, mas Churchill fez com que ela continuasse a leste, durante muitos anos ainda. Fez guerra ao poder soviético, ao poder mais pacífico e mais progressista que a história da humanidade conheceu. Sobre êste assunto Churchill não diz palavra alguma, mas ninguém o esqueceu!

Podia Churchill não compartilhar da concepção anti-soviética em que se inspirava a política exterior de todos os gabinetes conservadores ingleses no período de antes da guerra? Evidentemente não! Em que não estava êle de acôrdo com Baldwin e Neville Chamberlain? Êle era de opinião que a política dêstes comportava riscos muito grandes para o imperialismo britânico, visto que Baldwin, e sobretudo Chamberlain tinham uma confiança excessiva em Hitler e na sua camarilha.

É tanto mais necessário sublinhar esse fato, quanto, com o desembaraço que lhe é próprio, Churchill quer se fazer passar por um campeão da colaboração anglo-soviética. Mas logo que se observam as coisas mais de perto, percebe-se que sua atitude nada mais é do que uma variante da mesma política britânica que visava lançar a Alemanha contra a União Soviética. A única diferença entre as duas variantes provinha de que Churchill

(1) Documentos e materiais referentes à véspera da segunda guerra mundial. Tomo II. Arquivos Dirksen, 1938-1939.

considerava injustificado e mesmo nocivo ao imperialismo britânico o fato de Chamberlain estar pronto a pagar ao regime hitlerista um preço excessivamente alto pelo seu "trabalho". Era somente sobre o preço que não se estava de acôrdo.

Relata Churchill uma de suas conversas com Ribbentrop, que era, na época, embaixador da Alemanha em Londres. Realizou-se "ela" uma vez em 1937 na embaixada da Alemanha e durou várias horas. A conferencia versou sobre o "acôrdo" e mesmo à possibilidade de uma "aliança" entre a Alemanha e a Grã-Bretanha. No decorrer desta conversa, Ribbentrop, que estava perfeitamente a par das tendências anti-soviéticas dos líderes do Partido Conservador e dos meios governamentais ingleses, expunha diante de Churchill, sem o minimo embaraço, os planos dos invasores hitleristas. A Inglaterra devia dar à Alemanha carta branca no leste da Europa, dizia Ribbentrop, e enumerava os territórios que a Alemanha teria o direito de engulir: a Polônia, o corredor de Dantzig, a Bielo-Rússia e a Ucrânia. O embaixador da Alemanha acrescentava que estes territórios seriam "absolutamente indispensáveis para assegurar o futuro do Reich."

Eis o tipo de conversação confidencial sobre as mais secretas intenções dos bandidos hitleristas, que o diplomata fascista mantinha com Churchill! E qual foi a atitude deste último? Julgava êle de bom-aviso assegurar ao embaixador da Alemanha que "nosso ódio (isto é, o ódio dos meios governamentais britânico) pelo comunismo não era menor do que o de Hitler." Era tudo o que Ribbentrop queria saber, pois, para êle, Churchill era o chefe da oposição contra a política de Chamberlain no seio do Partido Conservador.

Churchill procura, manifestamente, endireitar a história sinistra da política exterior britânica daquela época. Ele não podia deixar de saber que, na realidade, o governo inglês aceitara reconhecer a supremacia do fascismo alemão sobre o continente europeu, a leste e a sudêste em particular, sob a condição de que o bando hitlerista orientasse sua expansão criminosa contra a União Soviética.

Encontramos uma das melhores confirmações deste fato na declaração feita por Lord Halifax, ministro britânico das Relações Exteriores, a Dirksen, Embaixador da Alemanha em Londres, no curso de sua palestra de 9 de agosto de 1939. Halifax aí explicou a Dirksen os motivos que tinham inspirado o governo inglês na preparação do acôrdo de Munique. Dirksen expõe nestes termos as palavras do ministro britânico:

Depois de Munique, estava êle convencido de que por um prazo de 50 anos a paz estaria assegurada ao mundo, mais ou menos nesta base: a Alemanha, potência dominante sobre o continente, exerceria antes de tudo seus direitos no Sudeste da Europa, direitos de caráter essencialmente comercial e político; ali, a Inglaterra faria comércio apenas numa escala reduzida; na

Europa ocidental, a Inglaterra e a França, postas ao abrigo de um conflito com a Alemanha por linhas de fortificação de ambos os lados, limitar-se-iam a proteger suas possessões por medidas defensivas e a desenvolver seus recursos naturais (1).

Como vemos, o governo britânico não achava que o fato de a Alemanha tentar estabelecer seu domínio sobre a Europa oriental, conduziria inevitavelmente a uma guerra com a Grã-Bretanha. Pelo contrário, o governo britânico empurrava diretamente a camarilha hitlerista para a sua aventura no Leste. Churchill faz tudo o que pode para ocultar êste fato, mas são tentativas destinadas ao fracasso.

Assegura Churchill que teria "pôsto em guarda" os agressores no decorrer de sua conversa com Ribbentrop. Há nisto, uma contra-verdade flagrante, desmentida pelo... próprio Churchill.

E' verdade que não se poderia encontrar nas Memórias de Churchill a menor confissão de que se tivesse mantido na mesma posição dos muniquistas. Existe, entretanto, um documento revelador que Churchill deixa passar em silêncio. São as próprias notas sobre sua conversação com Förster, sátrapa fascista de Dantzig, na ocasião muito íntimo de Hitler e de Himmler. Realizou-se esta conversa a 14 de julho de 1938 e ali Churchill exprimiu bem claramente suas opiniões.

Lemos, pois, nestas notas, que Churchill assegurara a Förster que "a Inglaterra e a França tudo fariam para levar o governo de Praga a concordar" com que a região dos sudetos fôsse separada da Tchecoslováquia! Mas Chamberlain, Daladier, a súcia dos muniquistas em geral já não tinha dado as mesmas garantias aos invasores hitleristas?

Mais do que isso, Churchill disse:

Não sou um adversário da grandeza da Alemanha e a maioria dos ingleses deseja que ela ocupe seu lugar como uma das duas ou três Potências dirigentes do mundo.

Förster, entusiasmado com êsses encorajamentos e declarações inteiramente dentro do espírito de Munique, apressou-se em responder:

Se a Inglaterra e a Alemanha se entendessem, poderiam reparar o mundo entre si.

Churchill não menciona esta conversa em suas Memórias. Da mesma forma silencia sobre seu encontro e sua palestra (quase na mesma época) com um outro hitlerista, Bohle, chefe dos agentes hitleristas no estrangeiro. Êste documento veio, contudo à luz no primeiro tomo dos "*Documentos e materiais referentes à véspera da segunda guerra mundial*", publicado pelo ministério das Relações exteriores da U.R.S.S. Basta comparar as notas de Churchill sobre sua conversação com Ribbentrop "uma vez em 1937" e as que extraiu de seu encontro com Förster, em julho de 1938, para nos darmos

conta da rapidez com que o autor das Memórias mudava de posição.

Descrevendo os instantes vividos nos primeiros dias da guerra, afirma Churchill que logo que a sireia deu o alarme, experimentou um sentimento de "sublime desprendimento".

A glória da velha Inglaterra pacífica, mal preparada, mas respondendo imediatamente e sem temor ao apêlo da honra, emocionou-me profundamente.

Palavras vazias apenas! Após tanto tempo, Churchill já não é mais homem para se deixar enlevar por sentimentos líricos. Tôda esta tirada é destinada apenas a dissimular a falta de coesão da narrativa que, nos trechos mais importantes, se reveste das aparências de pregação melodramática e barata.

Mas Churchill é um "virtuoso" no gênero. Deve, por exemplo, custe o que custar, justificar Baldwin e ainda por cima Chamberlain. Como se arranja para fazê-lo? Exagerando uma pseudo "objetividade", Churchill não tem o menor escrúpulo em afirmar que o governo conservador estava animado

de um espírito pacífico sincero e da fé patética na possibilidade de a edificar (a paz) unicamente sobre o amor.

Permite-se criticar o governo Baldwin por ter dado prova "de estúpida suficiência e de se ter mostrado desamparado", mas, logo em seguida, afirma que os atos do governo eram "sem perfídia" e que, de uma maneira geral, estavam "isentos de tôda má intenção e não contaminados pelo vício". Se o governo Baldwin permitiu à Itália fascista de dominar a Etiópia, explica-o Churchill pelo "sincero espírito pacífico de seus membros". Churchill não acusa Baldwin, pois, diz êle, o homem é fraco e não pode "prever as conseqüências dos atos acertados ou falsos, as conseqüências da virtude ou da malícia". Ainda mais: segundo Churchill, renunciando ao seu cargo de primeiro ministro e transmitindo-o a Chamberlain, Baldwin "deixou seu pôsto sob a auréola da gratidão e da estima pública".

Mais eis Chamberlain no poder. Churchill qualifica-o como "o ministro mais capaz e mais enérgico; homem de talento, pertencente a uma família que se tornou célebre na história". Encontramos nas Memórias características extremamente variadas de Chamberlain. Eis algumas delas como exemplo:

Homem alerta, prático, mas obstinado e cheio de segurança no mais alto grau... Esperava, antes de tudo, entrar na história na qualidade de grande "pacificador"... Chamberlain tinha a consciência da missão particular que lhe competia, sobretudo a de realizar um acôrdo amigável com os ditadores da Itália e da Alemanha... Como ato prévio para solução geral das desavenças com Mussolini, estava êle pronto a reconhecer a conquista da Abissínia pela Itália. Esta-

va disposto a fazer concessões coloniais a Hitler. Ao mesmo tempo não se decidia a conceder um pouco que fôsse de atenção à questão da consolidação das forças armadas britânicas ou à da necessidade de cooperar estreitamente com a França tanto no domínio militar e de estado-maior, como no político.

Adiante, Churchill permite-se dizer mais alguma coisa, exprimindo-se, porém, em termos igualmente equívocos:

Chamberlain e seu limitado horizonte, sua experiência dos negócios europeus... A ausência absoluta do senso da medida e mesmo do instinto de conservação neste homem honesto, instruído e animado das melhores intenções".

E, enfim, uma última "pinçada":

Os esforços obstinados e perseverantes de Chamberlain para manter a paz suscitaram admiração sincera e geral. E', contudo, impossível não mencionar a longa série de cálculos errôneos e de falsos julgamentos formulados por êle sobre os homens e os fatos, julgamentos sobre os quais se baseara. Todavia, os móveis que o inspiraram jamais foram postos em dúvida e o caminho por êle escolhido exigiu o mais alto grau de coragem moral.

Tais são os retratos de Baldwin e de Chamberlain pintados por Churchill que tem ampla experiência do assunto!

Mas que representam êstes retratos?! Um M. Pickwick contemporâneo, um bocado trapalhão, demasiadamente direito e honesto, ingênuo e, por vêzes, mesmo idiota. E também um Manfred moderno, vítima de sua ambiciosa determinação de salvar a paz. Mas como tudo isto está longe da realidade!

Baldwin em nada se assemelhou a Pickwick, nem Chamberlain a Manfred. Foram ambos políticos cínicos. Conduziram metódicamente as negociações para o desencadeamento da guerra contra a União Soviética. Começada por Baldwin, esta tarefa foi rematada por Chamberlain. Churchill, bem entendido, também andou com a mão na massa. E se, no fim das contas, todo o plano estratégico do imperialismo britânico caiu por terra, isto prova a ausência de perspicácia dos líderes do campo imperialista.

Sabe-se que houve luta entre Churchill e Chamberlain. Na direção do partido conservador, Churchill passava por um adversário de Chamberlain. Mas não era uma luta de princípios, explicando-se, antes, por razões de ordem tática. No fundo, não havia divergência de opiniões entre os dois líderes conservadores. Tomando agora a defesa de Chamberlain, justificando-o publicamente, Churchill desnatura conscientemente os fatos para salvar o prestígio dos líderes conservadores. Enquanto vivo, Chamberlain embaraçava até um certo ponto Churchill e seu grupo, que pretendiam exercer o papel dominante no partido e que atingiram, no fim das contas, seus objetivos.

Morto, Chamberlain serve de bandeira. Portanto, justificando Chamberlain, Churchill justifica os muniquistas de hoje.

Assim que Churchill chega aos fatos, toda a sua "filosofia da história" se esboroa. E', porém, obrigado, de tempos em tempos, a voltar a êles pois, não nos esqueçamos de que pretende ser "imparcial"! Eis o que lemos, por exemplo, a propósito do resultado final da política criminosa dos líderes conservadores:

Lancemos um olhar retrospectivo para ver o que, sucessivamente, aceitamos e rejeitamos: a Alemanha desarmada por um tratado solene; a Alemanha rearmada com violação de um tratado solene; liquidação da superioridade ou mesmo da igualdade no ar; ocupação, pela força, da Renânia e construção da linha Siegfried; constituição do eixo Berlim-Roma; a Áustria retalhada e devorada pelo Reich; a Tchecoslováquia abandonada e arruinada pelo pacto de Munique; a passagem de suas fortificações para as mãos dos alemães; o poderoso arsenal das usinas Skoda produzindo, daí em diante, munições para o exército alemão; de um lado, rejeição da tentativa do presidente Roosevelt visando estabilizar a situação na Europa ou produzir uma reviravolta pela intervenção dos Estados Unidos e, de outro lado, atitude de desdém frente ao desejo incontestável da Rússia Soviética de se juntar às potências ocidentais e de tudo fazer para salvar a Tchecoslováquia; 35 divisões tchecas não mais entrando, agora, em linha de conta, já que o exército alemão não estava ainda maduro e que a Grã-Bretanha não podia fornecer mais do que duas divisões para reforçar o "front" na França. Tudo isso foi semeado ao vento.

Não, não foi tudo "semeado ao vento", mas posto sobre a balança da Alemanha hitlerista, pois Chamberlain sabia muito bem o que fazia. Ora, Churchill quer provar que Chamberlain e seus colegas não sabiam o que faziam.

O antigo "Premier" britânico que, certamente, tinha acesso aos arquivos do "Foreign Office", desejaria fazer crer aos leitores que, logo que Chamberlain se deu conta da "deslealdade de Hitler"

atingimos uma fase em que cessaram todas as relações entre a Inglaterra e a Alemanha.

Mas isto nada mais é que uma mentira, ademais absolutamente fortuita, pois, de outra maneira, Churchill deveria fazer menção a uma das coisas mais ignóbeis que Chamberlain se preparava para fazer, começando, algumas semanas antes do início da guerra, conferências com Hitler visando um acordo anglo-alemão. Nem uma palavra de tudo isto nas Memórias de Churchill. E no entanto, teve este fato consequências fatais. Com efeito, pôs êle em

movimento a avalanche da agressão fascista.

Em seu "Compêndio recapitulativo", o antigo embaixador da Alemanha em Londres, Dirksen, faz uma exposição detalhada das conferências secretas, realizadas entre a Inglaterra e a Alemanha em julho de 1939. Êste documento nos mostra que o governo britânico tomara a iniciativa de propôr à Alemanha a assinatura de um certo número de acordos para regularizar inteiramente as relações entre os dois países. Como escreve Dirksen, o programa proposto pelo governo britânico previa "acôrdos de natureza política, militar e econômica".

Como no tempo das conferências de Munique, tratava-se, antes de tudo em Londres, do reconhecimento, por parte do governo britânico, da dominação da Alemanha fascista na Europa, isto é, do consentimento da Grã-Bretanha em não molestar a agressão fascista no continente. As conferências tinham chegado, precisamente, a êste ponto. Como escreve Dirksen, tratava-se

de permitir que os ingleses se libertassem gradualmente de seus compromissos para com a Polônia.

A Áustria e a Tchecoslováquia entregues a Hitler, como teria podido o governo inglês conduzir as negociações para um conflito armado direto entre a Alemanha e a União Soviética sem trair a Polônia? Relata Dirksen que se prometera aos alemães anular o pacto franco-soviético e interromper as conferências visando ações comuns com a União Soviética. Em outros termos, empurrava-se conscientemente os alemães para a guerra contra a União Soviética. Se um acôrdo não interveio nesta época foi unicamente porque os dois marotos não tinham mais confiança um no outro. Dirksen cita ainda uma explicação:

O fato de que a Alemanha tenha reclamado para si um lugar de potência mundial num pé de igualdade com a Inglaterra deve ser considerado como tendo provocado a tragédia, como tendo sido o fator decisivo no desencadear da nova guerra anglo-alemã (1).

Os dois parceiros foram longe demais em seu jôgo e foram grosseiramente logrados. Perderam a partida, e o resultado da segunda guerra mundial é disso testemunho. Mas o silêncio guardado por Churchill a êste respeito, explica claramente a finalidade do seu livro.

Churchill reserva um grande espaço, em suas Memórias, para as tentativas feitas pela reação anglo-francesa de se servir dos meios reacionários da Finlândia a fim de arrastar a União Soviética à guerra na Europa desde o outono de 1939. O autor nos fornece interessantes informações sobre esta aventura anglo-francesa abortada. Mas expõe os fatos como se êle mesmo nada tivesse com êles. E no entanto, a preparação da expedição de Narvik e a transferência de tropas anglo-francesas foram obra de Churchill, então ministro da Marinha da Grã-Bretanha.

PROSEGUE o imperialismo anglo-norte-americano no seus desígnios de preparação guerreira, procurando por todos os meios forçar um clima que possibilite a eclosão de uma aventura armada contra os povos do campo da paz e do progresso. Não só medidas concretas de rearmamento intenso, como também o trabalho ostensivo de desmoralização da Organização das Nações Unidas, vêm sendo realizado pelos imperialistas de Wall Street, porque, não encontrando meios de transformar a tribuna da ONU em instrumento de sua política guerreira, passaram ao plano de torná-la inativa, forçando por exemplo a permanência em seus quadros dos representantes fantoches do grupo derrotado de Chiang-Kai-Shek.

O apressamento dos preparativos guerreiros americanos é hoje ostensivo, com freqüentes conferências secretas do alto comando militar com o presidente Truman, ou mesmo nas regiões mais distantes do Extremo Oriente e da Europa. Já discutem abertamente o problema de mudança de sua capital para outros pontos do país, lançam o programa de fabricação da super-bomba de hidrogênio, debatem esquemas de defesa atômica, tudo como se estivessem a poucos momentos de um efetivo estado de guerra. Não resta dúvida que todo esforço aparatoso visa não só criar o clima necessário à aventura armada que tanto ambicionam, como também procuram com isto desviar a atenção do povo para a situação cada vez mais crítica em que vai caindo a estrutura econômica do imperialismo, com as greves crescentes, dos mineiros e de outros ramos profissionais, passando por cima até mesmo dos velhos líderes a serviço das manobras reacionárias, como Lewis e outros. Desesperados com o fortalecimento e ampliação cada vez maior do campo da paz, procuram os magnatas imperialistas dar uma impressão de falsa segurança, e tranquilidade diante da crise que se avizinha, chegando mesmo o presidente Truman ao ridículo de encomendar um automóvel guarnecido de ouro para seu uso pessoal, com que deseja dar exemplo de faustosa riqueza do país, não obstante a queda de produção, de negócios, de exportação, de poder aquisitivo do povo e aumento do exército dos desocupados que aumentou de milhões este mês. Ao mesmo tempo a reação vai apertando o seu cerco, desmentindo os falsos conceitos de ampla liberdade na terra ianque, como se comprova com a aplicação da lei anti-operária, com a exclusão de sindicatos da CIO, pelo simples fato de terem como dirigentes trabalhadores independentes e progressistas, que não pactuam com o desejo belicoso dos imperialistas.

NO SETOR EUROPEU do campo imperialista se verifica o desespero dos governos reacionários da França e da Itália, procurando por todos os meios fazer o aceleração da preparação guerreira a serviço dos magnatas norte-americanos, no que encontram crescente oposição ativa do povo e dos trabalhadores, que se manifestam por meio de gre-

Nesta ocasião também vemos Churchill entre os inimigos mais encarniçados da União Soviética.

Churchill entoa louvores aos fautores da segunda guerra mundial, pois ele próprio foi um deles. Incensa os organizadores do acordo anglo-alemão, porque ele é, na hora atual, um dos principais pregadores do renascimento do imperialismo alemão. Por fim, eleva ao primeiro plano os inimigos da União Soviética porque ele foi, e continua a ser um dos mais ferozes inimigos do país dos Sovietes.

E' sempre o mesmo Churchill, o organizador da intervenção e de inumeráveis conspirações contra a nossa pátria. Ele não mudou e continua servindo a causa da reação mundial. As novas Memórias de Churchill acrescentam apenas um novo traço a seu retrato político bem conhecido.

GÔTA NO RIO — POEMAS DE ANTONIETA DIAS DE MORAIS SILVA

Num mundo em que artistas, poetas, músicos, pensadores estão colocados tão acima dos problemas concretos da existência, que a sua linguagem se tornou totalmente incompreensível para o comum dos mortais, somos gratos a Antonieta Dias de Moraes Silva por haver publicado um livro que pudemos ler, sem que o primeiro problema com que nos deparássemos fôsse o de aquilatar da nossa deficiência intelectual, ou da falta de sinceridade e mesmo da sanidade mental — ou melhor moral — do autor. Tranqüilizados a este respeito, foi-nos um prazer ler o seu livro.

Este tem o primeiro mérito de toda e qualquer obra de arte: o da mais absoluta sinceridade. Não tendo sabido ainda dar um sentido de ação à sua vida, ela se debate em torno de problemas íntimos e pensa encontrar a razão de ser da existência, dando-lhes realidade sob a forma de arte. E este objetivo ela o realiza plenamente. Ela é realmente artista. Encontra para exprimir o seu pensamento figuras poéticas, imprevistas pela imaginação e delicada sensibilidade. Tem realmente talento. Mas não é aí que reside o mérito do seu livro.

O grande mérito do livro está nos problemas que debate com a mais absoluta sinceridade e coragem, pois teve a coragem de abordar um tema, que parece ser para ela de grande importância — o amor, naquilo que este sentimento tem de material e concreto, isto é, de natural, mas que ao mesmo tempo só vale pelos sentimentos nobres de que é criador. Esta é a concepção da sua bela poesia "Cântico da Virgem ao futuro Companheiro Desconhecido." Mas o amor é um momento na sua existência. Nela existe uma terrível ânsia de libertação. É a sua primeira poesia — "Livre". Assim mesmo subsiste uma incerteza. "Mas, ai de mim, sou mulher e tenho um coração", é o último verso desta bela peça.

Este desejo de libertação, porém, volta cada vez mais forte e poderoso. É como um estribilho através da obra toda. A libertação da mulher do jugo do homem, dos ve-

lhos preconceitos; idéias que tão bem exprime na sua poesia o "Jugo do Passado" em que se exclama: "Queimar as rosas de papel que me puseram nas mão e colhêr as rosas vivas", para se afirmarem já creias de segurança em "A Nova Mulher", poesia que dedica a todas as mulheres de "alma livre". Entretanto, é frágil e a sua inquietação volta a dominá-la, tomada do desânimo que exprime com tanta delicadeza e numa bela imagem, cheia de filosofia pessimista, em sua poesia "A Flauta."

Apesar de tratar exclusivamente de problemas íntimos o livro de Antonieta Dias de Moraes Silva está ligado a um problema muito concreto da mulher brasileira: o da sua libertação. O seu erro consiste em pensar — ou ter pensado — que podia encontrar na arte essa libertação. A arte assim compreendida, não passaria, como não passou no seu caso de uma forma de masoquismo, de um eterno revolver das mesmas feridas, proporcionando, quando muito, ao autor uma compensação de vaidade. Semelhante atitude provém de uma falsa compreensão do que seja a arte, cuja forma não pode ser separada do seu conteúdo. Uma arte é grande e como tal merece unicamente ser chamada arte, quando exprime pensamentos, sentimentos, emoções, que são grandiosos. Em outras palavras a obra de um artista não pode ser julgada separadamente da sua vida, isto é, da sua ação.

É neste sentido que a obra poética de Antonieta Dias de Moraes Silva é deficiente. Não basta sentir a necessidade da libertação humana. É preciso trabalhar por ela e então o que o poeta exprime não são desejos vagos e imprecisos, logo desmentidos pela realidade da vida, mas a força de uma grande luta humana da qual ele participa e da qual sabe cantar toda a beleza e toda a grandiosidade. Mas por causa da profunda sinceridade que se nota em toda a obra da autora, à qual não passou despercebido o drama no trabalho humano, tão bem revelado na sua poesia "En la Boca del Riaquello", infelizmente inscrito em espanhol, e do seu incontestável talento é que saudamos em Antonieta Dias de Moraes Silva o aparecimento de um novo valor poético em nossa terra, em que ela, como tantos outros, saberá cantar o heroísmo do nosso povo massacrado, na sua luta pela libertação nacional.

E. C. N.

A "AJUDA" AMERICANA...

... «Considerando que as vantagens decorrentes da concessão de créditos pelos Estados Unidos e outros acordos deste gênero constituem nosso melhor instrumento para as negociações e para a obtenção de concessões econômicas e políticas destinadas à estabilização da situação internacional, a Comissão propõe que se oriente inteiramente a nossa política econômica no sentido da realização deste objetivo. Ela está particularmente interessada em que sejam protegidos os direitos de propriedade das firmas americanas»...

Do Relatório da Comissão de Política Econômica de Após Guerra da Câmara de Representantes Novembro de 1945.

Política do Mês

ves e de medidas concretas destinadas a impedir o embarque e o desembarque de armamento de guerra, usando de todos os meios inclusive o de atirar ao mar a carga sinistra, como se tem verificado nos portos da França durante os carregamentos de provisões bélicas para a guerra da Indochina. E' crescente a onda de protesto e ação contra os desígnios de governos, como o de Bidault, que está encarregado de arregimentar o grosso da força européia de agressão, através da formação de 70 divisões para a aventura da guerra contra a União Soviética que tanto desejam. Para isto é pôsto em prática um completo programa de reação contra o povo, pela supressão de suas liberdades, com reforçamento das arbitrariedades policiais.

Na Inglaterra, que viveu este mês sob o clima das lutas eleitorais, tôdas as correntes — trabalhista, conservadora, liberal — não deixaram de pôr em prática um sentido mais demagógico em suas campanhas para embair o povo a votar em seus candidatos, usando até mesmo da exploração do sentimento pacifista do povo, ao darem a impressão de que são seus objetivos promover negociações de paz diretamente com a União Soviética, quando é certo que todos êsses partidos da reação imperialista, são coincidentes em seus programas de aliança guerreira com os norte-americanos, o que desde já revela que a vitória da qualquer dêles ou de coligação partidária por êles formada passa a ser a continuação da mesma política provocadora e guerreira anterior.

NAS DEMOCRACIAS POPULARES no entanto, o trabalho da construção pacífica se desenvolve em ritmo seguro, não obstante todas as provocações, sabotagens e atividades de espionagem dos agentes imperialistas que se infiltraram em suas terras, e de onde vão sendo desalojados e processados, como os bandidos de Vogeler na Hungria, que se revelaram criminosos confessos a serviço dos imperialistas de Washington.

O SETOR DO EXTREMO ORIENTE é o que ocupou neste último mês maior espaço do noticiário da imprensa. A República Popular da China firmou com a União Soviética, depois das importantes conversações de Moscou, entre os líderes da revolução chinesa e os dirigentes da Pátria do Socialismo, um tratado de amizade e aliança defensiva que vem produzindo a maior repercussão e que está fadado a causar o mais profundo e salutar efeito no campo da política internacional. Constituindo o seu texto o desmascaramento das provocações da imprensa venal e das declarações desonestas dos dirigentes norte-americanos, como Acheson e outros, o tratado sino-soviético revela a pureza de uma diplomacia de novo tipo, a serviço da independência dos povos, da cooperação fraternal das nações e do entendimento amistoso dos governos empenhados na consolidação da paz e do progresso, contra os provocadores de guerra e a exploração imperialista.

Ao mesmo tempo, se consolida a vitória de mais uma nação asiática, com

a instauração da República Popular do Vietminh, tendo seu grande líder Ho Chi Minh à testa do governo que vai derrotando o expulsando os imperialistas colonizadores franceses ajudados pelos anglo-norte-americanos. O reconhecimento do governo de libertação nacional do Vietminh, por parte da União Soviética e das democracias populares, tem dado margem a que se extravaze o furor dos exploradores coloniais franceses a serviço da guerra de opressão dos povos asiáticos, numa tentativa inútil de salvar os ricos territórios em que se realizava a mais vergonhosa exploração imperialista.

Desesperados diante do progressivo desenvolvimento da luta de libertação que vai cobrindo todos os recantos da Ásia e das Ilhas do Pacífico, os imperialistas ianques se desdobram em conferências militares e diplomáticas em tôda parte, em Bancoc, em Tóquio, em Manilha, para alinhar planos guerreiros contra os povos libertados ou em vias de libertação, procurando arregimentar as desmoralizadas forças da reação colonial em uma frente anticomunista no Sião, na Indochina, na Indonésia, nas Filipinas, na Coréia do Sul, no Japão, na vã esperança de que a história pode ser recuada, para conseguirem restabelecer a exploração colonial e feudal que lhes deu riqueza durante vários séculos de aniquilamento dos povos nativos.

NA AMÉRICA LATINA, caracterizou-se este último mês pela preparação de um novo «Plano Cohen» de inspiração americana, que foi experimentado no Brasil, onde sofreu a mais positiva e imediata denúncia por parte do povo e da imprensa popular, ao mesmo tempo que o grande líder Luís Carlos Prestes apontou à nação os tenebrosos desígnios dos imperialistas para afogar o país em nova onda de sangue e repressão, e por isto concitou o povo e os trabalhadores à luta decisiva contra a sua execução. Poucos dias depois apareceu na Bolívia a nova versão do mesmo «Plano Cohen», com provocações contra os líderes brasileiros Prestes, Amazonas, Crispim, Agildo Barata e outros, e por meio desse plano vêm tentando os norte-americanos criar ambiente de terror para mais fácil aplicação de seus programas de guerra na América Latina. Também o «Plano Cohen» boliviano foi alvo de imediato desmascaramento, dada a vigilância dos povos sul-americanos. Não desanimaram, no entanto, os autores do sinistro empreendimento, pois que o plano terrorista apareceu na Argentina, onde há poucos dias o governo fascista de Peron lançou um aparatoso simulacro de golpe abortado, procurando apresentar as forças populares como empenhadas em atividades tenebrosas. E' que Peron deseja mostrar serviço valioso aos magnatas ianques para selar a sua definitiva aliança com a reação guerreira no continente, com que deseja obter os empréstimos que vai negociando em Washington, a troca da entrega definitiva das riquezas portenhas aos preparadores de novo conflito armado.

NO BRASIL sobressai a completa submissão do governo Dutra aos planos de dominação guerreira do imperialismo americano, como é prova a vinda do espião Kennan e sua trupe de diplomatas ao Rio, para confabulações contra nossa independência, de abocanhamento de nossas riquezas e de alinhamento definitivo de nossas forças armadas dentro da estrutura bélica imperialista. Intenso vem sendo o movimento popular de repúdio a essa manobra dos magnatas de Kennan, no sentido de expulsá-los de nosso território como inimigos de nossa Pátria.

Os patriotas vão sentindo a necessidade de reforçamento dessa luta libertadora, e assim é o deputado Artur Bernardes quem alerta a nação diante do criminoso tratado da Hiléia Amazônica, que entrega a grande e valiosa região brasileira aos exploradores imperialistas. São os convênios bilaterais assinados pelo governo Dutra com o Departamento de Estado, para uma ruínosa estabilização do preço vil de nossas matérias primas fornecidas aos magnatas de Wall Street.

Sujeitando assim nossas riquezas aos imperialistas, o governo vai forçando uma situação cada vez mais ruínosa para o povo que se debate na maior miséria de todos os tempos. E' o Lôide Brasileiro que confessa não estar em condições de pagar seus funcionários. E' o abono da Central que é sonegado aos operários, obrigando-os a um movimento grevista de ampla repercussão. São os trabalhadores da Sorocabana lesados em seus direitos pelo veto ao projeto 209, que faz transbordar o descontentamento geral e produz a greve de Botucatu. E' a ruína da indústria madeireira nacional que não obtém nenhuma medida de proteção governamental. E' o assassinio de mais um trabalhador pela polícia paulista, como se verificou com Bernardino Alves de Oliveira, retirado de sua casa para perder a vida sob os mais bárbaros espancamentos.

Enquanto isto o governo vai manobrando com uma falsa campanha de escolha de candidatos à sucessão presidencial, em que está visível o objetivo de desmoralizar o regime eleitoral vigente, com que se aplicará o reacionário golpe de sucessão contrária aos interesses do povo. Para isto vai sendo aprovada a lei de responsabilidade que legaliza a intervenção nos estados, e ao mesmo tempo procuram imprimir maior celeridade nos projetos de lei de segurança, de imprensa, sindical, e outras, de cujo conjunto resultará a supressão de tôdas as restantes liberdades asseguradas pela constituição. Mas tem cabido ao povo e aos trabalhadores, através de sua luta constante contra as leis de opressão, pela defesa da paz e das garantias constitucionais, tem cabido também à imprensa popular em sua campanha permanente contra os provocadores de guerra e de conquista imperialista de nossas riquezas e da nossa soberania, o grande mérito de impedir o advento de uma maior reação interna e dominação externa, o que somente se tornará definitivamente banido, pelo reforçamento dessas campanhas populares, pela paz, pela constituição, contra a lei de segurança, contra a penetração e exploração imperialista norte-americana.

PARA



VENTI

*Pára, viandante Pára um instante!
Pára, para tomar um Paraventi
E, depois, vai com Deus, segue adiante,
Com paz e alegria, sempre para a frente!*